



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
COORDENADORIA DE PROJETOS E ACOMPANHAMENTO CURRICULAR

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

GEOGRAFIA – BACHARELADO

FORTALEZA-CE
2023

JOSÉ CÂNDIDO LUSTOSA BITTENCOURT DE ALBUQUERQUE
Reitor

JOSÉ GLAUCO LOBO FILHO
Vice-Reitor

ANA PAULA DE MEDEIROS RIBEIRO
Pró-Reitora de Graduação

SIMONE DA SILVEIRA SÁ BORGES
Pró-Reitora Adjunta

ALINE BATISTA DE ANDRADE
**Coordenadora da Coordenadoria de Projetos
e Acompanhamento Curricular – COPAC**

AMANDA BENEVIDES DA COSTA
DEYSIELLE BEZERRA ROCHA
VIRGÍNIA MOURA GARCIA OLIVEIRA
Servidoras Técnico-Administrativas da COPAC

REGINA CÉLIA MONTEIRO DE PAULA
Diretora do Centro de Ciências

WANDEMBERG PAIVA FERREIRA
Vice-diretor

CRISTINA PAIVA DA SILVEIRA CARVALHO
Coordenadora de Programas Acadêmicos

ADRYANE GORAYEB NOGUEIRA CAETANO
Chefe do Departamento de Geografia

RUBSON PINHEIRO MAIA
Subchefe do Departamento

CARLOS HENRIQUE SOPCHAKI
Coordenador do curso

DIRCEU ROGÉRIO CADENA DE MELO FILHO
Vice-Coordenador

CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO DE OLIVEIRA
DIRCEU ROGÉRIO CADENA DE MELO FILHO
JADER DE OLIVEIRA SANTOS
MARTA CELINA LINHARES SALES
ADRYANE GORAYEB NOGUEIRA CAETANO (suplente)
FLÁVIO RODRIGUES DO NASCIMENTO (suplente)
MARIA EDIVANI SILVA BARBOSA (suplente)
TIAGO VIEIRA CAVALCANTE (suplente)

Membros do Colegiado

ALEXANDRE QUEIROZ PEREIRA
CARLOS HENRIQUE SOPCHAKI
DIRCEU ROGÉRIO CADENA DE MELO FILHO
JADER DE OLIVEIRA SANTOS
MARTA CELINA LINHARES SALES
TIAGO VIEIRA CAVALCANTE

Membros do NDE

CARLOS HENRIQUE SOPCHAKI
CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO DE OLIVEIRA
IARA RAFAELA GOMES
JADER DE OLIVEIRA SANTOS
MARIA CLELIA LUSTOSA COSTA
MARTA CELINA LINHARES SALES
TIAGO VIEIRA CAVALCANTE

Comissão de elaboração

DÉBORA DA SILVA MORAIS
Servidora Técnico-Administrativa da Coordenação do Curso de Geografia

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
1.1 Diretrizes Curriculares	6
1.2 Histórico da UFC.....	10
1.3 Histórico do Curso de Geografia	12
2 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	16
2.1 Nome do curso	16
2.2 Titulação conferida	16
2.3 Modalidade do curso	16
2.4 Duração do curso	16
2.5 Carga Horária Total do curso	16
2.6 Regime do curso	16
2.7 Número de vagas oferecidas por semestre/ano	16
2.8 Turnos previstos	17
2.9 Ano e semestre de início de funcionamento do curso	17
2.10 Ato de Autorização	17
2.11 Processo de ingresso.....	17
2.12 Princípios norteadores	17
2.13 Objetivos do curso	20
2.14 Perfil profissional do egresso	21
2.15 Áreas de atuação do futuro profissional	21
3 ESTRUTURA CURRICULAR.....	23
3.1 Conteúdos curriculares	24
3.1.1 A Curricularização da Extensão na Modalidade Unidade Curricular Especial de Extensão	26
3.1.2 Curricularização em Componentes Curriculares	27
3.2 Unidades e Componentes curriculares	28
3.3 Integralização curricular	34
3.3.1 Componentes curriculares obrigatórios por semestre, cargas horárias e pré-requisitos	34
3.3.2 Componentes curriculares optativos, cargas horárias e pré-requisitos ...	38
3.3.3 Distribuição da Carga Horária entre os diversos componentes curriculares	41

3.3.4	Prazos para integralização do curso – número de semestres	41
3.3.5	Carga horária mínima, média e máxima por semestre	42
3.3.6	Componentes equivalentes	42
3.4	Infraestrutura para ensino e aprendizagem	44
3.5	Procedimentos de acompanhamento e de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem	46
3.6	Estágio Profissional	47
3.7	Atividades Complementares.....	48
3.8	Trabalho de Conclusão de Curso	50
3.9	Ementário e bibliografias	54
4.	GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO	132
4.1	Coordenação	130
4.2	Colegiado	131
4.3	Núcleo Docente Estruturante	132
4.4	Apoio ao discente	133
4.5	Gestão do curso e os processos de avaliação interna e externa.....	136
5.	INFRAESTRUTURA DO CURSO	138
5.1	Recursos Humanos.....	138
5.2	Recursos Materiais e Infraestrutura	139
6.	ANEXOS.....	144
	ANEXO I - MANUAL DE ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO	144
	ANEXO II - MANUAL DE ESTÁGIO PROFISSIONAL.....	152
	ANEXO III – MANUAL DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES	157
	ANEXO IV – MANUAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	164
	ANEXO V – REGIMENTO INTERNO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	169
	ANEXO VI - LISTA DE DOCUMENTOS DE ORIENTAÇÃO	174

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Geografia/Bacharelado contempla o conjunto de diretrizes filosóficas, organizacionais e operacionais que evidenciam as novas propostas para a formação do Bacharel em Geografia na Universidade Federal do Ceará. Resultou de um processo de reflexão interna, frente à nova realidade do saber e do conhecimento na contemporaneidade. A elaboração deste documento representa o esforço e o trabalho colaborativos dos discentes, docentes (efetivos e substitutos), técnicos administrativos, funcionários que fizeram e fazem o curso de Geografia da UFC ao longo dos 60 anos de sua existência. Em especial, baliza-se nas contribuições daqueles que estiveram à frente da Coordenação de Curso, do Departamento de Geografia, do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e demais professores (inclusive alguns professores aposentados) e da representação estudantil (Centro Acadêmico Amélia Alba - CAAA).

O desenho curricular assumido neste documento resulta de avaliações e contribuições pensadas, ao longo desses anos, por coordenações que formularam propostas de reforma curricular para o curso de Geografia da UFC, nas gestões de diversos professores: Francisco Coelho de Figueredo (1975-1983), Maria Albanita Mendes Leitão (1983-1985), Marcos José Nogueira de Sousa (1985-1987), Zenilde Baima Amora (1987-1991), José Levi Furtado Sampaio (1991-1993), Eustógio Wanderley Correia Dantas (1993-1995), Paulo Roberto Lopes Thiers (1995-1996 e 2013-2015), Maria Florice Raposo Pereira (1996-1998 e 2006-2010), Maria Salete de Souza (1998-2002), Fátima Maria Soares Kelting (1º semestre de 2003), Maria do Céu de Lima (2003-2005 e 2015-2017), Christian Dennys Monteiro de Oliveira (2010-2013), Iara Rafaela Gomes (2017-2019), Tiago Vieira Cavalcante (2019-2022) e, atualmente, Carlos Henrique Sopchaki (2022-2025).

As mudanças na matriz curricular foram paulatinamente incorporadas, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1990, tendo em vista as transformações que marcam a vida social: avanços tecnológicos e informacionais; mundialização da economia; a globalização da informação e da comunicação; o avanço da ciência; as transformações no campo geográfico, entre outras.

O contexto social, econômico, político, cultural e ambiental demanda uma organização curricular coerente às novas exigências contemporâneas, o que

redefine o papel do bacharel como sujeito crítico, criativo e ativo em sua atuação nas mais diversas instâncias profissionais.

Um grande desafio foi vencido: avaliar e definir, conjuntamente, novas perspectivas para o trabalho que já se realiza cotidianamente. Realizamos o propósito de repensar o curso de Bacharelado em Geografia da UFC, tendo em vista a manutenção da Universidade Pública como um espaço cultural democrático e de produção/mediação de saberes orientados para: romper com a visão conservadora e articuladora de um discurso objetivo e neutro, incapaz de vincular questões políticas e dimensões socioculturais; incorporar avanços científico-tecnológicos da cultura acadêmica e os saberes comuns emergentes da cultura popular integrados à prática político-pedagógica; e interagir com a sociedade (dos movimentos sociais ao setor produtivo), assegurando a liberdade de pensamento inerente à natureza da UFC. A proposta contempla o curso de Bacharelado em Geografia, direcionado à formação técnica e investigativa do profissional da área, com os elementos que lastreiam a concepção do curso, o currículo pleno e a sua operacionalização.

É fundamental também oferecer elementos para uma atuação consciente nesta realidade, no sentido da sua transformação, da superação das dificuldades e problemas atuais – em favor de uma formação específica para o bacharel em Geografia, cuja ação profissional exigirá, além de saberes técnicos, conhecimentos, habilidades e competências diversas. Ou seja, a compreensão de diferentes dimensões da profissão, não esgotável apenas pelo domínio dos conhecimentos específicos.

Nessa perspectiva, reafirmamos uma formação de bacharelado que habilite profissionais com conhecimentos capazes de:

- Tornar os conteúdos objetos de aprendizagem assimiláveis pelo aluno;
- Despertar o interesse do aluno na diversidade e qualificação dos componentes curriculares;
- Situar, contextualizar, significar, problematizar, articular o conteúdo com a realidade;
- Comprometer-se com a aprendizagem discente criando situações, atividades, experiências que possam desencadear e instigar essa aprendizagem;

- Planejar, criar, executar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes no processo de ensino- aprendizagem;
- Incentivar os alunos a situarem-se como profissionais contextualizados e comprometidos diante das novas emergências do mundo atual;
- Desenvolver o hábito de refletir sua ação técnica como pauta de seu aperfeiçoamento;
- Compreender as dimensões: ética, social, política, cultural, econômica da profissão; assim como seus fundamentos psicológicos, pedagógicos, históricos, filosóficos;
- Promover uma articulação interdisciplinar com as diferentes áreas do conhecimento, situando os saberes disciplinares no conjunto dos conhecimentos escolares;
- Adquirir conhecimentos sobre a comunidade local/regional diante de ações no planejamento;
- Superar uma perspectiva reprodutiva em prol produção de conhecimentos elaborados;
- Conhecer e assumir um posicionamento crítico em relação à legislação dos sistemas de ensino, bem como em relação às políticas destinadas à formação técnica e profissional.
- Gerar condições de atualização e requalificação do futuro profissional pela flexibilidade aberta a mudança de modalidade (diplomação também na Licenciatura) e a proximidade com os desafios da pós-graduação.

1.1 Diretrizes Curriculares

Os dispositivos legais que nortearam a elaboração do Projeto Pedagógico tomaram como referência os seguintes documentos:

- **Lei nº 9.394/96** (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional): estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;
- **Resolução CNE/CES 14, de 13 de março de 2002**: define as Diretrizes Curriculares para os cursos de Geografia e o Parecer nº 492/2001 especifica o perfil do egresso, as habilidades e competências, a organização dos cursos,

os conteúdos curriculares, os estágios e as atividades complementares e as formas de avaliação;

- **Lei nº 6.664/1979:** disciplina a profissão do geógrafo e dá outras providências;
- **Parecer CNE/CES 67/2003, de 11 de março de 2003:** trata das diretrizes curriculares para os cursos de graduação, atendendo as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. E se fundamentam pelos parâmetros de flexibilidade e qualidade na formação e interdisciplinaridade.
- **Referências Curriculares Nacionais dos cursos de Bacharelado e Licenciatura**, de abril de 2010: descrevem sobre o perfil do egresso, temas abordados na formação, no ambiente de atuação e na infraestrutura recomendada;
- **Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007:** dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial;
- **Resolução nº 28/CEPE, de 1º de dezembro de 2017:** dispõe sobre a curricularização da extensão nos cursos de graduação da UFC;
- **Decreto Presidencial nº 5.626/2005:** regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- **Lei nº 10.639/2003:** estabelece as diretrizes da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.
- **Resolução nº 32/CEPE, de 30 de outubro de 2009:** disciplina o Programa de Estágio Curricular Supervisionado para os estudantes dos cursos regulares da UFC.
- **Resolução nº 7/CEPE, de 17 de junho de 2005:** dispõe sobre as Atividades Complementares nos cursos de graduação da UFC;
- Manual de Normatização de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Geografia;
- Documento Orientador para elaboração de Projeto Pedagógico de Curso da Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular – COPAC.

Este Projeto incorpora as discussões e reflexões sobre formação de profissionais, realizadas pela Pró-Reitoria de Graduação, pela Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular, pelas Coordenações dos Cursos, pelos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE), pelo Centro Acadêmico Amélia Alba (CAAA) do curso de Geografia, demais docentes e discentes, e tem como objetivo buscar elementos para a elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos coerentes com as novas exigências legais e as demandas da realidade social.

A operacionalização do Projeto Pedagógico se dá pela observância a essa normatização e articulação entre os diversos componentes curriculares (disciplinas, estágios, atividades complementares e trabalho de conclusão de curso) a fim de garantir uma formação integrada por meio das políticas institucionais de pesquisa, ensino e extensão; tem como missão principal formar profissionais qualificados capazes de atuar em sua área, construindo e difundindo conhecimentos científicos, técnicos e culturais, agindo com ética e divulgando esses valores, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do Ceará, do Nordeste e do Brasil.

Ademais, o PPC é o documento que orienta as ações de todos os profissionais e estudantes envolvidos no Curso de Geografia. Sua observância conduz a um trabalho coletivo, fundamentado no respeito, na ética e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O Projeto ora apresentado é fruto dessa avaliação contínua e nele estão contidos aspectos formais do currículo organizado em sete partes, incluindo esta APRESENTAÇÃO. Na segunda parte, explicitamos sobre a IDENTIFICAÇÃO DO CURSO; na terceira, expomos sobre a ESTRUTURA CURRICULAR; na quarta, escrevemos sobre a GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO; na quinta, descrevemos a INFRAESTRUTURA DO CURSO; na sexta parte estão os ANEXOS.

1.2 Histórico da UFC

A Universidade Federal do Ceará (UFC) é uma Autarquia Federal de Regime Especial vinculada ao Ministério da Educação. Nasceu como resultado de um amplo movimento de opinião pública. Foi criada pela Lei Federal nº 2.373 de 16/12/1954, publicada em 23/12/1954. A sua instalação ocorreu em 25/06/1955.

A função de Governo predominante da UFC é a educação, com atividades exercidas no âmbito do ensino, investigação científica e extensão.

A sede da UFC está localizada na Avenida da Universidade, nº 2853, Bairro Benfica – CEP 60020-181, Fortaleza Ceará, Brasil. A UFC é um braço do sistema do Ensino Superior do Ceará e sua atuação tem por base todo o território cearense, de forma a atender às diferentes escalas de exigências da sociedade.

No início, sob a direção de seu fundador, Professor Antônio Martins Filho, a UFC era constituída pela Escola de Agronomia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia.

A Universidade é composta de oito campi, denominados Campus do Benfica, Campus do Pici e Campus do Porangabuçu, todos localizados no município de Fortaleza (sede da UFC), além do Campus de Sobral, Campus de Quixadá, Campus de Crateús, Campus de Russas e Campus de Itapajé. Ao todo, a UFC é composta por 18 Unidades Acadêmicas: Centro de Ciências, Centro de Humanidades, Centro de Ciências Agrárias, Centro de Tecnologia, Faculdade de Direito, Faculdade de Educação, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Faculdade de Medicina, Instituto de Ciências do Mar, Instituto de Cultura e Arte, Instituto de Educação Física e Esportes, Instituto Universidade Virtual, Campus da UFC em Crateús, Campus da UFC em Quixadá, Campus da UFC em Itapajé, Campus da UFC em Russas, Campus da UFC em Sobral.

A Universidade Federal do Ceará, que há mais de 60 anos mantém o compromisso de servir à região, sem esquecer o caráter universal de sua produção, chega hoje com praticamente todas as áreas do conhecimento representadas em seus campi.

Assim, tem a missão de formar profissionais da mais alta qualificação, gerar e difundir conhecimentos, preservar e divulgar os valores éticos, científicos, artísticos e culturais, constituindo-se em instituição estratégica para o desenvolvimento do Ceará, do Nordeste e do Brasil.

1.3 Histórico do Curso de Geografia

O Curso de Bacharelado em Geografia foi criado junto com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará em 1969, após a consolidação do Curso de Licenciatura em Geografia, criado em 25 de janeiro de 1961, através da Lei nº 3866/61, cuja implantação só ocorreu em março de 1963.

Desde 1947, existia em Fortaleza, o Curso de Geografia da Faculdade de Filosofia Católica do Ceará, mantida pelos Irmãos Maristas e em 1966, encampada pelo governo de Virgílio Távora, recebendo a denominação de Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE). Em 1975, ela passa a fazer parte da recém-criada Universidade Estadual do Ceará.

O reitor da UFC Antônio Martins Filho busca, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Rio de Janeiro, apoio para criação de um curso de Geografia que visasse não só formar professores, mas também técnicos para atender a demanda dos órgãos de planejamento que se implantavam no estado do Ceará. Para esta missão foi indicada a recém doutora em Geografia Física pela Universidade de Strasbourg – França, Amélia Alba Nogueira Moreira.

Nos anos 1960, após segunda guerra, o país e o mundo passavam por uma fase de crescimento econômico, como também da constatação das grandes desigualdades sociais e espaciais. Teorias do desenvolvimento econômico tentam explicar o subdesenvolvimento e a proposta é a adoção do planejamento econômico e regional para superar as desigualdades. Depois do exitoso Plano de Metas do governo Juscelino Kubistchek (1956-1960), o Governador do Estado do Ceará, Virgílio Távora (1963-1966), aprova o Plano de Metas do Governo do Ceará (PLAMEG), financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Agência Interamericana de Desenvolvimento (AID) e o Programa Alimentos pela Paz. Para a implementação deste projeto de modernização do estado, órgãos foram criados tais como a Superintendência de Desenvolvimento do Ceará (SUDEC), a Companhia de Desenvolvimento do Ceará (CODEC), o Banco do Estado do Ceará e Secretaria Extraordinária de Planejamento, dentre outros.

A Superintendência de Desenvolvimento do Ceará (SUDEC) vai ser responsável por planos diretores, mapeamentos, e outros importantes trabalhos na área de Geografia. Dentre eles, destacam-se documentos que são referências para compreensão do Ceará dos anos 1960 e 1970, como o Diagnóstico Sócio-Econômico

do Ceará (1964) e o Atlas do Ceará (1973), este último publicado pelo IBGE/SUDEC, coordenado por Amélia Alba Nogueira Moreira, com participação de professores do curso de Geografia da UFC.

Amélia Alba Nogueira Moreira, além de convidar a doutora em Geografia Humana pela Universidade de Strasbourg – França, Ana Carvalho, visando aprimorar a formação dos estudantes, chama para cursos de curta duração eminentes professores de outras universidades brasileiras e estrangeiras e geógrafos do IBGE, tais como, Milton Santos, Lysia Bernardes, Maria do Carmo Galvão, Caio Prado Jr., Tereza Cardoso, Aziz Ab’Saber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Roberto Lobato Corrêa, Jean Tricart, Michel Rochefort, Jacqueline B. Garnier, Orlando Ribeiro. O quadro foi se ampliando com a contratação de professores de outros cursos e estados. Posteriormente, o quadro de professores foi sendo ocupado por ex-alunos da UFC e de outras instituições.

A fragmentação da Faculdade de Filosofia permite a criação de institutos, dentre eles o de Instituto de Geociências (Decreto 62.279 de 21.12.1968), e que além do curso de Geografia, incorpora em 1969, o curso de Geologia.

Com o Ato Institucional de 1968, o panorama político-cultural permanecia sob a expectativa gerada pelas possibilidades de uma reforma universitária, instalada oficialmente pela Lei 5.540/68. No entanto, somente em 1973, a Reforma Universitária foi implantada, sendo extintos os Institutos e as Faculdades e constituídos os Centros, os Departamentos e os Cursos. Extintos os cargos de Diretor de Faculdade, cada Curso passou a contar com um Coordenador, conforme Decreto nº 71.882 de 2 de março de 1973. O Departamento de Geociências englobava os Cursos de Geografia e Geologia.

Com o crescimento dos cursos de Geografia e de Geologia, em 1983, o Departamento de Geociências foi desmembrado em dois Departamentos vinculados diretamente ao Centro de Ciências.

A premente necessidade por especialistas em questões ambientais e regionais, induziu o Departamento de Geografia a implantar a partir de 1987, dois cursos de especialização que funcionaram ininterruptamente até 1994, abordando os temas: “Nordeste: Questão Regional e Questão Ambiental” e Análise Geo-ambiental e técnicas de avaliação em recursos naturais”. Estes cursos repercutiram intensa e positivamente na comunidade geográfica local, atraindo profissionais de

áreas afins como Sociologia, Arquitetura, Economia, Biologia, etc. oriundos do estado do Ceará e de outros centros do país.

Para atender a demanda da sociedade e do mercado de profissionais especializados voltados para o desenvolvimento sustentável da região Nordeste do Brasil, o Departamento de Geografia, associado aos Departamentos de Biologia e Economia Agrícola, implantaram, em 1995, o programa de pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA). Participam deste programa sete universidades do Nordeste do Brasil, uma formação “em rede”, pioneira na região, e que em 2010, implantou o doutorado, avaliado em 2017, pelo Comitê Científico da CAPES com nota 5 (cinco).

O Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC foi implantado em 2004, com o curso de Mestrado Acadêmico, e teve o Doutorado aprovado em 2008. Consolidou-se, após sua terceira avaliação CAPES, com NOTA 5, no triênio 2011-2013, e avançou no desafio de ampliar seu alcance nacional e internacional na avaliação CAPES 2013-2016 quando o programa obteve nota 6, mantendo esta nota na avaliação CAPES 2017-2020. Conta com duas revistas de expressão nacional: *Mercator*, avaliada com Qualis A1, e *Geosaberes*, Qualis A2 (CAPES 2017-2020).

Os Cursos de Especialização em Ensino de Geografia (2005-2007) e Turismo e Gestão Ambiental em Municípios (2006-2008) também integraram os esforços do Programa de Pós-graduação em qualificar geógrafos e licenciados em geografia da UFC e de instituição parceiras, ampliando a preparação dos egressos para vida profissional.

Os cursos de graduação e pós-graduação possuem um corpo docente de doutores, qualificados em grandes centros de pesquisa e universidades brasileiras (USP, UFRJ, UFF, UFPE, UNESP, UFPR, UFS, UFC e UECE), e estrangeiras (Paris IV – Sorbonne, Bourdeaux, Strasbourg, Barcelona, Zaragoza, Sevilha, Almería e Texas). Este quadro de professores, formados em centros com diferentes linhas de pensamento, favorece a atualização e renovação da produção do conhecimento geográfico e tem favorecido a realização de parcerias internacionais nas pesquisas, inclusive com financiamentos internacionais.

Desde sua criação, o Curso de Geografia vem assumindo sua tarefa institucional de formação de recursos humanos, pautada pelo lema que referencia as atividades da UFC – O Universal pelo Regional. Esta perspectiva tem possibilitado:

a) ações docentes orientadas pela criticidade, ética e competência técnico-pedagógico-humanista; b) pesquisas que visam a melhoria das condições de vida e da educação no Ceará; c) atividades extensionistas, que visam atender demandas da sociedade, de modo especial prestando serviços à comunidade através de consultorias, representações em entidades que atuam em defesa ambiental e social, os quais, mediante seus pareceres, elucidam pontos de caráter técnico-científico sobre os quais lhes competem fornecer os devidos esclarecimentos; bem como atividades docentes não formais – por meio de cursos, palestras, conferências, entrevistas, publicações, entre outras ações que são solicitadas ao corpo docente.

O Projeto que ora apresentamos contempla o conjunto de diretrizes filosóficas, organizacionais e operacionais que evidenciam as novas propostas para a formação do bacharel em Geografia na Universidade Federal do Ceará. Resultou de um longo processo de reflexão interna, frente à nova realidade do saber e do conhecimento na contemporaneidade, baliza-se nas contribuições e demandas dos que estiveram à frente do trabalho na Coordenação de Curso e no Departamento de Geografia, contou com a participação dos professores e da representação estudantil (Centro Acadêmico Amélia Alba).

O desenho curricular assumido neste documento resulta de avaliações e contribuições pensadas, ao longo de 24 anos, por coordenações que formularam propostas de reforma curricular para o curso de Geografia da UFC, nas gestões de diversos professores: Zenilde Baima Amora, Maria Florice Raposo Pereira, José Lévi Furtado Sampaio, Fátima Maria Soares, Eustógio Wanderley Correia Dantas, Maria Salete de Souza, Maria do Céu de Lima, Christian Dennys Monteiro de Oliveira, Tiago Vieira Cavalcante, Carlos Henrique Sopchaki. Nesse tempo muitas mudanças foram paulatinamente incorporadas ao perfil do curso. Mas somente no período de 2005 a 2010 conseguiu-se desenhar uma proposta geral, bem como atualizá-la, para atender aspectos legais e institucionais, submetendo-a à aprovação pelo Colegiado do Curso de Geografia e posteriormente ao Colegiado do Centro de Ciências e a Pró-Reitoria de Graduação desta Universidade. Portanto, o presente documento consolida o Projeto Pedagógico de Curso do Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Ceará em atendimento às diretrizes curriculares e aprovado em reunião do Colegiado da Coordenação do Curso em 11 de novembro de 2004, conforme Estatuto e Regimento da Universidade Federal do Ceará/1991.

2 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

2.1 Nome do curso

Bacharelado em Geografia.

2.2 Titulação conferida

Bacharel(a) em Geografia.

2.3 Modalidade do curso

Presencial.

2.4 Duração do curso

Mínimo de 4 anos e máximo de 6 anos.

2.5 Carga Horária Total do curso

3264 horas.

2.6 Regime do curso

Semestral.

2.7 Número de vagas oferecidas por semestre/ano

São oferecidas 30 vagas para o curso de Bacharelado com duas entradas, uma no início do ano e a outra no meio do ano. A cada semestre serão ofertadas 15 vagas ao bacharelado com funcionamento diurno, priorizando a oferta das disciplinas em turno único.

2.8 Turnos previstos

Manhã e Tarde.

2.9 Ano e semestre de início de funcionamento do curso

Primeiro semestre de 1969.

2.10 Ato de Autorização

Lei nº 3866/61 de 25 e janeiro de 1961

2.11 Processo de ingresso

O ingresso ocorre via processo seletivo nacional unificado (desde 2010) em conformidade com a adesão da UFC ao Sistema ENEM-SISU, do Ministério da Educação, destinando 30 vagas anuais para o curso de Bacharelado em Geografia, sendo 15 vagas para o ingresso no primeiro semestre e as demais 15 vagas para o ingresso no segundo semestre.

2.12 Princípios norteadores

Considera-se este Projeto como um investimento social, político e cultural que visa tornar o ensino e o aprendizado de Geografia consciente e instigante, ultrapassando limites disciplinares ao compreender o saber em sua dimensão espacial. Essa vertente analítica reafirma os elementos fundamentais, assegurando uma sólida formação dos sujeitos para atuação como profissionais da Ciência Geográfica. Essa formação, conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), deverá se guiar pelos princípios da sustentabilidade, inovação, empreendedorismo, internacionalização, governança e inclusão.

Considerar os princípios citados é entender que, no âmbito da Geografia, a sustentabilidade refere-se aos temas por esta ciência tratados, sempre inteirados com as mais diversas relações que o ser humano tem com o meio ambiente. Inovação, nesse sentido, é estar atento, epistemologicamente, aos conceitos e temas

atuais, aos novos problemas que o mundo oferece à capacidade do Bacharel em Geografia, capacidade relacional, transversal, sempre em diálogo com outros conhecimentos, preocupada com a justa ordenação do espaço geográfico. O empreendedorismo, nesse contexto, em diálogo com o instrumental e as técnicas apreendidas pelo profissional de Geografia, remete à compreensão do mundo em seu dinamismo: elaboração e leitura de mapas, croquis e cartas;; interpretação da dinâmica social e natural dos mais diversos lugares; caracterização geográfica de paisagens naturais e culturais; entre outras competências. Com o Programa de Pós-Graduação em Geografia, tendo o mestrado iniciado no ano de 2004 e o doutorado no ano de 2009, as vivências e experiências, acadêmicas e profissionais, são expandidas, internacionalizadas, em constante diálogo com profissionais do exterior e a aprovação e organização de projetos e eventos de alcance internacional, responsáveis por trazer à instituição e aos seus estudantes as mais pertinentes discussões geográficas. Atenta a esse dinamismo, a governança do Departamento de Geografia compreende nas mais diversas escalas os aspectos políticos, culturais e econômicos característicos do mundo, se aproximando das demandas, das mudanças, incluindo as necessidades daqueles que buscam estudar Geografia e daqueles que precisam do conhecimento geográfico para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Alinhado a esse norte, o percurso formativo no Bacharelado em Geografia, assenta-se nos princípios em que crescer, desenvolver, transformar e inovar não sejam sinônimos de exclusão ou destruição (do ser humano e do meio ambiente, respectivamente), conferindo ao ser humano o pleno exercício dos seus direitos e liberdades fundamentais, visando à sua inclusão social e cidadania (Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015), desenvolvendo uma ética ambiental que oriente práticas democráticas, solidárias, respeitadas com a natureza e com o ambiente construído.

Dessa maneira, a atuação do profissional bacharel em Geografia, como cidadão, deverá se fundamentar por princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade. Assim sendo:

- Que o ser humano seja o princípio e fim do processo educativo, no qual haja comprometimento com a ética na busca da verdade e do conhecimento;

- Que prevaleça uma integração entre formação básica e diferenciada, pedagógica e humanista-cultural, garantindo a esta uma flexibilidade que possibilite o acompanhamento das transformações naturais, socioambientais, culturais e políticas, respeitando a liberdade de expressão e criação;
- Que haja compromisso com o fortalecimento da cultura acadêmica, através da interação do ensino, pesquisa e extensão;
- Que reflita e articule teoria e prática, humanismo e técnica.
- Na busca de assegurar uma identidade própria no contexto da formação do geógrafo propomos uma organização curricular que possibilite:
- Integração entre a universidade e o campo de atuação;
- Uso de novas tecnologias como mais uma possibilidade de construção/divulgação de conhecimentos e desenvolvimento da capacidade crítica e criativa;
- Desenvolvimento da autonomia do professor, entendido como protagonista de seu desenvolvimento profissional e pessoal;
- Acesso às artes e aos bens culturais, com atendimento às demandas da diversidade;
- Superação das dicotomias (entre conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos, entre Geografia Física e Geografia Humana);
- Compreensão crítica na natureza-sociedade e seu contexto sociocultural e desenvolvimento da capacidade de atuar como agente transformador;
- Conhecimentos sobre os sujeitos aos quais se dirige em seus diferentes contextos socioculturais;
- Incorporação de atividades, problemáticas, estudos, minicursos, disciplinas optativas, debates, seminários que acolham interesses, inovações, temáticas emergenciais e polêmicas contemporâneas características da dinâmica social e do constante avanço do conhecimento;
- Flexibilidade curricular que possibilite não só a formação de competência técnica como também o compromisso da ciência com as transformações sociais;

2.13 Objetivos do curso

Objetivo geral:

- Formar profissionais de Geografia alicerçados em concepções teóricas e metodológicas coerentes com a ciência geográfica, conscientes da importância de sua atuação nas mais diversas relações estabelecidas entre o ser humano e o meio ambiente, a fim de promover uma contribuição significativa e consequente na sociedade.

Objetivos específicos:

- Capacitar profissionais para trabalhar as múltiplas dimensões da relação sociedade-natureza e das amplas interfaces do conhecimento geográfico como uma totalidade dinâmica, com vistas a uma ação transformadora da realidade;
- Proporcionar ao Bacharel em Geografia habilidades e competências para compreender as complexas interações existentes entre a sociedade e a natureza no mundo atual e realizar pesquisas nos diversos campos do saber, essenciais para enriquecer, produzir e difundir o conhecimento geográfico.
- Atender às transformações que vêm ocorrendo no campo do conhecimento geográfico através do aprofundamento teórico e metodológico no âmbito da pesquisa, ensino e extensão;
- Capacitar o bacharel de Geografia para desenvolver sua prática condizente com a construção do conhecimento através de uma reflexão crítica da sociedade, além de possibilitar uma maior capacidade de análise sobre essa prática;
- Aprofundar conhecimentos sobre as novas metodologias e tecnologias de análise, interpretação e representação do espaço;
- Considerar que a incorporação da sustentabilidade ambiental no novo modelo de desenvolvimento deu ensejo à valorização da concepção do ambiente como um sistema complexo de relações e interações entre processos naturais e socioeconômicos.

2.14 Perfil profissional do egresso

O conjunto de competência e habilidade definido nas diretrizes curriculares para os cursos de Geografia, pontua demandas importantes, oriundas da análise da atuação do bacharel em Geografia de acordo com a legislação vigente que regulamenta a profissão do geógrafo, Lei 6.664, de 26 de maio de 1979 entre elas:

- Observar, perceber, identificar, compreender, analisar os processos que se desenvolvem ao longo do tempo e espaço nos ambientais naturais;
- Perceber, identificar, compreender e analisar os processos políticos, sociais e econômicos que vêm se desenrolando ao longo do tempo e espaço nas sociedades;
- Diagnosticar, analisar, avaliar e determinar ações de intervenções em questões de planejamento e monitoramento ambiental;
- Utilizar e aplicar métodos, técnicas e tecnologias na captação de informações e representação de informações geográficas;
- Desenvolver projetos e pesquisas em comunidades urbanas e rurais para fins de contribuir para a melhoria da qualidade de vida e resgate da cidadania;
- Implantar e dinamizar projetos de pesquisa em geografia;
- Sistematizar e definir métodos e técnicas apropriados ao conhecimento da geografia;
- Estagiar em atividades profissionais que envolva o conhecimento geográfico;
- Interpretar a relação natureza/sociedade, reconhecendo as diferentes escalas de ocorrências e manifestação dos processos espaciais;
- Compreender os elementos e processos concernentes à dinâmica da natureza e sociedade, com base nos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos da geografia;
- Dominar e aprimorar as abordagens científicas pertinentes ao processo de produção e aplicação do conhecimento geográfico e reforçar a capacidade de participação em atividades interdisciplinares;
- Desenvolver competência na área de planejamento e gestão tendo como prioridade a qualidade vida, o uso e conservação dos recursos naturais, em consonância com o princípio da sustentabilidade.

De acordo com os princípios norteadores do Projeto Político Pedagógico para o Curso de Geografia – Modalidade Bacharelado – há que privilegiar, para essa formação, uma postura crítica e efetivamente comprometida com as questões sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. É preciso que o currículo seja flexível e permita não só a formação de competência técnica, como o compromisso da ciência com as transformações sociais.

Serão observadas periodicamente, em conformidade com as resoluções do Conselho Regional de Engenharia e Demais Profissões e sua instância nacional - sistema CONFEA-CREA – as atribuições que regulam a atuação profissional do geógrafo, visando garantir maior aproximação com as demandas do mercado profissional. Para tal observação, o Colegiado do Curso estará permanentemente atento às novas demandas estabelecidas.

2.15 Áreas de atuação do futuro profissional

O Bacharel em Geografia, segundo os Referenciais Curriculares Nacionais dos cursos de Bacharelado e Licenciatura, de 2010, trabalha em instituições públicas e privadas interessadas no ordenamento e no planejamento territorial ou na complexidade de situações que caracterizam a relação sociedade-natureza, atuando com divulgação científica e assessoria, em museus e unidades de conservação; em empresas que demandem sua formação específica e em institutos que desenvolvem pesquisas; em organizações não governamentais; em assessorias a movimentos sociais; em sindicatos, associações científicas e órgãos de fomento. Também pode atuar de forma autônoma, em empresa própria ou prestando consultorias.

3 ESTRUTURA CURRICULAR

A estruturação dos conteúdos no Projeto Pedagógico dos Cursos Geografia (Licenciatura e Bacharelado) considera os Referenciais Curriculares Nacionais para os cursos de Bacharelado e Licenciatura (Geografia) de 2010, e as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Geografia (Parecer nº CNE/CES 492/2001).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução nº 02/ CNE 01/07/2015) permitem uma articulação de ambos os cursos, desde que preservada as características das exigências que qualificam essa formação (como Carga Horária e orientações didático-pedagógicas contextualizadas).

Cada Instituição de Ensino Superior estabelecerá a sequência e estrutura semestral das atividades acadêmicas curriculares de acordo com as necessidades intrínsecas da formação pretendida para o profissional em Geografia, de maneira a conferir-lhes um eixo de integração ao longo do curso.

Os cursos de Geografia são constituídos pelas modalidades Licenciatura e Bacharelado, sendo que no primeiro semestre a integralização curricular será comum a ambas as modalidades. A partir do segundo semestre, os Componentes Curriculares passam a direcionar-se para suas respectivas áreas de formação específica. No que se refere aos conteúdos da Ciência Geográfica, a formação é a mesma, pois são ministrados de forma integrada com turmas constituídas por licenciandos e bacharelados.

A integralização curricular está organizada na perspectiva de uma formação que não mais se sustenta somente pela formação técnica, mas se baseia na epistemologia da prática traduzida pela capacidade do profissional de Geografia de refletir sobre a sua prática, analisar, recriar e reinventar-se no exercício da profissão.

Portanto, os pressupostos dessa formação guarda coerência com as demandas de uma sociedade plural que exige do profissional uma atuação ético-política e técnico-científica, que lhe permita repensar a sua prática.

3.1 Conteúdos curriculares

Os conteúdos curriculares presentes neste Projeto coadunam com a formação do Bacharel em Geografia; profissional ciente de seu papel em desvelar a complexidade das relações que a sociedade constitui com o meio ambiente.

Dividido em três eixos temáticos (Geografia e Natureza, Geografia e Sociedade e Geografia e Metodologias) o Curso de Bacharelado em Geografia é composto por disciplinas que dialogam com as diversas faces do conhecimento geográfico. O aluno, além de entrar em contato com conteúdos basilares para a sua formação, se aprofunda nos caminhos da Geografia do passado e do presente, geral e regional, física e humana, que o ajudam a compreender a composição social, ambiental, cultural, econômica e política de nosso país, região e estado.

Dada a complexidade dessa Ciência, a integralização do currículo ocorre pelos componentes denominados Disciplinas, Estágio Profissional, Práticas Como Componente Curricular (PCC), Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Unidade Curricular Especial de Extensão e Atividades Complementares (AC).

Tais conhecimentos são trabalhados não somente nas carteiras da sala de aula, em frente ao quadro branco, no diálogo entre o professor e o aluno, mas também nos laboratórios, entre pesquisadores, nos espaços onde se edifica a ciência geográfica. São oito laboratórios existentes e duas salas que abrigam dois Programas (PET, PIBID) no Departamento de Geografia: Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social (LABOCART), Laboratório de Estudos Agrários, Territoriais e Educacionais (LEATE), Laboratório de Climatologia Geográfica e Recursos Hídricos (LCGRH), Laboratório de Pedologia, Análise Ambiental e Desertificação (LAPED), Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES), Laboratório de Geoecologia da Paisagem e Planejamento Ambiental (LAGEPLAN), Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), Laboratório de Geomorfologia Costeira e Continental (LAGECO), Sala do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a Sala do Programa de Educação Tutorial (PET).

Todos os laboratórios e salas, por intermédio dos docentes que deles fazem parte e com a constante participação de bolsistas, discentes e colaboradores, estão comprometidos em pensar o ensino, a pesquisa e a extensão, isto é, a ciência e o

modo como esta pode contribuir com a justiça e o bem-estar socioambiental. Ao tempo que se produz conhecimento sobre a natureza cearense, nordestina e brasileira, a sociedade que compõe essas distintas escalas do espaço geográfico é pensada em sua diversidade, riqueza, história e geografia, aproximando os alunos das demandas, necessidades e anseios que transpassam o mundo contemporâneo.

Ensino, pesquisa e extensão, desse modo, estão articulados, ampliando o leque de possibilidades para o conhecimento geográfico de sociedades tradicionais, de grupos ou comunidades marginalizadas, de práticas de educação ambiental, de respeito aos direitos humanos e à diversidade étnico-cultural, de tolerância religiosa, entre outras paisagens e gentes características da riqueza de nosso planeta. Boa parte dessas vivências, diga-se de passagem, são apreendidas *in loco*, por meio de aulas de campo, de estudos do meio, de iniciações científicas e à docência, de projetos de extensão, de eventos ou mesmo por intermédio de disciplinas.

Todos os espaços destinados ao ensino-aprendizagem permitem ao bacharelado conhecer e refletir sobre as concepções teórico-metodológicas, as referências didático-pedagógicas para a Geografia e os procedimentos de pesquisa, ensino e aprendizagem, suscitando novos questionamentos favorecendo a revisão e a reconstrução de conhecimentos.

Cabe destacar que dentre as disciplinas com carga horária prática prevista em suas ementas, há diversas que são voltadas para aulas de campo, atividade essencial para a formação do(a) futuro(a) bacharel(a) em Geografia, conforme estabelecido no Parecer do Conselho Nacional de Educação 492/2001, que especifica nos itens 2 e 5 o trabalho de campo como parte integrante da formação discente.

Diante do diálogo existente entre o ensino, a pesquisa e a extensão, o que há de mais atual no âmbito do conhecimento geográfico é elaborado por professores e estudantes, sujeitos responsáveis pelo avanço desta Ciência, lançando novos métodos e teorias. Os inúmeros artigos, mas também os vários livros publicados pela Coleção Estudos Geográficos, organizada pelo Departamento de Geografia, exemplificam essa condição. Construção que ainda ganha mais força na articulação

entre a Graduação e a Pós-Graduação em Geografia, esta, nos dias atuais, entre as mais destacadas do país.

O curso, portanto, projeta um profissional com visão de totalidade, capaz de apreender o mundo em suas complexas relações; de relacionar sociedade e natureza levando em consideração os contextos político, cultural e econômico que lhes são componentes. Tudo isso leva o Bacharel em Geografia a exercitar a discussão crítica sobre a realidade, apresentando as narrativas que a elaboram, seus reais interesses e propósitos mediante as verdadeiras necessidades da sociedade e tudo aquilo que a envolve.

3.1.1 A Curricularização da Extensão na Modalidade Unidade Curricular Especial de Extensão

A curricularização da extensão está prevista no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), estratégia 7, Meta 12, e regulamentada na UFC mediante a Resolução nº 28/CEPE, 01/12/2017. Segundo essa Resolução (Título II, Art. 4º) as ações de extensão universitária são compreendidas como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promovem a interação entre a Universidade e a sociedade.

No curso Geografia/Bacharelado a curricularização da extensão prevista tem a carga horária de 328h distribuída nas modalidades Unidade Curricular Especial de Extensão 208h e como parte de Componentes Curriculares 120h, conforme Art. 5º da Resolução nº 28/CEPE, de 1º de dezembro de 2017.

As ações extensionistas estão vinculadas às áreas temáticas definidas pela Pró-Reitoria de Extensão (PREX): Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Trabalho, Tecnologia e Produção, Educação, Meio Ambiente, e Comunicação. Os estudantes de Geografia/Bacharelado deverão se engajar em ações de extensão vinculadas a essas temáticas. Essas são as ações ativas e devidamente cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão.

Conforme as disposições Gerais da Resolução nº 28/CEPE, 01/12/2017, o aluno deverá acumular horas certificadas/declaradas até completar a carga horária definida no PPC (208h) para as ações da Unidade Curricular Especial de Extensão. A

carga horária a ser contabilizada como extensão, nessa modalidade, será aquela em que o aluno comprovar, por meio de certificado/declaração e conforme as regras estabelecidas pela Pró-Reitoria de Extensão. O aluno poderá solicitar o aproveitamento da carga horária das ações de extensão certificadas/declaradas por outras instituições de ensino superior no Brasil ou no Exterior.

3.1.2 Curricularização em Componentes Curriculares

A curricularização da extensão também está regulamentada em componentes curriculares, contabilizando 120h em disciplinas obrigatórias e 40h em disciplinas optativas. No Quadro 1 estão relacionados 11 (onze) componentes da matriz curricular que em sua carga horária integralizam a extensão. Nos planos de ensino estão discriminadas as ações de extensão planejadas pelos docentes responsáveis pelo componente.

As ações de extensão propostas nesses componentes são atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às comunidades locais visitadas e assistidas por projetos socioterritoriais e socioambientais dos laboratórios a que se vinculam as equipes docentes.

Quadro 1 - Componentes curriculares com carga horária de extensão

Nome do Componente Curricular	Semestre	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	Carga Horária Extensão	Carga Horária Total
Geografia Agrária	3º	32	16	16	64
Topografia	3º	32	24	8	64
Pedologia	4º	32	16	16	64
Geografia do Brasil	5º	32	16	16	64
Bases Naturais da Geografia do Brasil	5º	32	16	16	64
Métodos e técnicas de Pesquisa em Geografia Física	6º	32	16	16	64
Planejamento Ambiental	6º	32	16	16	64
Geografia Regional	7º	32	16	16	64
Geografia da Paisagem	Optativa	48	8	8	64

Oficina Geográfica III	Optativa	32	16	16	64
Geografia e Práticas Pedagógicas para educação do/no Campo	Optativa	32	16	16	64
CARGA HORÁRIA TOTAL (EXTENSÃO):				120h*	

* A carga horária de 120h de extensão diz respeito às disciplinas obrigatórias para o bacharelado. Serão 160h caso o estudante curse também as optativas mencionadas.

O Anexo I apresenta o Manual de Atividades Curriculares de Extensão, que aborda tanto a Curricularização da Extensão na Modalidade Unidade Curricular Especial de Extensão, quanto a curricularização da extensão em componentes curriculares.

3.2 Unidades e Componentes curriculares

A integralização curricular do curso de Geografia/Bacharelado é composta por 3.264 horas e se estrutura pelos seguintes componentes curriculares:

- 36 Disciplinas Obrigatórias (2304 h)
- 6 (seis) Disciplinas Optativas (384 h)
- Trabalho de Conclusão de Curso (64 h)
- Estágio Profissional (208 h)
- Atividades Complementares (96 h)
- Unidade Curricular Especial de Extensão (208 h)

A carga horária ofertada pelo Curso no Departamento de Geografia está distribuída em quatro Eixos Temáticos (ET), apresentados a seguir:

- Geografia e Natureza
- Geografia e Sociedade
- Geografia e Metodologias

Os Eixos Temáticos (ET) são constituídos por componentes curriculares ofertados pelo Departamento de Geografia, descritas a seguir (Quadro 2):

Quadro 2 – Componentes Curriculares por Eixos Temáticos (ET)

Nome do componente curricular	Carga horária	Tipo de componente curricular	Regime de oferta	Unidade acadêmica responsável
ET GEOGRAFIA E NATUREZA				
Climatologia (Climatology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Pedologia (Pedology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Recursos Hídricos (Water Resources)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geomorfologia (Geomorphology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia do Nordeste e do Ceará (Geography of the Northeast and Ceará)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Levantamento de Solos (Soil Survey)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Climatologia Urbana* (Urban Climatology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Climatologia Aplicada (Applied Climatology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Bases Naturais da Geografia do Brasil (Natural Bases of the Geography of Brazil)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia da Paisagem* (Landscape Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia Ambiental* (Environmental Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geomorfologia Climática (Climatic Geomorphology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geomorfologia Litorânea* (Coastal Geomorphology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Planejamento Ambiental (Environmental Planning)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Conservação de Recursos Naturais (Conservation of Natural Resources)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Classificação, Manejo e Conservação de Solos (Classification, Management and Conservation of Soils)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geologia Geral (General Geology)	64	Disciplina	Semestral	Geologia

Ecologia (Ecology)	64	Disciplina	Semestral	Biologia
Biogeografia (Biogeography)	64	Disciplina	Semestral	Biologia
Direito Ambiental* (Environmental Law)	64	Disciplina	Semestral	Direito
Introdução à Oceanografia* (Introduction to Oceanography)	96	Disciplina	Semestral	Engenharia de Pesca
Mineralogia Geral* (General Mineralogy)	96	Disciplina	Semestral	Geologia
ET GEOGRAFIA E SOCIEDADE				
História do Pensamento Geográfico (History of Geographical Thinking)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia da População (Population Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia Agrária (Agrarian Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia Urbana e dos Serviços (Urban Geography and Services)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia da Energia e das Indústrias (Geography of Energy and Industries)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia do Brasil (Geography of Brazil)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia Regional (Regional Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia do Espaço Mundial (World Space Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Planejamento em Geografia (Geography Planning)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia do Turismo (Tourism Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Prática de Geografia Humana I* (Human Geography Practice I)	80	Disciplina	Semestral	Geografia
Prática de Geografia Humana II* (Human Geography Practice II)	80	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia Política* (Political Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia do Espaço e Cidadania* (Geography of Space and Citizenship)	64	Disciplina	Semestral	Geografia

Geografia da Alimentação (Geography of Food)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
História Econômica, Social e Política do Brasil (Economic, Social and Political History of Brazil)	64	Disciplina	Semestral	História
Introdução à Economia (Introduction to Economy)	64	Disciplina	Semestral	Teoria Econômica
Introdução à Sociologia (Introduction to Sociology)	64	Disciplina	Semestral	Ciências Sociais
Planejamento Urbano e Regional I* (Urban Planning I)	128	Disciplina	Semestral	Arquitetura, Urbanismo e Design
Cultura Brasileira* (Brazilian Culture)	64	Disciplina	Semestral	Ciências Sociais
Introdução à Filosofia (Introduction to Philosophy)	64	Disciplina	Semestral	Filosofia
Introdução à Antropologia* (Introduction to Anthropology)	96	Disciplina	Semestral	Ciências Sociais
História dos Afrodescendentes no Brasil* (History of Afrodescendants in Brazil)	64	Disciplina	Semestral	Estudos Especializados
História do Ceará I* (History of Ceará I)	64	Disciplina	Semestral	História
Sociologia do Desenvolvimento Rural* (Sociology of Rural Development)	64	Disciplina	Semestral	Economia Agrícola
ET GEOGRAFIA E METODOLOGIAS				
Métodos e Técnicas da Pesquisa em Geografia Física (Physical Geography Research Methods and Techniques)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Métodos e Técnicas da Pesquisa em Geografia Humana (Human Geography Research Methods and Techniques)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia Cultural* (Cultural Geography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Educação Ambiental * (Environmental Education)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia e Práticas Pedagógicas para Educação no/do Campo* (Geography and Pedagogical Practices for Education in/from the Countryside)	64	Disciplina	Semestral	Geografia

Metodologia Científica (Scientific Methodology)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Sensoriamento Remoto I (Remote Sensing I)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Tecnologias da Geoinformação I (Geoinformation Technologies I)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Cartografia (Cartography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Modelagem Digital do Relevo* (Digital Relief Modeling)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Cartografia Temática* (Thematic Cartography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Cartografia Colaborativa* (Collaborative Cartography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Cartografia Digital (Digital Cartography)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Métodos Quantitativos para Análise Espacial* (Quantitative Methods for Spatial Analysis)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Sensoriamento Remoto II – utilização de VANTS para análises geográficas* (Remote Sensing II)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Tecnologias da Geoinformação II – Bancos de Dados Geográficos* (Geoinformation Technologies II)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Tecnologias da Geoinformação III – Desenvolvimento de Aplicações em Python ((Geoinformation Technologies III)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Tópicos Especiais* (Special Topics)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Oficina Geográfica I - Material Cartográfico)- (Geographic Workshop I - Cartographic Material)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Oficina Geográfica II - Material Audiovisual (Geographic Workshop II - Audiovisual Material)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Oficina Geográfica III - Material de Geografia Humana (Geographic Workshop I - Human Geography Material)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Oficina Geográfica IV - Material de Geografia Física (Geographic	64	Disciplina	Semestral	Geografia

Workshop IV (Physical Geography Material)				
Geografia e Ensino I – Fundamentos (Geography and Teaching – fundamental)	64	Disciplina	Semestral	Geografia
Geografia e Ensino II – Pesquisa (Geography and Teaching – research)	80	Disciplina	Semestral	Geografia
Estágio Profissional (Professional Internship)	208	Atividade	Semestral	Geografia
Trabalho de Conclusão de Curso ** (Graduation Course Completion Work)	64	Atividade	Anual	Geografia
Estatística para Geografia (Statistics for Geography)	64	Disciplina	Semestral	Estatística e Matemática Aplicada
Topografia (Topography)	64	Disciplina	Semestral	Engenharia de Transportes
Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos* (Popular Education and Youth and Adult Education)	64	Disciplina	Semestral	Estudos Especializados
Educação Brasileira Contemporânea* (Contemporary Brazilian Education)	64	Disciplina	Semestral	Estudos Especializados
Didática I* (Didactics I)	64	Disciplina	Semestral	Teoria e Prática do Ensino
Educação em Direitos Humanos* (Human Rights Education)	64	Disciplina	Semestral	Teoria e Prática do Ensino
Novas Tecnologias e Educação à Distância* (New Technologies and Distance Education)	64	Disciplina	Semestral	Estudos Especializados
Matemática para Geografia (Mathematics for Geography)	64	Disciplina	Semestral	Matemática
Estatística Básica (Basic Statistics)	64	Disciplina	Semestral	Economia Agrícola
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS* (LIBRAS - Brazilian Sign Language - LIBRAS)	64	Disciplina	Semestral	Letras Libras e Est. Surdos
IUV0001 – Tecnodocência* (Technology Teaching)	64	Disciplina	Semestral	Inst. UFC Virtual
IUV0002 – Tecnodocência EAD* (Technology Teaching - Distance Education)	64	Disciplina	Semestral	Inst. UFC Virtual

(*) disciplina optativa (**) atividade obrigatória

3.3 Integralização curricular

Será apresentada a seguir a integralização curricular do curso de Bacharelado em Geografia, demonstrando as disciplinas obrigatórias, optativas, optativas livres, definição dos componentes por Eixo Temático, carga horária por tipo de componente curricular, bem como o quadro de componentes equivalentes tendo em vista a origem da proposta em 2005.1, suas atualizações em 2013.1, e a proposta atual.

3.3.1 Componentes curriculares obrigatórios por semestre, cargas horárias e pré-requisitos

O Quadros 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 caracterizam, respectivamente, os componentes curriculares obrigatórios, do 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º semestre, suas cargas horárias (Teórica, Prática, Extensão Curricularizada, Total e relativa às Práticas como Componente Curricular), assim como os pré-requisitos.

Quadro 3 – Componentes curriculares obrigatórios do 1º semestre

1º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	Carga Horária (C.H.) Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0059	História do Pensamento Geográfico	64	-	-	64	-	-
CJ0062	Metodologia Científica	48	16	-	64	-	-
CJ0123	Geografia da População	48	16	-	64	-	-
CG0500	Geologia Geral	60	4	-	64	-	-
CJ0060	Cartografia	32	32	-	64	-	-
Carga Horária Total					320		

Quadro 4 – Componentes curriculares obrigatórios do 2º semestre

2º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
HI0054	História Econômica, Social e Política do Brasil	64	-	-	64	-	-
EE0115	Introdução à Economia	64	-	-	64	-	-
HD0957	Introdução à Sociologia	64	-	-	64	-	-
CJ0063	Climatologia	48	16	-	64	-	CG0500
CJ0065	Cartografia Digital	32	32	-	64	-	CJ0060
CC0027	Estatística para Geografia	64	-	-	64	64	-
Carga Horária Total					384		

Quadro 5 – Componentes curriculares obrigatórios do 3º semestre

3º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0140	Geografia Agrária	32	16	16	64	-	CJ0123
CJ0070	Geomorfologia	48	16	-	64	-	CG0500
CH0865	Ecologia	64	-	-	64	-	-
TC0703	Topografia	32	24	8	64	-	CJ0060 CJ0065
	OPTATIVA I	-	-	-	64	-	-
Carga Horária Total					320		

Quadro 6 – Componentes curriculares obrigatórios do 4º semestre

4º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0133	Pedologia	32	16	16	64	-	CG0500 CJ0070
CJ0072	Recursos Hídricos	48	16	-	64	-	CJ0063
CJ0023	Geografia Urbana e dos Serviços	32	32	-	64	-	-
CJ0154	Climatologia Aplicada	48	16	-	64	-	CJ0063
CJ0156	Sensoriamento Remoto I	40	24	-	64	-	-
CJ0028	Geomorfologia Climática	48	16	-	64	-	CJ0070
Carga Horária Total					384		

Quadro 7 – Componentes curriculares obrigatórios do 5º semestre

5º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0136	Geografia do Brasil	32	16	16	64	-	-
CJ0081	Geografia da Energia e das Indústrias	48	16	-	64	-	CJ0123
CJ0135	Bases Naturais da Geografia do Brasil	32	16	16	64	-	-
CJ0080	Planejamento em Geografia	48	16	-	64	-	-
CJ0155	Tecnologias da Geoinformação I	24	40	-	64	-	-
	OPTATIVA II	-	-	-	64	-	-
Carga Horária Total					384		

Quadro 8 – Componentes curriculares obrigatórios do 6º semestre

6º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0092	Geografia do Espaço Mundial	48	16	-	64	-	CJ0140 CJ0023
CJ0109	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Humana	64	-	-	64	-	CJ0140 CJ0023
CJ0141	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física	32	16	16	64	-	CJ0063 CJ0060 CJ0070
CJ0107	Levantamento de Solos	48	16	-	64	-	CJ0133
CJ0137	Planejamento Ambiental	32	16	16	64	-	CJ0080
	OPTATIVA III	-	-	-	64	-	-
Carga Horária Total					384		

Quadro 9 – Componentes curriculares obrigatórios do 7º semestre

7º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão **	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0142	Geografia Regional	32	16	16	64	-	CJ0140 CJ0123
CJ0095	Geografia do Nordeste e do Ceará	52	12	-	64	-	-
CH0771	Biogeografia	64	-	-	64	-	-
CJ0126	Estágio Profissional	-	208	-	208	-	-
CJ0122	Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado *	32	32	-	64	-	-
	OPTATIVA IV	-	-	-	64	-	-
Carga Horária Total					528		

* A atividade de Trabalho de Conclusão de Curso (CJ0122) possui regime anual (2 períodos letivos).

Quadro 10 – Componentes curriculares obrigatórios do 8º semestre

8º SEMESTRE							
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão**	C.H. Total	C.H. PCC	Pré-requisito
CJ0082	Geografia do Turismo	48	16	-	64	-	-
CJ0131	Conservação de Recursos Naturais	48	16	-	64	-	-
GEOG0002	Atividades Complementares	-	-	-	96	-	-
EXT0027	Unidade Curricular Especial de Extensão	-	-	-	208	-	-
	OPTATIVA V	-	-	-	64	-	-
	OPTATIVA VI	-	-	-	64	-	-
Carga Horária Total					560		

3.3.2 Componentes curriculares optativos, cargas horárias e pré-requisitos

O Quadro 11 apresenta os componentes curriculares optativos, suas cargas horárias (Teórica, Prática, Extensão Curricularizada e Total), assim como os pré-requisitos.

Quadro 11 – Componentes curriculares optativos, seus pré-requisitos e cargas horárias

DISCIPLINAS OPTATIVAS						
Código	Nome do Componente Curricular	C.H. Teórica	C.H. Prática	C.H. Extensão**	Carga Horária Total	Pré-requisito
CJ0139	Geografia Cultural	48	16	-	64	-
CJ0068	Geografia Política	64	-	-	64	-
CJ0083	Geomorfologia litorânea	44	20	-	64	-
CJ0084	Climatologia Urbana	32	32	-	64	-
CJ0143	Geografia da Paisagem	48	8	8	64	-

CJ0046	Prática de Geografia Humana I	80	-	-	80	-
CJ0047	Prática de Geografia Humana II	80	-	-	80	-
CJ0088	Geografia do Espaço e Cidadania	48	16	-	64	-
CJ0089	Tópicos Especiais	64	-	-	64	-
CJ0086	Geografia Ambiental	32	32	-	64	-
CJ0090	Classificação, Manejo e Conservação de Solos	64	-	-	64	-
CJ0101	Educação Ambiental	64	-	-	64	-
CJ0138	Geografia e práticas pedagógicas para a educação do/no Campo	32	16	16	64	-
CJ0124	Geotecnologias, Planejamento e Instrumentos de Ordenamento Territorial	32	32	-	64	-
CJ0113	Oficina Geográfica I (Material Cartográfico)	48	16	-	64	CJ0060
CJ0114	Oficina Geográfica II (Material Audiovisual)	48	16	-	64	-
CJ0134	Oficina Geográfica III (Material de Geografia Humana)	32	16	16	64	-
CJ0116	Oficina Geográfica IV (Material de Geografia Física)	48	16	-	64	-
CJ0117	Geografia e Ensino I (Fundamentos)	48	16	-	64	PC0208
CJ0118	Geografia e Ensino II (Pesquisa)	48	32	-	80	CJ0117
CJ0144	Geografia da Alimentação	48	16	-	64	-
CJ0147	Cartografia Colaborativa	32	32	-	64	-
CJ0148	Cartografia Temática	32	32	-	64	-
CJ0149	Métodos Quantitativos para Análise Espacial	32	32	-	64	-
CJ0150	Modelagem Digital do Relevo	32	32	-	64	-
CJ0151	Sensoriamento remoto II - utilização de VANTS para análises geográficas	32	32	-	64	-
CJ0152	Tecnologias da Geoinformação II –	32	32	-	64	-

	Bancos de Dados Geográficos					
CJ0153	Tecnologias da Geoinformação III – Desenvolvimento de Aplicações em Python	32	32	-	64	-
HD0789	Cultura Brasileira	64	-	-	64	-
ICA1660	Introdução à Filosofia	64	-	-	64	-
HD0754	Introdução a Antropologia	96	-	-	96	-
HD0789	Cultura Brasileira	64	-	-	64	-
DB0103	Direito Ambiental	64	-	-	64	-
PD0028	Educação Brasileira Contemporânea	64	-	-	64	-
PD0050	Novas Tecnologias e Educação a Distância	64	-	-	64	-
PD0074	História dos Afrodescendentes no Brasil	64	-	-	64	-
PD0103	Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos	64	-	-	64	-
HI0131	História do Ceará I	64	-	-	64	-
PC0208	Didática I	64	-	-	64	-
IUV0001	Tecnodocência	32	32	-	64	-
IUV0002	Tecnodocência EAD	64 (EaD)	-	-	64	-
CB0685	Matemática para Geografia	64	-	-	64	-
AB0076	Estatística Básica	32	32	-	64	-
HLL0077	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	64	-	-	64	-
AB0068	Sociologia do Desenvolvimento Rural	64	-	-	64	-
AE0330	Introdução à Oceanografia	96	-	-	96	-
PC0353	Educação em Direitos Humanos	64	-	-	64	-
CG0411	Mineralogia Geral	96	-	-	96	-
TG0455	Planejamento Urbano e Regional I	128	-	-	128	-

3.3.3 Distribuição da Carga Horária entre os diversos componentes curriculares

O Quadro 12 apresenta os componentes curriculares optativos, suas cargas horárias (Teórica, Prática, Extensão Curricularizada, Total), assim como os pré-requisitos.

Quadro 12 – Distribuição da Carga Horária entre os diversos componentes curriculares

DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA	
Componente Curricular	Carga Horária
Disciplinas obrigatórias	2304 h
Disciplinas optativas (das quais até 192h podem ser cursadas como optativas livres)	384 h
Unidade Curricular Especial de Extensão	208 h
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	64 h
Estágio Profissional	208 h
Atividades Complementares (AC)	96 h
Total	3264 h

3.3.4 Prazos para integralização do curso – número de semestres

No Quadro 13 são apresentadas as quantidades mínima, média e máxima (em número de semestres) para integralização do curso.

Quadro 13 – Prazos para integralização do curso

PRAZO PARA INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO	
Prazos	Quantidade de Semestres
Mínimo	8
Médio	10
Máximo	12

3.3.5 Carga horária mínima, média e máxima por semestre

O Quadro 14 apresenta as cargas horárias mínima, média e máxima por semestre, de acordo com o que dispõe a Portaria nº 31/2022, de 20 de abril de 2022. Os cálculos foram realizados levando em consideração um prazo mínimo de 8 semestres, médio de 10 semestres e máximo de 12 semestres para a conclusão do curso, conforme apresentado anteriormente.

Quadro 14 – Carga Horária por Semestre

PRAZO PARA INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO	
Carga Horária por Semestre	Quantidade de Horas
Carga Horária Mínima	256 h
Carga Horária Média	384 h
Carga Horária Máxima	640 h

3.3.6 Componentes equivalentes

O Quadro 15 apresenta os componentes equivalentes, tendo em vista a origem da proposta em 2005.1, suas atualizações em 2013.1, e a proposta atual.

Quadro 15 – Componentes Equivalentes

Semestre	Código	Nome do Componente Curricular	Equivalências
1	CJ0059	História do Pensamento Geográfico	CJ0030 (Introdução a Ciência Geográfica)
1	CJ0123	Geografia da População	CJ0021 (Geografia Humana Geografia da População); ou CJ0061 (Geografia da População)
1	CG0500	Geologia Geral	CG0351 (Geologia Geral)
1	CJ0060	Cartografia	CJ0001 (Cartografia I)
2	HI0054	História Econômica, Social e Política do Brasil	HI0046 (História Econômica, Social e Política do Brasil)
2	HD0957	Introdução à Sociologia	HD0751 (Introdução à Sociologia)

2	EE0115	Introdução à Economia	EE0001 (Introdução à Economia); ou EE0094 (Introdução à Economia)
2	CJ0063	Climatologia	CJ0018 (Geografia Física-Climatologia)
2	CC0267	Estatística para Geografia	CC0401 (Introdução à Estatística); ou AB0076 (Estatística Básica); ou ICA2079 (Estatística Aplicada a Comunicação); ou CC0051 (Introdução a Estatística)
3	CH0865	Ecologia	CH0843 (Ecologia Básica); ou CH0761 (Ecologia Geral)
3	CJ0140	Geografia Agrária	CJ0020 (Geografia Humana - Geografia Agrária); ou CJ0069(Geografia Agrária)
3	CJ0070	Geomorfologia	CJ0026 (Geomorfologia)
4	CJ0072	Recursos Hídricos	CJ0017 (Geografia Física-Águas Superficiais)
4	CJ0154	Climatologia Aplicada	CJ0006 (Climatologia Dinâmica)
4	CJ0156	Sensoriamento Remoto I	CJ0078 (Sensoriamento Remoto)
4	CJ0133	Pedologia	CJ0039 (Pedologia Geral); ou CJ0091 (Pedologia)
5	CJ0136	Geografia do Brasil	CJ0014 (Geografia do Brasil I); ou CJ0074 (Geografia do Brasil)
5	CJ0081	Geografia da Energia e das Indústrias	CJ0022 (Geografia Humana-Geografia das Indústrias)
5	CJ0135	Bases Naturais da Geografia do Brasil	CJ0067 (Bases Naturais da Geografia do Brasil)
5	CJ0155	Tecnologias da Geoinformação I	CJ0079 (Tecnologias da Geoinformação)
5	CJ0080	Planejamento em Geografia	CJ0040 (Planejamento em Geociências)
6	CJ0092	Geografia do Espaço Mundial	CJ0025 (Geografia Regional II)
6	CJ0137	Planejamento Ambiental	CJ0103 (Planejamento Ambiental)
6	CJ0107	Levantamento de Solos	CJ0033 (Levantamento de Solos)
6	CJ0141	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física	CJ0035 (Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física); ou CJ0108 (Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física)
6	CJ0109	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Humana	CJ0037 (Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Humana)

7	CH0771	Biogeografia	CH0888 (Bases da Biogeografia)
7	CJ0142	Geografia Regional	CJ0024 (Geografia Regional I); ou CJ0096 (Geografia Regional)
7	CJ0122	Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado	CJ0104 (Trabalho de Graduação do Bacharelado I - Projeto); e CJ0105 Trabalho de Graduação do Bacharelado II - Pesquisa
8	CJ0082	Geografia do Turismo	CJ0125 (Geografia, Turismo e Políticas Públicas)
8	CJ0131	Conservação de Recursos Naturais	CJ0008 (Conservação de Recursos Naturais); ou CJ0127 (Conservação de Recursos Naturais)
Optativa	CJ0143	Geografia da Paisagem	CJ0071 (Geografia da Paisagem); ou CJ0085 (Geografia da Paisagem)
Optativa	HLL0077	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	PD0077 (Língua Brasileira de Sinais)
Optativa	EE0115	Introdução a Economia	EE0094 (Introdução a Economia)
Optativa	IUV0001	Tecnodocência	PRG0007 (Tecnodocência)
Optativa	IUV0002	Tecnodocência EAD	PRG0007 (Tecnodocência)
Optativa	CJ0113	Oficina Geográfica I (Material Cartográfico)	CJ0064 (Oficina Geográfica I)
Optativa	CJ0114	Oficina Geográfica II (Material Audiovisual)	CJ0066 (Oficina Geográfica II)
Optativa	CJ0134	Oficina Geográfica III (Material de Geografia Humana)	CJ0073 (Oficina Geográfica III); ou CJ0115 (Oficina Geográfica III (Material de Geografia Humana))
Optativa	CJ0116	Oficina Geográfica IV (Material de Geografia Física)	CJ0076 (Oficina Geográfica IV)
Optativa	CJ0117	Geografia e Ensino I (Fundamentos)	CJ0075 (Geografia e Ensino I)
Optativa	CJ0118	Geografia e Ensino II (Pesquisa)	CJ0093 (Geografia e Ensino II)

3.4 Infraestrutura para ensino e aprendizagem

Os aspectos organizacionais do PPC não se resumem a matriz curricular, mas na combinação de vários fatores que juntos dinamizam o funcionamento do curso. A dimensão material desse currículo se traduz nas condições físicas, materiais, recursos didáticos, biblioteca, entre outros aspectos necessários ao processo de

ensino e aprendizagem. O Departamento de Geografia dispõe de um edifício onde as barreiras arquitetônicas estão sendo gradativamente eliminadas. A meta é construir uma rampa para permitir acessibilidade ao auditório, principal obstáculo da estrutura física identificada no momento. A acessibilidade ao edifício e suas dependências é realizada através de rampas e um elevador; possui banheiros adaptados com chuveiros, 06 salas de aulas, 01 miniauditório, sala de estudo, laboratórios e copa.

Destaca-se a Praça Milton Santos (a Praça da Geografia) como local de encontros e sociabilidade. Esse espaço torna-se palco para a realização de eventos culturais que compõem a programação da Semana da Geografia, realizada no mês de maio, por ocasião do dia do geógrafo 29/05, o Seminário de Ensino de Geografia, o arraial da Geografia no mês de junho, a calourada da Geografia, entre outros. Na programação desses eventos as manifestações artísticas ocorrem pela organização de saraus, música, dança, entre outras.

Pode-se considerar um ambiente adequado para o ensino, a aprendizagem e a convivência dos licenciandos, bacharelados, docentes e funcionários técnicos administrativos.

As infraestruturas do Departamento de Geografia são favoráveis à flexibilização do currículo, pois permite o desenvolvimento de práticas inclusivas e diversificadas. As estratégias de ensino-aprendizagem no contexto contemporâneo demandam espaços e materiais apropriados que capacitem o professor com rigor científico e compromisso social. Preocupar-se com as condições físicas significa assegurar as condições pedagógicas e organizacionais para se alcançar maior qualidade no processo de ensino e aprendizagem visando ao desenvolvimento intelectual, afetivo e moral para todos os estudantes.

As situações didáticas privilegiam a apropriação e construção de conhecimentos mediante aulas expositivas, organização de seminários, rodas de conversa, práticas investigativas sobre a escola e o ensino de Geografia, leituras, grupos de estudo, trabalhos em equipe, práticas de laboratórios, práticas de campo, elaboração de material didático-pedagógico e a incorporação de práticas utilizando as novas tecnologias da comunicação e informação. Tem-se uma mudança na

concepção de sala de aula, o que possibilita a flexibilização dos tempos e espaços de ensino-aprendizagem.

Destaca-se também os serviços prestados pela Secretaria de Acessibilidade da UFC (UFC-INCLUI), que atende os estudantes público-alvo da educação especial, bem como estimula uma cultura de inclusão da pessoa com deficiência na Universidade Federal do Ceará. A UFC-INCLUI busca garantir a permanência e plena formação dos estudantes com deficiência, ofertando serviços como a produção e edição de materiais acessíveis, apoio pedagógico e tradução/interpretação de Libras.

3.5 Procedimentos de acompanhamento e de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem

A partir das orientações pedagógicas contidas no Projeto, a avaliação dos processos de ensino e aprendizagem deverá ocorrer no decurso de cada semestre letivo, em conformidade às orientações regimentais vigentes na Universidade Federal do Ceará.

Como regra geral, a avaliação é quantitativa (somativa). No entanto, a atividade de tutoria, conforme consta no Projeto, será um instrumento importante tendo em vista a dimensão qualitativa (formativa) da avaliação. Com a proximidade entre tutores e discentes, a tutoria permitirá identificar dificuldades relacionadas às metodologias de ensino e à apropriação dos conteúdos das disciplinas pelos discentes.

Dessa forma, juntam-se as dimensões somativas e formativas para potencializar o desempenho curricular, identificar dificuldades e deficiências e proporcionar ao(à) discente uma orientação mais adequada a seus interesses e habilidades. Com tais procedimentos espera-se estimular o desenvolvimento intelectual do(a) discente, considerando sua capacidade de pensar criticamente.

Da perspectiva somativa, os procedimentos de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem têm por base os conteúdos, a metodologia adotada e a natureza das disciplinas ou da atividade (teórica ou teórico-prática). Em geral, podem ter o formato de provas com perguntas abertas ou objetivas, seminários,

relatórios (trabalhos de campo, aulas práticas em laboratórios), elaboração de projetos, trabalhos individuais ou em grupos.

Na verificação da eficiência, será aprovado por média o aluno que, em cada disciplina, apresentar média aritmética das notas resultantes das avaliações parciais igual ou superior a 7 (sete). Quando o aluno apresentar média igual ou superior a 4 (quatro) e inferior a 7 (sete) nas avaliações parciais, será submetido à avaliação final, sendo aprovado com média final igual ou superior a 5 (cinco). Em caso de reprovação por nota, o aluno deverá cursar novamente a disciplina.

Quanto a assiduidade, será aprovado o aluno que frequentar 75% (setenta e cinco por cento) ou mais da carga horária da disciplina e 90% (noventa por cento) ou mais da carga horária da atividade. O estudante de graduação que contrair duas reprovações por frequência na mesma disciplina ou atingir um total de quatro reprovações por frequência em disciplinas do curso terá sua matrícula do semestre subsequente bloqueada. O desbloqueio da matrícula só poderá ser feito após assinatura de Termo de Compromisso, na Coordenação do Curso, no qual o estudante atestará que está ciente de que qualquer outra reprovação por frequência causará o cancelamento de definitivo de sua matrícula.

A avaliação dos docentes é realizada no final do semestre através de formulário próprio elaborado pela instituição e disponibilizado no SIGAA. Os docentes são avaliados nos seguintes aspectos: Planejamento pedagógico, didático e domínio do conteúdo, Relacionamento e postura com os discentes, Formas e usos da avaliação do aprendizado discente, Pontualidade e assiduidade às aulas, sendo atribuídas notas de 0 a 5. Para o bom desenvolvimento do Curso, as condições materiais com as quais se desenvolvem as atividades acadêmicas, e que são oferecidas pela Instituição, também deverão ser consideradas e avaliadas.

3.6 Estágio Profissional

A prática deve ser entendida em estreita interação com a teoria no movimento dialético da produção do conhecimento, neste sentido, uma não pode ser abordada desarticulada da outra. Conforme tal concepção, a relação teoria/prática deve marcar toda a formação do bacharel, superando o caráter

fragmentado que reduz as práticas a apêndices do final dos cursos. Para além de uma compreensão mecanicista, a dimensão prática tem por objetivo oferecer ao futuro profissional, oportunidades de reflexão e inserção na realidade social e técnica, contribuindo para a formação de sua identidade profissional.

Essa compreensão amplia permite perceber sua integralização curricular de diversas formas e com a flexibilidade necessária ao atendimento das especificidades de cada curso e das peculiaridades dos diferentes tempos e espaços. De acordo com as orientações do documento legal que normatiza sobre o tema (Resolução 32/CEPE, de 30 de outubro de 2009), a dimensão prática deve ser trabalhada nos diferentes desenhos curriculares.

O Colegiado e a Coordenação de Curso, juntamente ao professor responsável pela Orientação de estágio deverão listar as organizações, instituições e empresas, devidamente conveniadas, onde o graduando poderá realizar o Estágio, na condição de prática profissional.

Além da carga horária em disciplinas obrigatórias, o aluno deverá cumprir, no mínimo, **208 horas**, em Estágio Profissional, como atividade regular obrigatória do curso. Essa tem, por objetivo, possibilitar a inserção do aluno no mercado de trabalho. Em caso de realização do estágio como atividade não-obrigatória (portanto, não imediatamente supervisionado), é necessário cadastrar-se por intermédio da Pró-Reitoria de Extensão. É de responsabilidade do aluno, junto à Coordenação do Curso, solicitar o credenciamento no Estágio Profissional, através do preenchimento de uma ficha e entrega de comprovante.

Ressalta-se que a partir do presente Projeto Político Pedagógico será considerada, se devidamente comprovada e com carga horária equivalendo 208 horas, a experiência profissional junto à Empresa Júnior da Geografia (Geomaps Consultoria Ambiental), tendo em vista as áreas em que atua a referida empresa júnior, envolvendo conhecimentos caros à formação do Bacharel em Geografia.

O Anexo II apresenta o Manual do Estágio Profissional.

3.7 Atividades Complementares

Além da carga horária desses componentes curriculares, o aluno deverá cumprir, no mínimo **96 horas** de atividades teórico-práticas de aprofundamento em

áreas específicas de interesse dos estudantes, de acordo com Resolução Nº 7/CEPE/2005. As Atividades Complementares (AC) do Bacharelado em Geografia, conforme o Projeto do curso, estão discriminadas a seguir:

- Atividades de Iniciação à Pesquisa - Serão instrumentos que aproximarão o corpo discente da iniciação científica, estimulando o contato com a pesquisa e as áreas de ensino. Poderão ser realizados sob a supervisão de docente do Curso nos diversos laboratórios de ensino e de pesquisa da Universidade.
- Atividades de Extensão - Práticas de Extensão - Compreende as atividades desenvolvidas pelo estudante, sob a orientação docente, caracterizada como de extensão ou de prestação de serviços à comunidade, ligadas a área de atuação do Bacharel. Tais práticas devem contemplar, para fim de cômputo das Atividades Complementares, as horas excedentes de ações extensionistas, para que não ocorra sobreposição entre as Atividades Complementares e a Unidade Curricular Especial de Extensão.
- Atividades artístico-culturais e esportivas – Compreende a participação do estudante em grupos artísticos-culturais, bem como participação em atividades esportivas, ambas sendo praticadas no âmbito da UFC.
- Atividades de participação e/ou organização de eventos - A participação do estudante em eventos de caráter científico-cultural deverá ser incluída no currículo do aluno como hora/atividade complementar, com ou sem apresentação de trabalho.
- Experiências ligadas à formação profissional e/ou correlatas - Serão instrumentos de iniciação profissional, voltados para o ensino-aprendizagem, que colocarão os alunos diretamente em contato com a realidade dos escritórios de planejamento.
- Produção técnica e/ou científica - Produção de artigos, resumos, publicação de textos em livros, entre outras produções equivalentes.
- Outras atividades, estabelecidas de acordo com o Art. 3o. da Res. 07/2005 (CEPE/UFC) - São atividades que podem ser definidas pelo Colegiado do Curso de Geografia, por não estarem contempladas neste documento.
- Trabalhos de Campo e Visitas Técnicas - Serão considerados para o cômputo das atividades complementares os trabalhos de campo e visitas técnicas desenvolvidos fora daquelas atividades previstas e/ou

desenvolvidas nas disciplinas dos núcleos obrigatórios e de opções livres, ou seja, quando não representarem ações realizadas como parte da integralização de disciplinas (obrigatórias ou optativas); isto é, sejam campos ou visitas excedentes.

- Participação em bancas de apresentação de monografias e dissertações, bem como em defesas de teses de doutorado – A participação como ouvinte do discente em bancas deve ser incluída no seu currículo como hora/atividade complementar.

Para efeito de homologação das atividades complementares realizadas ao longo do Curso, discentes e docentes deverão considerar o limite de horas aceitas em cada atividade/modalidade, tendo em vista o Quadro de Validação das Atividades Complementares apresentado no final do Anexo III. É de responsabilidade da Coordenação do Curso, indicar os Professores em condições de emitir o parecer para homologação das atividades realizadas pelo discente, preferencialmente no semestre previsto para a conclusão do curso.

O Anexo III apresenta o Manual de Atividades Complementares de Graduação.

3.8 Trabalho de Conclusão de Curso

A elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com carga horária de 64h, tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisa referente a temas específicos da formação profissional de Geografia que estão em sintonia com as experiências e vivências do bacharelado nas atividades de pesquisa, ensino e extensão.

O TCC representa atividade obrigatória, já que para a obtenção do título de Bacharel em Geografia será exigida a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, com orientação de um dos docentes do Curso.

Considerado como atividade curricular adequada ao final do curso, o TCC pode ser iniciado em qualquer etapa do Bacharelado. Porém, é preferencialmente cadastrado no 7º semestre do curso. A exposição e avaliação pública do TCC é

condição básica para a diplomação (colação de grau) de todo e qualquer aluno do Bacharelado.

Cada aluno(a), individualmente ou em dupla, deve procurar os(as) professores(as) do curso para sistematizar possíveis projetos de TCC, antes do cadastramento da atividade, o qual é feito a partir da entrega do Termo de Aceite preenchido e assinado pelo(a) aluno(a) e pelo(a) professor(a) orientador(a), junto à Secretaria da Coordenação. O período deste cadastramento será informado pela Coordenação semestralmente.

Fica sob a responsabilidade do professor orientador em parceria com a coordenação, inscrever o candidato e a comissão de avaliação composta por ele e mais dois examinadores, como confirmação de que o trabalho pode ser apresentado.

Deve ser requerido no ato da formalização da orientação do TCC, conforme assinatura do Termo de Aceite da orientação, que o aluno em qualquer das modalidades a seguir expostas o apresente seguindo as normas presentes do Guia de normalização da UFC para projetos acadêmicos.

Fica a critério do professor orientador, em comum acordo com o orientando, definir a modalidade de TCC que representará seu estudo de conclusão da graduação (bacharelado) em Geografia, sendo que a escolha da modalidade deve ser formalizada junto à coordenação.

O TCC será expresso na elaboração de um estudo acadêmico, cuja forma de concepção e desenvolvimento pode corresponder a uma dessas três modalidades.

1. **MEMORIAL:** é uma autobiografia (geral ou temática) que descreve, analisa e critica acontecimentos sobre a trajetória acadêmica, profissional e intelectual do candidato, refletindo aspectos de sua experiência acumulada na academia. Recomenda-se que o memorial inclua em sua estrutura seções que destaquem as informações mais significativas, como a formação, as atividades técnico-científicas e artístico-culturais, as atividades docentes, as atividades de administração, a produção científica, entre outras.
2. **MONOGRAFIA:** é um texto acadêmico acerca de um tema específico, resultante de investigação científica. Possui, portanto uma organização convencional, incluindo tema, problemática, objetivos, metodologia, revisão de literatura, acompanhada de análise crítica, síntese ou categorização

realizada pelo autor. O material bibliográfico levantado deve ser organizado de modo a dar uma visão integradora do tema relacionado à educação geográfica.

3. **ARTIGO CIENTÍFICO:** é um trabalho mais condensado (com menos de 30 páginas) cuja finalidade é a de registrar investigação realizada e divulgar resultados obtidos à comunidade científica. Seus parâmetros de organização devem seguir recomendações feitas a autores, conforme instruções dadas por revistas e periódicos qualificados pela CAPES. Sua estrutura básica é: introdução, metodologia, resultados, conclusão e referências.

Sobre o encaminhamento do TCC à Comissão Avaliadora, ressalta-se que a versão digital a ser entregue com cópia à Coordenação, deve ocorrer com antecedência mínima de 10 (dez) dias corridos da seção pública. A versão final do TCC deve seguir a Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UFC. A revisão do texto deve passar por profissional competente, antes da disponibilização no repositório de publicações da UFC.

A não submissão do TCC para a Comissão Avaliadora no prazo, já denota a falta de condições de sua defesa e apreciação pela Comissão; neste caso prorroga-se a diplomação do candidato, respeitando-se o prazo limite para conclusão do curso de cada aluno(a).

Fica a critério da Coordenação, atualizar semestralmente os prazos e encaminhamentos para a realização da Seção Pública. Os professores orientadores ficam responsáveis pelo planejamento e realização da Seção pública, providenciando os encaminhamentos para sua organização, em parceria com a Coordenação do curso. É de responsabilidade da Coordenação a elaboração da Ata e das declarações dos professores examinadores e professor(a) orientador(a).

A responsabilidade pela avaliação do TCC é do(a) professor(a) orientador(a), que junto com o(a) orientando(a), indica à Secretaria da Coordenação dois examinadores (no mínimo) graduados em Geografia (ou áreas afins) para formar a Comissão Avaliadora e apresentar pareceres do TCC em Seção Pública.

A mensuração do TCC será feita com base nos seguintes critérios:

1. Qualidade, originalidade e consistência do estudo proposto, conforme a modalidade indicada.
2. Consistência teórico metodológica no campo da Educação geográfica;
3. Cumprimento das normalizações estabelecidas;
4. Elementos que demonstram o comprometimento do candidato com o estudo proposto.
5. Conjunto do trabalho

A Comissão Avaliadora – Orientador(a) e Examinadores(as) - atribuirá uma avaliação final por médias individuais ou consenso na atribuição de uma nota coletiva. Será considerado aprovado o aluno (ou equipe de alunos) que obtiver, no mínimo, a nota igual ou superior a 7,0 (sete) na escala de 0,0 (zero) a 10,0 (dez).

Da inscrição do TCC ao momento da Seção Pública, o Orientador tem o direito de solicitar a suspensão da apresentação, por qualquer motivo justificável, seja relacionado ao trabalho ou ocorrências extraordinárias. No caso de Seção suspensa, é facultativo ao Orientador solicitar uma nova data ou prazo para essa exposição, cabendo a Coordenação deliberar sobre o pedido.

Realizada a Seção, a nota final, estabelecida só será registrada no sistema acadêmico, pelo coordenador e/ou orientador mediante a apresentação e devolução à Coordenação da Ata da Seção Pública preenchida e assinada pelos examinadores.

A apresentação do TCC poderá ocorrer ao longo do período semestral não coincidindo com as avaliações finais, sem qualquer necessidade de justificativa prévia por parte do professor orientador.

Ressalta-se que a divulgação de manuais atualizados de apoio à produção dos trabalhos será realizada pela Coordenação do curso de forma permanente, por meio digital, utilizando para tanto a plataforma do SIGAA. Ademais, a disponibilização dos TCC se dará na biblioteca universitária, via repositório institucional da Universidade Federal do Ceará, acessíveis pela internet.

O não cumprimento das normas aqui expostas implicará na realização de nova matrícula na atividade TCC, respeitando-se o prazo limite para conclusão do curso de cada aluno(a).

Os casos não previstos por esta normativa serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Bacharelado Geografia.

O Manual do Trabalho de Conclusão de Curso é apresentado no Anexo IV, ao final deste PPC.

3.9 Ementário e bibliografias

EMENTA
CG0500 – Geologia Geral
Geologia: definições, subdivisões e breve histórico. A origem do universo e o sistema Terra-Lua. A Terra em conjunto e a litosfera. Meteoritos. O tempo geológico. Minerais. Rochas. A origem das montanhas e teorias geotectônicas. Intemperismo e formação do solo. Hidrosfera. Atmosfera. Biosfera. Atividades geológicas dos rios. Atividades geológicas dos ventos. Atividades geológicas do gelo. Atividades geológicas do mar. Atividades geológicas dos organismos. O magma. Vulcanismo. Plutonismo. Terremotos. Epirogênese. Deformação das rochas. Análises geológicas em atividades práticas de campo.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ARTHAUD, M.H. Geologia Geral, Notas de Aulas. Fortaleza, DEGEO, 2002. CASTRO, D. L. – 004 – Geologia Geral, Notas de Aulas. Fortaleza, DEGEO. 62 p. TEIXEIRA, W.; Toledo, M.C.M.; FAIRCHILD, T.R.; Taioli, F. Decifrando a Terra. São Paulo, USP: Companhia Editora Nacional.2009. Oficina de Textos. 2ª Edição. 623p.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
BAPTISTA NETO, J. A.; Ponzi, Vera, R. A.; Sichel, S. E. Introdução à Geologia Marinha. Editora Interciência Ltda. Rio de Janeiro, 2004, 279p. LEINZ V. & AMARAL S. S. Geologia Geral. São Paulo, Editora Nacional. 2004, 399 p. MC ALESTER, Al. L. História Geológica da Terra. São Paulo, Editora Edgar Blücher, 1996, 173 p. PRESS, F.; SIEVER, R.; GROTZINGER, J. e JORDAN, T. Para Entender a Terra. 4ª Edição, Bookman. 2006. JAMES S. MONROE. Fundamentos de Geologia. Editora: Cengage Learning, 2010.
EMENTA
CH0771 – Biogeografia
Biogeografia como ciência. Os ciclos biogeoquímicos. Mapeamento e distribuição dos seres vivos. Fatores externos e internos da distribuição. As grandes biocenoses terrestres. Dinâmica das comunidades. Noções gerais sobre a Fitogeografia do Brasil. A análise da vegetação e suas relações com o ensino da interpretação das paisagens naturais. Os movimentos ambientalistas. As unidades de conservação. Os impactos ambientais em relação com a sociedade. Metodologia científica Ciência geográfica: natureza e objetivos. Saber, ética e produção intelectual. Trabalho científico: linguagem, redação, apresentação e normalização.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROWN, J.H. & LOMOLINO, M.V. Biogeografia. 2ª edição. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2006. CAMARGO, J.C.G. Considerações a respeito da Biogeografia. Caderno de Geografia da PUC Minas, vol. 4, nº 5: 41 a 50. (disponível na internet) COLE, M.M. 1960. Cerrado, Caatinga and Pantanal: The Distribution and Origin of the Savanna Vegetation of Brazil. The Geographical Journal, 126 (2): 168-179.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ARAUJO, F.S.; RODAL, M.J.N.; BARBOSA, M.R.V.; MARTINS, F.R. 2005. Repartição da flora lenhosa no domínio da Caatinga. In: ARAUJO, F.S.; Rodal, M.J.N. & BARBOSA, M.R.V. (Org.). Análise das variações da biodiversidade do bioma caatinga: suporte a regionais de conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p. 15-33. CABRERA, A.L. & WILLINK, A. 1980. Biogeografia de América Latina. Monografia 13. Organización de los Estados Americanos, Washington, D.C. 1980. 122p. (disponível na biblioteca) FERNANDES, A. & BEZERRA, P. 1990. Estudo fitogeográfico do Brasil. Stylus Comunicações, Fortaleza. (disponível na biblioteca UFC) FERNANDES, A. 1990. Temas fitogeográficos. Stylus Comunicações, Fortaleza. (disponível na biblioteca) FIGUIREDO, M.A. 1997. A cobertura vegetal do Ceará: unidades fitoecológicas. IPLANCE. (eds.) Atlas do Ceará, Fortaleza. p 28-29. (disponível na biblioteca UFC).

EMENTA
CJ0063 – Climatologia Domínios e métodos. Atmosfera e superfície da terra. Análise dos elementos climáticos e a interferência dos fatores geográficos. Classificações climáticas. O estudo das condições climáticas e suas influências sobre o meio e a sociedade. As condições climáticas como elemento organizador do espaço geográfico.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA AYOADE, J. Introdução à climatologia para os trópicos. 2ª edição. São Paulo: Ed. Bertrand do Brasil, 1988. DEMILLO, R. Como funciona o clima. Tradução: Túlio Camargo da Silva]. São Paulo: Quark Books, 1998. MONTEIRO, C. A. de. F. Teoria e clima urbano. São Paulo: IGEOG/USP, 1976. (Série Teses e Monografia, 25).
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR CONTI, J. B. Clima e meio ambiente. São Paulo: Atual Editora, 1988, 88p. OLCINA, A. G. & CANTOS, J. O. Climatologia general. Barcelona: Editora Ariel, 1997. SANT'ANNA NETO, J. L. & ZAVATINI, J. A. (Orgs.). Variabilidade e mudanças climáticas implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá: EDUEM, 2000. SANT'ANNA NETO, J. L. (Org.). Os climas das cidades brasileiras. Presidente Prudente, 2002. VAREJA O-SILVA, M. A. Meteorologia e climatologia. Brasília: INMET, Gráfica e Editora Pax, 2001.
EMENTA
CJ0070 – Geomorfologia

Bases conceituais e metodológicas da geomorfologia: critérios de classificação das formas de relevo; os fatores da geomorfogênese e da morfodinâmica atual; as litologias e suas propriedades geomorfológicas; o significado geomorfológico da estrutura geológica; a análise morfodinâmica; processos aerolares e processos lineares; noções de geomorfologia litorânea; os preceitos normativos dos levantamentos geomorfológicos e as principais aplicações práticas desses levantamentos. A geomorfologia como recurso de interpretação dos fenômenos naturais e seus reflexos sobre a sociedade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOLOS, M. de. Manual de Ciência del paisaje. Barcelona: Masson, S.A, 1992.

CHRISTOFOLLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgar Blucher.

DERRUAU, Max. Geomorfologia. Barcelona: Ed. Ariel, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASSETI, Valter. Ambiente e Apropriação do Relevo. São Paulo: Contexto, 1981.

CHRISTOFOLLETTI, Antônio. Geomorfologia fluvial. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.

CUNHA, Sandra Batista e GUERRA, Antônio José Teixeira. Geomorfologia: exercícios, técnicas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994.

CUNHA, S.B. & GUERRA, A.J.T. Geomorfologia do Brasil. RJ: Bertrand Brasil, 1998.

CUNHA, S.B. & GUERRA, A.J.T. Geomorfologia: uma atualização de bases. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994.

EMENTA

CH0865 – Ecologia

Conceitos básicos de estrutura e funcionamento de ecossistemas. Processos ecológicos: energia e nutrientes. Efeitos dos fatores abióticos sobre a diversificação, distribuição e abundância dos organismos. Aplicações nos estudos de manejo e conservação de recursos naturais. Observação, métodos e interpretação de dados ecológicos. Principais ecossistemas terrestres. Ecossistemas brasileiros e cearenses.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AB´SABER, A. N. 2003. *Os domínios de natureza no Brasil*. São Paulo, Editora Ateliê. 159p.

BEGON, M.; HARPER, J.L. & TOWNSEND, C.R. 1996. *Ecology: individuals, populations and communities*. 3ª ed. Oxford, Blackwell Science. 1068p.

KREBS, C.J. 2001. *Ecology*. 5ª ed. San Francisco, Benjamin Cummings. 695p.

ODUM, E. 1988. *Ecologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara. 434p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACOT, P. 1990. História da ecologia. Rio de Janeiro, Editora Campus. 212p.

MEGURO, M. 2000. Métodos em Ecologia Vegetal. São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências. 118p.

REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B. & TUNDISI, J.G. (Orgs.) 2002. Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. 2ª ed. São Paulo, Escrituras Editora. 703 p.

ODUM, E. 1997. *Fundamentos de Ecologia*. 5ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 927p.

RICKLEFS, R.E. 1996. *A economia da natureza: um livro-texto em ecologia básica*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 470p.

SILVA, L.F. 1996. *Solos tropicais: aspectos pedológicos, ecológicos e de manejo*. São Paulo, Terra Brasilis Editora. 137p.

EMENTA

CJ0072 – Recursos Hídricos

Conceito, campos e métodos da Hidrologia. Interações com outras ciências e suas diferentes etapas. Ciclo hidrológico. Águas superficiais: condicionantes do escoamento fluvial. Fatores, regimes e classificação dos cursos d'água e das águas subterrâneas. Noções gerais de oceanografia e limnologia. Os lagos. Aspectos básicos da hidrografia brasileira. Análise dos recursos hídricos como contribuinte para o entendimento das atividades econômicas e relações internacionais. Alternativas de gestão dos recursos hídricos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHRISTOFOLETTI, A. A geomorfologia fluvial. São Paulo: Ed. Edgar Blucher, 1981.

FEITOSA F. A. C. & MANOEL FILHO, J. (coords.) Hidrogeologia - conceitos e aplicações. Fortaleza: CPRM/REFO, LABHID-UFPE, 2000.

GUERRA, A.T. & CUNHA, S. B. da Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PORTO, R. (org.) et al. Hidrologia ambiental. São Paulo: Editora da Universidade de SP: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 1991.

REBOUÇAS, A. C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J.G. Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. Academia Brasileira de Ciências, Inst. Estudos Avançados/USP, Ed. e Distribuidora de Livros Ltda., 1999.

SUGUIO, K. & BIGARELLA, J. J. Ambientes fluviais. Florianópolis: Editores UFPR/UFSC, 1990.

TUCCI, C. E. M. (Org.) Hidrologia – ciência e aplicação. São Paulo. Ed. Da Universidade e Edusp. 1993.

TUNDISI, J. G. Água no século XXI: enfrentando a escassez. São Carlos: RiMa, IIE, 2003.

EMENTA

CJ0133 – Pedologia

A pedologia - conceitos, objetivos e relações interdisciplinares. Os constituintes do solo: horizontes e camadas; descrição do perfil do solo. Relações solo-água-plantas. Noções de química e mineralogia dos solos. Pedogênese - fatores e processos pedogenéticos. Classificação dos solos – princípios e critérios básicos. Principais classes de solos do Brasil. Solos e problemas conservacionistas. O significado do trabalho pedológico para a Geografia. Estudo do solo como ferramenta natural para inter-relações com os outros componentes da natureza e sua interferência na organização funcional das atividades econômicas. As potencialidades e limitações do solo. Práticas de campo realizadas com a participação de estudantes do ensino fundamental e representantes das comunidades rurais, demonstrando a necessidade do uso adequado do solo como um recurso natural não renovável no

curso do tempo histórico. Envolve realização de práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRADY, Nyle C. Natureza e Propriedades aos Solos, Rio de Janeiro- RJ. 1983. Biblioteca Universitária Freitas Bastos, 647p.
EMBRAPA. Sistema Brasileiro de classificação de Solos. EMBRAPA. Rio de Janeiro. 412p. 1999. MONIZ, A. C. Elementos de Pedologia. Ed. Livros Técnicos e científicos Editora S. A. Campinas, 1972. 459p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIGARELLA J.J.; BECKER R.D. E PASSOS E. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais. Vol. II – Intemperização Biológica, Pedogênese, Laterização, Bauxitização e Concentração de Bens Minerais. Ed. da UFSC. 875p. 1996.
DUCHAU FOUR, P. Edafologia.1. Edafogenesis y clasificación. Ed. Masson S.A. Barcelona, 1984. 483p.
FERREIRA, P. H. de Moura. Princípios de Manejo e de Conservação do Solo. Nobel, 3ª ed. São Paulo, 1992.
GUERRA, A .J. T.; SILVA, A .S. E BOTELHO, R.G. M. (Org.). Erosão e Conservação dos Solos. Conceitos, Temas e aplicações. Ed. Bertrand Brasil. São Paulo, 1999. 339p.
JACOMINE P.T.K. (Coord.). Levantamento Exploratório - Reconhecimento de Solos do Estado do Ceará. Vol. I, DPP, MA/DNPEA -SUDENE Bol. técnico 28. Recife, 301 p. 1973.

EMENTA

CJ0062 – Metodologia Científica

Noções de história e filosofia da ciência. O conhecimento científico. Métodos. Introdução prática ao trabalho científico. Ciência geográfica: natureza e objetivos. Saber, ética e produção intelectual. Trabalho científico: linguagem, redação, apresentação e normalização. O processo de pesquisa. Metodologia de estudos. Trabalhos científicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT: História da normalização brasileira. Rio de Janeiro, RJ: ABNT, 2011. 112 p.
LUNGARZO, Carlos. O que é ciência. Sao Paulo: Brasiliense, 1989. 86p.
SANTOS, Milton. Espaço e Método. Nobel, São Paulo, 1985, (3ª edição: 1992).
SEVERINO, A. Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras. 12a ed. São Paulo: Brasiliense, sd.
DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1991.
ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 174 p.

MARCONI, M. de Andrade, LAKATOS, E. Maria. Fundamentos da Metodologia Científica. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 17. Ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 1991. 252 p.

EMENTA

CJ0141 – Métodos e técnicas de Pesquisa em Geografia Física

A Geografia Física: questões conceituais e metodológicas. O campo de ação da Geografia Física. Análise geossistêmica, ecodinâmica e geoecológica da paisagem. Os trabalhos de gabinete, de campo e de laboratório em Geografia Física. A execução de mapeamento temático e a preparação de relatórios setoriais e integrativos. Geografia Física e análise ambiental: aplicações práticas de pesquisa. Elaboração de pesquisas visando a interação entre o conhecimento teórico e prático da Geografia Física.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CEOTMA. Guia para la elaboración de estudios del Medio Físico: Contenido y Metodología. Madri: MOPU, 1984.

PROJETO RADAMBRASIL. Levantamento de Recursos Naturais. Vols. 21 e 23. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, 1981.

RUIZ, João A lvaro. Metodologia científica. Guia para experiência nos estudos. São Paulo: EditoraAtlas S/A, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERTRAND. G. Paisagem e Geografia Física Global – Esboço Metodológico 13 – Caderno de Ciências da Terra. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1972.

GEVERTZ, R. et al. Em busca do conhecimento ecológico. Uma introdução à Metodologia. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1983.

RELATO RIOS DE PESQUISAS elaborados pela UFC, UECE, FUNCEME, IBAMA, SEMACE, SEDURB e outros.

RUDIO, F.V. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.

SOTCHAVA, V.B. Por uma Teoria de Classificação de Geossistemas de vida terrestre – 14 Biogeografia – São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1978.

EMENTA

CJ0109 – Métodos e técnicas de Pesquisa em Geografia Humana

Pesquisa e ideologia. O significado da fundamentação teórico-conceitual e as grandes correntes metodológicas. O planejamento e as etapas da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BASTIE, J. Algumas reflexões sobre a Pesquisa em Geografia Humana. In: Boletim Geografia n. 234, Rio de Janeiro: IBGE; 1973.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). Pesquisa Participante. 8ª edição. SP: Brasiliense, 1990. GEORGE, Pierre. Tradução de Helogra de Lima Dantas. Os Métodos da Geografia. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de política. 5. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

CAPITALISMO: uma história de amor. Direção: Michael Moore. Estados Unidos da America: [S. n.], 2009. 1 DVD (127 min.), son., color.

CARLOS, A. F. A geografia brasileira hoje: algumas reflexões. Terra Livre, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, p. 161-178, 2002.

DEMO, P. Metodologia científica em Ciências Sociais. SP: Atlas, 1980.

GOMES, H. A Pesquisa Geográfica. In: Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, 1982.

EMENTA

CJ0060 – Cartografia

Princípios e conceitos de Cartografia. Elementos técnicos da ciência cartográfica. Sistema de coordenadas geográficas e sistema UTM. Projeções cartográficas. Principais componentes de uma carta. Nomenclatura de cartas. Uso prático de cartas. Introdução às técnicas de representação da Cartografia temática.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDERSON, P. S. Princípios de Cartografia Básica. IBGE/DSG: 1982. [http://javali.fcav.unesp.br/sgcd/Home/departamentos/engenhariarural/TERESA CRISTINATAR LEPISSARRA/Cartografia-Basica.pdf](http://javali.fcav.unesp.br/sgcd/Home/departamentos/engenhariarural/TERESA%20CRISTINATAR%20LEPISSARRA/Cartografia-Basica.pdf)

DUARTE, P.A. Cartografia Temática. Santa Catarina: Editora UFSC, 1991.

FITZ, Paulo Roberto. Cartografia Básica. Canoas: Centro Universitário La Salle, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do Desenho ao Mapa. Iniciação Cartográfica na Escola. SP: Ed. Contexto, 2001.

MARTINELLI, Marcello. Mapas da Geografia e Cartografia Temática. SP: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Ceurio. Curso de cartografia moderna. IBGE. Rio de Janeiro, 1988.

SOUZA, José Gilberto de & KATUTA, Ângela Massumi. Geografia e Conhecimento Cartográfico. A Cartografia no movimento de renovação da Geografia Brasileira e a importância do Uso de Mapas. SP: Ed. UNESP, 2001.

LIBAULT, André. Geocartografia. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1975.

EMENTA

CJ0059 – História do Pensamento Geográfico

A trajetória do conhecimento geográfico. A sistematização da Geografia como campo de conhecimento. As diferenciações metodológicas e conceituais nas distintas Escolas geográficas. A Geografia na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDERY, Maria Amália, MICHELETTO, Nilza e outras. Para compreender a Ciência. Rio de Janeiro: Espaço Tempo/PUC-SP. 1988.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural, In: CASTRO, Iná Elias de et ali. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. RJ: Guanabara, 1986.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. RJ: Bertrand Brasil, 1997.
BLACHE, P.V. Princípios de geografia humana. Lisboa: Cosmos 1956.
GOMES, Paulo C. da Costa. Geografia e Modernidade. 6ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
HARTSHORNE, Richard. Propósito e natureza da Geografia. SP: HUCITEC- Edisp-Se. 1979.
MOREIRA, Ruy. Geografia teoria e crítica. Petrópolis: Vozes, 1982.

EMENTA**CJ0123 – Geografia da População**

Teorias clássicas e contemporâneas sobre população: Malthus, Neomalthusianismo Cornucopiana, Clube de Roma, Marx, Pegada Ecológica, Desenvolvimento Sustentável. Dinâmicas populacionais. Transições demográficas e o processo de globalização. Desenvolvimento e estruturação da população no espaço geográfico. Migrações. Diversidades étnicas. Os povos invisíveis: negro, índio, ciganos, moradores em situação de rua, moradores das periferias. As questões do gênero.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Fernando Lopes de; FERNANDES, Francisco R. Chaves (orgs.). Smith, Ricardo e Malthus. A Economia Clássica. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1978.
BECKER, Olga. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de et ali. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
DAMIANI, Amélia Luisa. População e Geografia. São Paulo: Contexto, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. População residente nos núcleos urbanos do Nordeste (1970 – 1980). Recife: SUDENE, 1983.
MARTINE, George. A evolução espacial da população brasileira. In AFFONSO, Rui de B. A. & SILVA, Pedro L. B. (Org.) Desigualdades regionais e desenvolvimento. São Paulo: FUNDAJ/Editorada Universidade Estadual Paulista, 1995 (Federalismo no Brasil)
MOREIRA, Rui Ideologia e política dos estudos de população. In O discurso do Avesso. (Para a crítica da Geografia que se ensina). Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1987. REVISITA TRAVESSIA. Publicação do Centro de Estudos Migratórios.
ROSSINI, Rosa Ester. Brasil: tendência atual da queda de fecundidade. São Paulo: USP, 1985 (Mimeo).

EMENTA**CJ0140 – Geografia Agrária**

Formação espacial, territorial do Brasil e as relações de produção no campo brasileiro. A formação da estrutura agrária brasileira e cearense. Agricultura familiar camponesa. Agronegócio e agroecologia. Convivência com os semiáridos, os

sertões. Os conflitos socioespaciais, socioterritoriais e pastorais no campo. As políticas de reforma agrária no Brasil e no mundo.

Envolve realização de práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. Segredos Íntimos: A gestão nos assentamentos de reforma agrária. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia. A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.

BARREIRA, César. Trilhas e atalhos do poder: Conflitos sociais no sertão. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Manuel Correia de. O Nordeste: a reforma agrária ainda é necessária? Cadernos Guararapes. V.2. Recife: Guararapes, 1981.

DINIZ, J.A. Filizola; Geografia da agricultura. 2ª edição. S. Paulo: Difel, 1986.

KAUSTRY, Karl. A questão agrária. 3ª edição. SP: Proposta Editorial, 1980.

GRAZIANO NETO, Francisco. A tragédia da terra. O fracasso da reforma agrária no Brasil. São Paulo: Iglu, 1991.

LAMARCHE, Hughes (coord.) A agricultura familiar: Comparação internacional. Tradução de Angela Maria Naoko Tijiwa. Campinas: Ed UNICAMP, 1993.

EMENTA

CJ0023 – Geografia Urbana e dos Serviços

A Geografia Urbana e dos Serviços no contexto da Geografia. O processo de urbanização. Urbanização na América Latina. A urbanização e metropolização. O espaço urbano e sua estrutura. Problemas urbanos. As cidades e a organização do espaço. Conceito e classificação das funções urbanas. Os espaços públicos e os lazeres na cidade e no urbano. As condições socioambientais no urbano.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COSTA, MARIA CLÉLIA LUSTOSA; Pequeno, L.R.B. (Org.) . Fortaleza: transformações na ordem urbana. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015.

DANTAS, E. W. C. ; COSTA, M. C. L. ; SILVA, J. B. . De cidade a metrópole. (Trans)formações urbanas em Fortaleza.. 1. ed. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2009.

LENCIONI, Sandra. Metrópole, metropolização e regionalização. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

SOUZA, M. L. Mudar a Cidade. Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

HARVEY, David. Espaços de Esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRENNER, N. Teses sobre urbanização. Revista E-metropolis. Rio de Janeiro. n. 19, ano 5, 2014. p. 6-26.

CORREA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, M. C. L. Capítulos de geografia histórica de Fortaleza. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

DANTAS, E. W. C. ; COSTA, M. C. L. ; ZANELLA, M. E. Vulnerabilidade socioambiental e qualidade de vida em Fortaleza. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016.

LEFÈBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MERCATOR: Revista do Departamento de Geografia da UFC. Fortaleza: UFC, 2018. Disponível em: <www.mercator.ufc.br>.

PEREIRA A. Q. A urbanização vai à praia. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil. Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SPÓSITO, M. E. B; CARLOS, A. F. A; SOUSA, M. L. (org.). A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto. 2015.

EMENTA

CJ0081 – Geografia da Energia e das Indústrias

A industrialização brasileira. A concentração geográfica da indústria no Sudeste. A redivisão inter-regional da indústria no Brasil. A industrialização no Nordeste. A reestruturação Produtiva e Espacial e o mercado de trabalho. A agroindústria e as relações campo-cidade. O processo de industrialização relacionado com o uso da energia. Energia: fonte, transporte, controle e impacto ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMORA, Zenilde Baima. Indústria e espaço no Ceará. In: Ceará: um novo olhar geográfico/organizadores, SILVA, José Borzacchiello da Silva, CAVALCANTE, Tércia Correia, DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, SOUSA, Maria Salete de [ET AL] Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

CARLOS, Ana Fani A. Espaço e indústria. São Paulo: EditoraContexto/Edusp, 7ª edição 1997.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 5ª ed. São Paulo, Loyola, 1995.

MUNIZ, Alexsandra M. Vieira; Silva, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Reestruturação produtiva, trabalho e transformações no espaço metropolitano de Fortaleza. Boletim Goiano de Geografia, v.31, p. 13/1-25, 2011. HTTP: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/15395>.

PEREIRA JUNIOR, Edilson. Dinâmicas territoriais no Ceará e na Região Metropolitana de Fortaleza - um olhar orientado pelo processo de industrialização. Fortaleza [recurso eletrônico]: transformações na ordem urbana / [edição] Maria Clélia Lustosa Costa, Renato Pequeno. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUNIZ, Alexsandra M. Vieira. Produção do Espaço Metropolitano de Fortaleza e a Dinâmica Industrial. Revista Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 61-74, set./dez. 2015.

_____. CEARA STATE AND THE TEXTILE INDUSTRY IN TIME-SPACE/O CEARA E A INDUSTRIA TEXTIL NO ESPAÇO-TEMPO/. Boletim Goiano de Geografia (Online), v. 36, p. 420-443, 2016.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. Uma reorganização produtiva do território. In: O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2002.

_____. O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SPOSITO, Eliseu Savério. O novo mapa da indústria no início do século XXI. 1.ed. São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015.

EMENTA

CJ0136 – Geografia do Brasil

A natureza do território brasileiro. A formação territorial do Brasil. As divisões regionais brasileiras. O povo brasileiro: diversidade cultural e imigração, Dinâmica populacional, mercado de trabalho. Imagem e imaginário do Brasil. O Estado, a nação e o nacionalismo e a identidade do Brasil. O Brasil urbano e industrial: novos investimentos industriais, rede urbana brasileira, qualidade de vida nas cidades, a industrialização do campo. Circulação e transportes no Brasil. A inserção do Brasil do mercado mundial: potencialidades e dificuldades.

Envolve realização de práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MORAES, Antonio C. R. Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial no longo século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). Geografia do Brasil. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. O Brasil: território e sociedade no início do séc. XXI. Editora Record: São Paulo, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BECKER, Bertha K; EGLER, Cláudio A. G. Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro/RJ: Editora Bertrand Brasil, 1993.

CLAVAL, Paul. A construção do Brasil: uma grande potência em emergência. Lisboa: Editora Piaget, 2010.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 11ªed. Rio de Janeiro/RJ: Editora Nacional, 1972.

MORAES, Antônio C. R. Ideologias geográficas. São Paulo: Anablume. 2005.

MAGNOLI, Demétrio. O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo/SP: Fundação Editora UNESP & Editora Moderna, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

EMENTA**CJ0095 – Geografia do Nordeste e do Ceará**

Os elementos condicionantes naturais e socioeconômicos das paisagens nordestinas e cearenses. As regiões naturais: litoral, sertão, agreste, serras, chapadas e planalto – suas configurações e inter-relações Conservação e degradação ambiental: a necessidade de conservar; processos de degradação e Desertificação de ambientes naturais – causas e implicações socioambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AB'SABER, Aziz Nacib. Os Domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. A Invenção do Nordeste e outras artes. Recife/São Paulo, Massangana/Cortez, 1999.
- ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o Homem no Nordeste. São Paulo, Ed. Atlas, 1986.
- _____. Formação Territorial do Brasil. In: Becker, Berta K. et al. Geografia e Meio Ambiente no Brasil. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec, 1995. p. 163-180.
- CASTRO, Iná Elias de. O Mito da Necessidade. Rio de Janeiro, Bertrand, 1989.
- NASCIMENTO, Flávio R. do. O Fenômeno da Desertificação. CEGRAF: Goiânia, 2013. 240p.
- _____. Os semiáridos e a Desertificação no Brasil. IN: Revista Eletrônica do PRODEMA. V. 9, n. 2. Fortaleza:UFC. 2015. p. 9-26.
- ROSS, Jurandyr Luciano S. Natureza e sociedade nos espaços agroambientais do Brasil. IN: Ecogeografia do Brasil. Subsídios para planejamento ambiental. SP: Oficina de Textos, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AB'SABER, Aziz Nacib. Províncias geológicas e Domínios Morfoclimáticos do Brasil. In: Geomorfologia (20). São Paulo: USP –I.G, 1970.
- _____. Sertões e Sertanejos: uma Geografia humana sofrida. In: Revista Estudos Avançados. Dossiê Nordeste seco. 13 (36), São Paulo: Centro de Estudos Avançados, 1999. p. 7 – 59.
- CUNHA, Sandra B. da. Bacias hidrográficas. IN: Cunha, S.B. da. e Guerra, A. J. T. (orgs.). Geomorfologia do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 229-276.
- DUQUE, José G. Solo e Água no Polígono das Secas. Mossoró: Coleção Mossoroense, Vol. CXLII. 5ª. Ed. 1980. 273p.
- GONÇALVES, Carlos, W. P. Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. 148p.
- NASCIMENTO, Flávio R. NASCIMENTO, Flávio R. do. Os recursos hídricos e o trópico semiárido no Brasil. Geographia (UFF), v. 14, p. 82-109, 2012.
- _____. Bacias hidrográficas intermitentes sazonais e potencialidades hidroambientais no nordeste setentrional brasileiro. GEOgraphia (UFF), v. 16, p. 90-118, 2014.
- SOUZA, Marcos J. N. de. et al. Redimensionamento da Região semi-árida do Nordeste brasileiro. In: Conferência Nacional e Seminário Latino-Americano da desertificação (CONSLAD).
- Esquel; PNUD; Governo do Estado do Ceará e Banco do Nordeste. Fortaleza – CE, 1994. 27p.

VERISSIMO, Maria E. Z. As características climáticas e os recursos hídricos do Ceará. IN: Ceará: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005. p. 169-188.

EMENTA

CJ0142 – Geografia Regional

Abordagens teóricas e metodológicas na Geografia Regional. Conceitos básicos da Geografia: espaço, região, redes, paisagem e lugar. Região e o meio técnico científico informacional. Instrumental metodológico de interpretação da região. Regionalização. Regiões de influência das cidades (REGIC Brasil). Envolve realização de práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César C. e Corrêa, Roberto L. (Org.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CORREA, Roberto Lobato. Região e Organização espacial. São Paulo: Atica, 1986.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. SP: HUCITEC, 1988

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMORA Zenilde Baima, COSTA Maria Clélia Lustosa. Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará In: SPOSITO, Maria Encarnação. Cidades Médias: Espaços em transição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

IBGE. Regiões de influência das cidades (2007). Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LENCIONI, Sandra. Região e geografia. São Paulo: Edusp, 1999.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Atica, 1993.

SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia, SILVEIRA, Maria Laura. Território, globalização e fragmentação. 4ª ed. SP: Hucitec, 1998.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. eee

EMENTA

CJ0092 – Geografia do Espaço Mundial

As dimensões da globalização no espaço geográfico em suas diversas ordens. O Estado – Nação no contexto da globalização. Alteração na divisão internacional do trabalho (DIT). Comércio Internacional: suas configurações, suas redes e suas relações de poder. Economia especulativa. A formação dos blocos econômicos: suas territorialidades.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HAESBAERT, Rogério (org.). Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos W. A nova des-ordem mundial. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 15ªed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, M. C. Imperialismo e fragmentação do espaço. São Paulo: Contexto, 1988.
BENKO, Georges. Economia, espaço e globalização na aurora do século. XXI. 2ªed. São Paulo, Hucitec, 1999.

GOMES, H. A produção do espaço geográfico no capitalismo. São Paulo: Contexto, 1990.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. 5ªed. São Paulo, Loyola, 1995.

HAESBAERT, Rogério. Blocos internacionais de poder. São Paulo: Contexto, 1991.

HAESBAERT, Rogério (org.). Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos W. A nova des-ordem mundial. São Paulo: EditoraUNESP, 2006.

SANTOS, Milton et al (orgs.). Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton et al (orgs.). Fim do século e Globalização. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 2000. SCARLATO, Francisco C. et al (orgs.). Globalização e espaço Latino-Americano. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 2000.

EMENTA

CJ0117 – Geografia e Ensino I (Fundamentos)

Os caminhos do ensino da Geografia. O professor de Geografia e sua formação: dificuldades e desafios. A questão teórico-metodológica no ensino da Geografia. Estudo dos Parâmetros Curriculares de Geografia (PCN) na Educação Básica. Os conceitos norteadores do ensino da Geografia Escolar: espaço, território, lugar, paisagem, região. práticas institucionais da Geografia em diferentes órgãos da Educação do Estado e dos Municípios

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARLOS, Ana Fani, OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Orgs.). Reformas no mundo da educação.

Parâmetros Curriculares e Geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTROGIVANNI, Antonio et all (Orgs.). Geografia em Sala de aula. Porto Alegre: AGB, 1998. CAVALCANTI, Lana de Souza. Escola, geografia e construção de conhecimentos. Campinas, SP. Papirus: 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Concepções teórico-metodológicas da Geografia escolar no mundo contemporâneo e abordagens no ensino. In: Santos, Lucíola Paixão et all (orgs.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Pp. 370-391.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930). In: Geografia: conceitos e temas. Castro, Iná Elias et al (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. Pp. 309-353.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Geografia e Ensino: os Parâmetros Curriculares Nacionais em discussão. In: CARLOS, A.F. e OLIVEIRA, A.U. (orgs.). Reformas no

mundo da educação: parâmetros curriculares e Geografia. São Paulo: Contexto, 1999. Pp. 43-67.

PONTUSCHKA, Nída Nacib. A formação geográfica e pedagógica do professor. In: SILVA, J. B. LIMA, L. C. e DANTAS, E.W. C. (orgs.). Panorama de Geografia Brasileira 2. São Paulo: Annablume, 2006. Pp. 269-279.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARLOS, Ana Fani A. (orga.). A geografia na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Novos Caminhos da Geografia. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

VESENTINI, José William (Org.). Geografia e ensino: textos críticos. 4 ed. Campinas: Papirus, 2002.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib et all. (org.) Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2007.

ROCHA, Genilton Odilon Rego. Uma breve história da formação do professor de Geografia no Brasil. In: Terra Livre, n.15, São Paulo, 2000. Pp. 129-144.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. A ciência geográfica e a construção do Brasil. In: Terra Livre, n.15, São Paulo, 2000. Pp. 09-20.

Sites: AGB Nacional / ANPEGE / ANPEDE Revistas: Boletim Gaúcho (UFRGS) / Espaço e Cultura (UERJ) / Geographia (UFF) / Geousp (USP) / Mercator (UFC) / Terra Livre (AGB).

EMENTA

CJ0118 – Geografia e Ensino II (Pesquisa)

A produção didática e paradidática no ensino da Geografia: histórico, políticas públicas, várias possibilidades de leituras. Os artefatos culturais e o ensino de Geografia. Momentos da aula: motivação, introdução, escolha dos conteúdos, procedimentos metodológicos, avaliação. As diversas linguagens no ensino da Geografia: os textos midiáticos. práticas institucionais da Geografia Escolar: experiências curriculares regionais e projetos inovadores.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Livros didáticos e currículos de Geografia, Pesquisas e usos: uma história a ser contada. In: TONINI, Ivaine Maria et al (org.). O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 155-168.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de Geografia na escola. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

APPLE, Michael W. Ideologia e currículo. Tradução Vinícius Figueira. 3.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

COLL, César et al. O construtivismo na sala de aula. Tradução Cláudia Schilling. 6.ed. São Paulo: Atual, 2009.

ECO, Umberto e BONAZZI, Marisa. Mentiras que parecem verdades. Tradução de Giacomina Faldini. São Paulo: Summus, 1980.

ENGUITA, Mariano Fernandez. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

LIBA NEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). Livros didáticos de história e geografia: avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

EMENTA

CJ0113 – Oficina Geográfica I (Material Cartográfico)

Estudo e discussão de temáticas que integrem os conhecimentos geográficos com as vivências do aluno, desenvolvidas nas disciplinas do semestre anterior e em curso. A partir disso, viabilizar situações de estratégias pedagógicas para o ensino da Geografia na Educação Básica. Elaborar e executar atividades práticas com as temáticas da Área Geografia e Metodologias. Discussões teóricas e metodológicas sobre o ensino-aprendizagem da Geografia no contexto da Educação Básica. Metodologias para estudar o lugar: o bairro, a cidade, o município e o estado. Construção de conceitos básicos como comunidade, grupo, espaço, tempo, paisagem. Procedimentos para operacionalização do estudo do lugar: trilhas geográficas, excursões, trabalhos de campo, estudo do meio. Ensino de Geografia e as representações gráficas e cartográficas: mapas mentais, croquis, plantas, maquetes, desenhos, globo terrestre. Cartografia escolar: a criança e as relações espaciais topológicas. Leitura e interpretação de mapas. Trabalhar com os conteúdos das disciplinas do semestre anterior e em curso numa perspectiva interdisciplinar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor L. (Orgs.). Ensino e Geografia. práticas e textualizando o cotidiano. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

PASSINI, Elza; ALMEIDA, Rosangela de. O espaço geográfico. Ensino e representação. 10 ed. São Paulo: Contexto., 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

REICHWALD JR. Guilherme. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. 2 ed. In: NEVES, Iara C. B. et al (Orgs.). Ler e escrever. Compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

REGO, Nelson (Orgs.). Um pouco do mundo cabe nas mãos. Geografizando em educação o local e o global. Porto Alegre: Ufrgs, 2003.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar geografia o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

CASTELLAR, S. Educação geográfica: teoria e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2007.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). A Geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 92-108.

EMENTA
CJ0114 – Oficina Geográfica II (Material Audiovisual)
Estudo e discussão de temáticas que integrem os conhecimentos geográficos com as vivências do aluno, desenvolvidas nas disciplinas do semestre anterior e em curso. A partir disso, viabilizar situações de estratégias pedagógicas para o ensino da Geografia na Educação Básica. Elaborar e executar atividades práticas com as temáticas da Área de Geografia e Ensino. Discussões teóricas e metodológicas sobre o ensino-aprendizagem da Geografia no contexto do ensino fundamental e ensino médio. A relação teoria e prática: o conhecimento acadêmico, o saber escolar e a transposição didática. A didática da Geografia e a Geografia escolar. Aprender e ensinar Geografia utilizando as mensagens e informações veiculadas através de: TV, música, jornais, revistas, histórias em quadrinhos (HQS), charges, outdoors. O uso da linguagem cinematográfica e literatura (romances, contos, prosa, poemas) no ensino de Geografia. Análise das imagens, dos personagens e do enredo dos filmes e das obras como uma possibilidade para abordar os conteúdos geográficos. Trabalhar com os conteúdos das disciplinas do semestre anterior e em curso numa perspectiva interdisciplinar.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CASTROGIOVANNI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor L. (Orgs.). Ensino e Geografia. práticas e textualizando o cotidiano. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. REGO Nelson (Orgs.). Ambiências Geográficas. Porto Alegre: Ufrgs, 2000.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
COSTA Benhur Pinós da, PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (organizadores). Maneiras de ler: Geografia e cultura [recurso eletrônico] / – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. (PDF) SILVA, Juremir M.. As Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Edições Sulinas, 2006. REGO, Nelson (Orgs.). Um pouco do mundo cabe nas mãos. Geografia em educação o local e o global. Porto Alegre: UFRGS, 2003. CASTELLS, Manuel (Org.). A galáxia internet: Reflexões sobre internet, Negócios e Sociedades. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004. Rita Espanha. PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. In: PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2007. p. 259-287.
EMENTA
CJ0134 – Oficina Geográfica III (Material de Geografia Humana)
Discussões teóricas e metodológicas sobre o ensino-aprendizagem da Geografia. A relação teoria e prática: o conhecimento acadêmico, o saber escolar e a transposição didática. A didática da Geografia e a Geografia escolar. O aprender e ensinar Geografia utilizando os textos de circulação social. Os Roteiros de trabalho de campo

(Trilhas urbanas/rurais) e os conteúdos das disciplinas do semestre anterior e em curso numa perspectiva interdisciplinar. As Tecnologias da Informação e Comunicação e o Ensino-Aprendizagem na Geografia. Os Jogos, maquetes e o uso de diferentes linguagens na problematização dos conteúdos de Geografia Humana. O contexto de Inclusão e Pluralidade e os Recursos didáticos nas aulas de Geografia. Envolve construção de recursos e a realização de práticas de Extensão através das trilhas e intervenção nas escolas inclusivas, com atividades orientadas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Celso. Inclusão: o Nascer de uma Nova Pedagogia. São Paulo: Principis, 2008.

FERNANDES, Manoel. Aula de Geografia e algumas crônicas. Campina Grande: Bagagem, 2003. GONDIM, Lucas Bezerra ; DIAS, Raimundo Helion Lima ; MUNIZ, Alessandra. M. V. . O Uso da Maquete e das Revistas em Quadrinhos No Ensino de Geografia. Revista Georaguaia , v. 3, p. 46-55, 2013.

MUNIZ, A. M. V. . A Música nas Aulas de Geografia. Revista de Ensino de Geografia , v. 3, p. 80-94, 2012.

VIEIRA, Carlos Eduardo; Sá, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko (Org.). Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, E. R. ; CARNEIRO, M. B. ; CRUZ, F. H. A.; MUNIZ, ALEXSANDRA M. V. Contribuição ao Estudo da Cartografia Tátil na Inclusão Escolar de Pessoas com Deficiência Visual: Estudo de Caso Realizado no Instituto Hélio Góes (Fortaleza-Ce). In: Anais do XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Belo Horizonte: IGC, 2017. p. 203-213.

ANTUNES, Celso. A sala de aula de geografia e história: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia. Campinas, SP: Papirus, 2001.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.) Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 3 ed. Porto Alegre:Mediação, 2003. p. 135-169.

KLIMECK, R. L. C. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko (Org.). Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Vlândia ; MUNIZ, A. M. V. . A Geografia Escolar e os Recursos Didáticos: O Uso das Maquetes no Ensino-Aprendizagem da Geografia. Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais , v. 3, p. 62-68-68, 2012

EMENTA

CJ0116 – Oficina Geográfica IV (Material de Geografia Física)

Estudo e discussão de temáticas que integrem os conhecimentos geográficos estudados com as vivências do aluno, desenvolvidas nas disciplinas dos semestres anteriores em curso. A partir disso, viabilizar situações de estratégias pedagógicas para o ensino da Geografia na Educação Básica. Elaborar e executar atividades práticas com as temáticas da Área de Geografia e Natureza. Discussões teóricas e

metodológicas sobre o ensino-aprendizagem da Geografia no contexto da Educação Básica. Metodologias para estudar a paisagem com ênfase nos aspectos socioambientais. Técnicas de trabalho de campo em Geomorfologia, Pedologia, Biogeografia, Climatologia e Estudo de Bacias Hidrográficas. Elaboração de roteiro para observações, descrições e interpretações de fatos geomorfológicos, geológicos e pedológicos. A importância do desenho para elaborar perfis. Leitura e interpretação de mapas temáticos. Organização de trilhas ambientais. Relato do trabalho de campo: sistematização, análise, interpretação e síntese. Instrumentos de apoio ao trabalho de campo: GPS, máquina fotográfica, uso de vídeo, caderneta de campo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTROGIOVANNI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor L. (Orgs.). Ensino e Geografia. práticas e textualizando o cotidiano. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

REGO Nelson (Orgs.). Ambiências Geográficas. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SILVA, Ana Maria Radaelli da. Sobre descontinuidades no Ensino da Geografia. Passo Fundo: Clio livros, 2002.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

Sites: AGB Nacional / ANPEGE / ANPEDE

Revistas: Boletim Gaúcho (UFRGS), Espaço e Cultura (UERJ), Geographia (UFF), GEOUSP (USP), MERCATOR (UFC), Terra Livre (AGB).

SILVA, Vlândia ; MUNIZ, A. M. V. . A Geografia Escolar e os Recursos Didáticos: O Uso das Maquetes no Ensino-Aprendizagem da Geografia. Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais , v. 3, p. 62-68-68, 2012.

EMENTA

HD0957 – Introdução à Sociologia

Os processos de transformação social. A democratização: o papel do Estado e das organizações civis. As concepções de pessoa, mundo e sociedade e as questões de poder e distribuição do trabalho. A organização social. Os meios de comunicação de massa e as tendências à globalização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Carlos Alberto. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007.

DIAS, Reinaldo. Introdução à sociologia. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ªed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

MARTINS, Carlos Benedito. O que é sociologia. 29ªed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RICUPERO, Bernardo. Sete lições sobre as interpretações do Brasil. 2ªed. São Paulo: Alameda, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CORCUFF, Philippe. As novas sociologias: construções da realidade social. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

MOTA, Leonardo de Araújo e. Aflição e ajuda mútua em tempos de globalização. Estudos de Sociologia. Recife, v. 10, n.1 e 2, p. 155-184, 2004.

QUINTANEIRO, Tânia. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. 2ªed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; ESTRAMIANA, José Luis Álvaro. Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

SILVA, Alberto da Costa. Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil. Mimeo. Disponível: em 4shared.com. Acesso em: 10 de janeiro de 2009.

EMENTA

HI0054 – História Econômica, Social e Política do Brasil

Liberalismo oligárquico, movimentos religiosos, operariado e crise no domínio oligárquico na Primeira República. Revolução de 1930, Estado Novo e manifestações culturais nas décadas de 1930 e 1940. Redemocratização, Ditadura Militar, sociedade e cultura no Brasil contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BANDEIRA, Moniz. O governo João Goulart. As lutas sociais no Brasil 1961-1964. 2. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política - 1956-1961. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

BORGES, Nilson. Doutrina de Segurança Nacional. In: Jorge Ferreira (Org.). O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 4.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

STEPAN, Alfred. Os militares: da abertura à Nova República, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil. In: Jorge Ferreira (Org.). O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 4.

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). Visões críticas do golpe de 64. Campinas: Ed. Unficamp, 1990.

TOLEDO, Caio Navarro de. O governo Goulart e o golpe de 64. São Paulo: Brasiliense, Col. Tudo é História 48, 1982.

LOBO, Lilia. Os Infames da História – pobres, escravos e deficientes no Brasil. RJ: FAPERJ/ Lamparina, 2008.

EMENTA

ICA1660 – Introdução à Filosofia

O que diferencia a atitude filosófica da apreensão cotidiana do mundo? Qual a especificidade da Filosofia em relação ao pensamento mítico ou religioso? Qual a origem da Filosofia? Quais são suas condições de surgimento? É possível definir o

que é Filosofia? Quais são algumas das questões norteadas de cada período da História da Filosofia? Onde está a Filosofia? A Filosofia vive? Como atua um filósofo hoje? É possível viver profissionalmente da Filosofia? Nosso propósito é orientar os alunos recém-chegados nas temáticas mais gerais concernentes à História da Filosofia e ao próprio cotidiano do estudante, pesquisador ou profissional de Filosofia, abordando, além dos temas sugeridos acima, tópicos significativos e distintivos de cada um dos grandes períodos da História da Filosofia. Compreensão da singularidade do saber filosófico em relação aos demais saberes (religioso, literário e científico). Enfoque dos seus principais campos (ética, estética, política, lógica, metafísica, epistemologia e religião).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Atica, 1999.

SILVA-CHAUÍ, F-M. Primeira Filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1996.

VERNANT, J-P. (1) As Origens do Pensamento Grego. Mito e Tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: BB, 1994 e Perspectiva, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PRE-SOCRÁTICOS. Fragmentos. Col. Pensadores. São Paulo. P, D. Aristóteles. Lisboa: Don Quixote, 1987.

WOLFFLATA O. Diálogos-Apologia de Sócrates. Nova Cultural, 1996.

ANNAS, J. Introduction à La République de Platon. Paris: PUF, 1994.

ROSS, F. Aristóteles e a Política. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

GOLDSCHMIDT, V. Tempo lógico e Tempo Histórico na interpretação dos sistemas filosóficos, in A Religião de Platão. São Paulo: Difel, 1963.

EMENTA

CJ0154 - Climatologia Aplicada

Análise rítmica em climatologia. Dinâmica climática, tipos de tempo e influência dos fenômenos El Niño e La Niña no clima do NE brasileiro. Climatologia Agrícola, Climatologia Urbana. Clima e saúde. Eventos climáticos extremos. Mudanças climáticas. Estudo de caso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, H. O clima urbano: natureza, escalas de análise e aplicabilidade. Finistera, XL, 60, 67-91, 2005.

BARRETO, M. L.; TEIXEIRA, M. G. Dengue no Brasil: situação epidemiológica e contribuições para uma agenda de pesquisa. Rev. Estudos Avançados, v. 22, nº 64, p. 33 – 72, 2008.

CASTELHANO, F. J.; MENDONÇA, F.. POLUIÇÃO DO AR E CLIMA: PERSPECTIVAS FUTURAS PARA O AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA, PARANÁ. REVISTA GEONORDESTE, v. 1, p. 6-24, 2020.

GARTLAND, L. Ilhas de calor: como mitigar zonas de calor em áreas urbanas. Tradução: Silvia Helena Gonçalves. São Paulo: Oficina de Textos, 2010.

MAGALHAES, G. B.; ZANELLA, M. E.; SANTANA, ANA PAULA ; ALMENDRA, RICARDO . Condicionantes climáticos e socioeconômicos na espacialização da dengue em período epidêmico e pós-epidêmico na cidade de Fortaleza-CE. CONFINS (PARIS), v. 40, p. 1-20, 2019

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Texto, 2007.

MONTEIRO, C. A. F. Teoria e Clima Urbano. IGEOG-USP, Série Teses e Monografias, n. 25, São Paulo: USP, 1976. 181p.

MENDONÇA, F. A.. Riscos e vulnerabilidade socioambientais urbanos: A contingência climática. Mercator (UFC), v. 9, p. 153-163, 2010

MONTEIRO, C. A. de F. Análise rítmica em climatologia. Climatologia, USP/IG, São Paulo, nº 1, p. 1 – 21, 1971.

MONTEIRO, C. A. F. MENDONÇA, F. Clima Urbano. 2 ed. Editora Contexto. 2011.

MONTEIRO, Jander B. ; ZANELLA, MARIA ELISA . A metodologia dos máximos de precipitação aplicada ao estudo de eventos extremos diários nos municípios de Crato, Fortaleza e Sobral-CE. GEOTEXTOS (ONLINE), v. 13, p. 135-159, 2017.

OLÍMPIO, JOÃO LUÍS SAMPAIO ; ZANELLA, MARIA ELISA . Avaliação intermunicipal dos riscos de desastres naturais associados à dinâmica climática no estado do Ceará. GEOUSP (USP), v. 21, p. 156, 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LIMA, J. S. Q. ; SANTOS, J. O. ; ZANELLA, MARIA ELISA . Impact of the rains on the city of Fortaleza in the years 2013, 2014 and 2015. TERRITORIUM (COIMBRA), p. 5-22, 2018.

MONTEIRO, JANDER BARBOSA ; ZANELLA, MARIA ELISA . Eventos extremos no estado do Ceará, Brasil: uma análise estatística de episódios pluviométricos no mês de março de 2019. GEOTEXTOS (ONLINE), v. 15, p. 149-173, 2019.

OLÍMPIO, JOÃO LUÍS SAMPAIO ; ZANELLA, MARIA ELISA . RISCOS NATURAIS: CONCEITOS, COMPONENTES E RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE. RA'E GA (UFPR), v. 40, p. 94-109, 2017.

ROCHA, C. A. ; CAVALCANTE, R. M. ; ZANELLA, M. E. ; SOUZA, O. V. ; SOUZA, F. W. . Environmental Quality Assessment in Areas Used for Physical Activity and Recreation in a City Affected by Intense Urban Expansion (Fortaleza-CE, Brazil): Implications for Public Health Policy. Exposure and Health, v. 9, p. 169-182, 2016.

SANT'ANNA NETO, J.L. Variabilidade e mudanças climáticas. Implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá: Eduen, 2000, 259p.

EMENTA

CJ0135 – Bases Naturais da Geografia do Brasil

O espaço brasileiro. Características do meio físico: morfologia e estrutura do relevo; clima; vegetação; aspectos hidrográficos. O homem e os recursos naturais. Conservação do solo. Os recursos vegetais. Os recursos hídricos. Os recursos minerais. A poluição. Os domínios morfoclimáticos brasileiros e suas unidades de conservação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AB'SABER, A.N. Províncias Geológicas e domínios morfo-climáticos no Brasil. Geomorfologia 20. São Paulo: USP – I.G., 1970.

------. A organização Natural das Paisagens Inter e Subtropicais Brasileiras. Geomorfologia 41. São Paulo: USP – I.G., 1973.

------. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. Geomorfologia 55. São Paulo: USP – I.G., 1977.

AZEVEDO, Aroldo de (e outros). Brasil, a Terra e o Homem. Vol. 1. (As Bases Físicas). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.

ANDRADE, M:C. de. Paisagens e Problemas do Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1968.

FERNANDES, A. & BEZERRA, P. Estudo Fitogeográfico do Brasil. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1990.

FERRI, Mário G. Vegetação Brasileira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1980.

GOMES, Alba; TRICART, Jean L.F. e TRAUTMAN, Jean. Estudo Ecodinâmica da Estação Ecológica do Taim e seus Arredores. Porto Alegre: Ed. da Universidade – UFRGS, 1987.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AB’SABER, Aziz Nacib. Amazônia. Do discurso à praxis. São Paulo: EDUSP, 1996.

ANDRADE, Manuel Correia de. A questão do território no Brasil. São Paulo – Recife: HUCITEC/IPESP – Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas. 1995.

EMBRAPA. Atlas do Meio Ambiente do Brasil. EMBRAPA – SPI. Brasília: Terra Viva, 1996.

IBGE. Grande Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

----- Grande Região Nordeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

----- Grande Região Sudeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

----- Grande Região Centro-Oeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

----- Grande Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

----- Recursos Naturais e Meio Ambiente – Uma Visão do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

JOLY, Aylthon Brandão. Conheça a Vegetação Brasileira. São Paulo: Ed. Polígono – Ed. da USP, 1970.

MELHORAMENTOS – Atlas Geográfico Melhoramentos. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.

MENDES, Josué Camargo. Conheça a Pré-História Brasileira. São Paulo: Ed. da USP – Ed. Polígono, 1970.

----- Conheça o Solo Brasileiro. São Paulo: Ed. Polígono – Ed. da USP, 1968.

MENDES, J.C. e PETRI, Setembrino. Geologia do Brasil. Rio de Janeiro: MEC – INL, 1971.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. A Questão Ambiental do Brasil, 1960 – 1980. São Paulo: IG – USP, 1981.

RIZZINI, Carlos T. Tratado de Fitogeografia do Brasil. São Paulo: HUCITEC – Ed. da USP, 1979.

SCHOBENHAUS, Carlos (e outros). Geologia do Brasil. Brasília: DNPM, 1984.

EMENTA

CJ0131 - Conservação de Recursos Naturais

Dialética da relação sociedade/natureza e recursos naturais; Recursos naturais e suas bases conceituais; classificação de recursos naturais; Recursos naturais e serviços ambientais; legislação ambiental, recursos naturais e conservação ambiental: escalas, metodologias e macro-paisagens; Conflitos de usos dos recursos naturais e conservação ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Araújo, Gustavo H de S. Gestão Ambiental de Áreas Degradadas. RJ: Ed Bertrand Brasil, 2006

Bonelli, Claudia M Chagas; Pacheco, Elen B A Vasque; Mano, Eloisa B. Meio Ambiente, Poluição e Reciclagem. RJ: Ed Edgar Blucher, 2005.

Brito, Maria Cecília Wey de. Unidades de Conservação, intenções e Resultados. SP: Ed. Annablume, 2003.

Denisio, Jose Carlos. Introdução ao Controle de Poluição Ambiental. SP: Ed Signus, 2007.

Guerra, Antonio; Teixeira, Antonio S Silva; Botelho, Ant. Erosão e Conservação dos Solos. RJ: Ed Bertrand Brasil; 2004. Kleinbach, Melin; Hinrichs, Roger A. Energia e Meio Ambiente. Ed Thomson, 2003.

Litle, Paul E L. Políticas Ambientais no Brasil. Análises, instrumentos e experiências. RJ: Ed Bertrand Brasil, 2008.

Moreira, Fátima M S; Siqueira, Jose O; Brusaard, Ligbert. Biodiversidade do Solo em Ecossistemas Brasileiros. Ed UFLA, 2008. Reis, Lineu Belico dos; Fadigas, Eliane A Amaral; Carvalho, Claudio Elias. Energia, Recursos Naturais e a prática do desenvolvimento sustentável. SP: Ed Manole, 2005. Sanchez, Luis Henrique. Avaliação de Impacto Ambiental: Conceitos e Métodos. SP: Ed Oficina de Texto, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Ab'saber, Aziz Nacib; Marigo, Luiz Claudio. Ecossistemas do Brasil. Ed Metalivros, 2006.

Braud, Maurice. O Planeta Oceano. SP: Ed Hemus, 2007. Caetano, Pedro; Mancuso, Sanchez. Reuso da Água. SP: Ed Manole, 2002.

Gonçalves, Carlos Walter Porto. A globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. RJ: Ed Bertrand Brasil, 2007.

Press, Siever Grotzinger. Para Entender a Terra. RS: Ed; Artmed, 2006.

Hawken, Paul; Lovins, Amory; Lovins, L Hunter. Capitalismo Natural. SP: Ed Cultrix, 2006.

LEFF, Henrique. Ecologia, Capital e Cultura. Racionalidade Ambiental, Democracia participativa e Desenvolvimento Sustentável. Blumenau: Ed da FURB, 2000.

Magalhães Jr, Antonio Pereira. Indicadores Ambientais e Recursos Hídricos. RJ: Ed Bertrand Brasil, 2007.

Roaf, Sue; Fuentes, Manuel; Thomas, Stephanie. Ecohouse – A casa ambientalmente sustentável. Ed Bookman, 2009.

Ross, Jurandyr. Ecogeografia do Brasil. Subsídios para planejamento ambiental. SP: Oficina de Texto, 2006. Rotshchild, David de. Manual Live Earth de Sobrevivência ao Aquecimento Global: 77 táticas essenciais para frear a mudança climática ou sobreviver a ela. Ed Manole, 2007.

Outras fontes de pesquisa:

Sites: www.ibama.gov.br / www.cptec.inpe.br / www.embrapa.br / www.cprm.gov.br / www.inpa.gov.br Revistas: Boletim Gaúcho (UFRGS) / Espaço e Cultura (UERJ) / Geographia (UFF) / GEOUSP (USP) / MERCATOR (UFC) / Terra Livre (AGB) Caderno de Geografia de BH.

EMENTA

CJ0065 – Cartografia Digital

Histórico da Cartografia Digital; Diferenças entre a cartografia analógica e digital; Possibilidades de uso de mapas digitais; Sistemas geodésicos de referência.; Sistema de coordenadas UTM; Orientação por azimutes e rumos; Tipologia, entrada de dados e formas de armazenamento; Propriedades e Atributos básicos dos dados geoespaciais; Formas de armazenamento de dados geoespaciais; Introdução ao uso de software de Sistema de Informação Geográfica (SIG); Edição de dados geoespaciais e mapeamento digital em SIG; Práticas de mapeamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CÂMARA, G. *et al.* Anatomia de Sistemas de Informação Geográfica. Campinas: UNICAMP, 1996.

CÂMARA, G.; DAVIS, C. Fundamentos de Geoprocessamento. INPE, São José dos Campos, 2001.

MENEZES, P. M. L.; FERNANDES, M. C. Roteiro de Cartografia. 1ª ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

SAMPAIO, T. V. M.; BRANDALIZE, M. C. B. Cartografia geral, digital e temática. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas, 2018.

FITZ, P. R. Geoprocessamento sem complicação. Oficina de Textos, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARONOFF, S. Geographic Information Systems- A Management Perspective. Ottawa: WDL Publications, 1995.

BAKKER, Múcio Piragibe R. Noções Básicas de Cartografia.

CHRISMAN, N.-Exploring Geographic Information Systems. New York. John Willey & Sons, 1997.

CLARKE, K.C. -Getting Started With Geographic Information Systems. New Jersey, Prentice Hall, 1999.

DAVID, E. D. Gis For Everyone. California: Environmental Systems Research Institute, Inc., 1999.

DUARTE, P. A. Cartografia Temática. Santa Catarina : Editora da UFSC, 1991.

FERRARI, R. Viagem ao SIG: planejamento estratégico, viabilização, implantação e gerenciamento de sistemas de informação geográfica. Curitiba: Sagres Editora, 1997.

FITZ, Paulo Roberto. Cartografia Básica. Canoas: Centro Universitário La Salle, 2000.

JAVIER, G.P. e GOULD, M. SIG-Sistemas de Información Geográfica. Madrid : Editorial Sinthesis, 1994.

LIBAULT, André. Geocartografia.

MARTINELLI, M. Curso de Cartografia Temática. SP: Editora Texto, 1990.

OLIVEIRA, C. Cartografia Moderna. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

PAREDES, E. A. Sistemas de Informações Geográficas: princípios e aplicações (geoprocessamento). São Paulo: Érica, 1994.

PUEBLA, J.G. & G, M.-SIG: Sistemas de Información Geográfica. Madrid, Editora Sinesis, 1999.

SENDRAS, J.B. Sistemas de Información Geográfica. Madrid: Rialp, 1997.

SILVA, X.J e ZAIDAN,R.T.Geoprocessamento e Análise Ambiental. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2004.
TAVARES: P.E.M. e FAGUNDES, P.M.Fotogrametrica. Rio de Janeiro
RAISZ, Erwin. Cartografia Geral.
TEIXEIRA, L.A A. GIS-Fundamentos- Notas de Aula. In: GIS NORDESTE. Curitiba: Editora Sagres, 1997.

EMENTA

CJ0156 - Sensoriamento Remoto I

Histórico do Sensoriamento Remoto; Conceitos de Sensoriamento Remoto; Radiação Eletromagnética e Espectro Eletromagnético; Estrutura da Imagem; Noções de Fotogrametria; Características dos Satélites e Sensores; Propriedades da Imagem; Aquisição de imagens; Pré-processamento de imagens; Processamento Digital de Imagens para mapeamento; Classificação de Imagens e Pós-processamento; Aplicações do Sensoriamento Remoto na Geografia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

NOVO, E. M. L. M. (2010). Sensoriamento remoto: princípios e aplicações. 4. ed. São Paulo: Blucher.
FLORENZANO, T. G. (2011). Iniciação em sensoriamento remoto. São Paulo. Oficina de textos.
MENESES, P. R.; ALMEIDA, T. D. Introdução ao processamento de imagens de sensoriamento remoto. Brasília: UnB, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JENSEN, J. R. (2009). Sensoriamento remoto do ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres; tradução José Carlos Neves Epiphanyo (coordenador)... [et al.]. São José dos Campos, SP. Parêntese.
LORENZZETTI, J. A. Princípios Físicos de Sensoriamento Remoto. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2015.
MOREIRA, M. A. - Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação. São José dos Campos – SP – INPE. 2001.
MARCHETTI, D. A. B; GARCIA, G. J. Princípios de fotogrametria e fotointerpretação. São Paulo: Nobel, 1986.
MENESES, P. R.; ALMEIDA, T.; BAPTISTA, G. M. M. Reflectância dos materiais terrestres. Oficina de Textos, 2019.
SAMPAIO, T. V. M.; BRANDALIZE, M. C. B. Cartografia geral, digital e temática. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas, 2018.
ZANOTTA, D. C.; FERREIRA, M. P.; ZORTEA, M. Processamento de imagens de satélite. Oficina de Textos, 2019.

EMENTA

CJ0155 - Tecnologias da Geoinformação I

Noções Elementares de Cartografia em meio digital; Histórico dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e das Geotecnologias; Introdução ao SIG; Fontes de

dados geoespaciais; Tipologia de dados geoespaciais; Qualidade de dados geoespaciais; Entrada e armazenamento de dados em ambiente SIG; Recursos de um SIG; Aplicações na Geografia; Produção e manipulação de dados ambientais e socioeconômicos em SIG; Análise espacial; Representação de dados em ambiente SIG.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CÂMARA, G.; DAVIS, C; MONTEIRO. Introdução à ciência da geoinformação. INPE, São José dos Campos, 2001.

MIRANDA, J. I. Fundamentos de sistemas de informações geográficas. Embrapa, 2005.

SAMPAIO, T. V. M.; BRANDALIZE, M. C. B. Cartografia geral, digital e temática. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas, 2018.

XAVIER-DA-SILVA, J. Geoprocessamento para Análise Ambiental. Rio de Janeiro, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURROUGH, P. A.; MCDONNELL, R. A. Principles of Geographic Information Systems. Oxford University Press, Oxford, UK, 1998.

CÂMARA, G.; DAVIS, C. Fundamentos de Geoprocessamento. INPE, São José dos Campos, 2001.

FITZ, P. R. Geoprocessamento sem complicação. Oficina de Textos, 2008.

MATOS, J. Fundamentos de informação geográfica. Lisboa: Lidel, 2008.

MENEZES, P. M. L.; FERNANDES, M. C. Roteiro de cartografia. Oficina de Textos, 2016.

MONICO, J. F. G. Posicionamento pelo GNSS: descrição, fundamentos e aplicações. Editora Unesp, 2007.

XAVIER-DA-SILVA, J.; ZAIDAN, R. T. (Org.). Geoprocessamento e análise ambiental: aplicações. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

EMENTA

CJ0107 – Levantamento de Solos

Levantamento de Solos – Conceitos, Objetivos e Tipos de Levantamentos. Procedimentos Técnico-Metodológicos. Levantamentos e Classificação dos Solos. Interpretação de dados e organização do mapa e Relatório pedológico. O significado do trabalho pedológico para a Geografia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Rio de Janeiro, 1999/2005.

IBGE. Manual Técnico de Pedologia.

SANTOS, R. D. et al. Manual de Descrição e Coleta de Solos no Campo. 5ª edição. Viçosa, SBCS, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BIGARELLA J.J.; BECKER R.D. E PASSOS E. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais. Vol. II – Intemperização Biológica, Pedogênese, 51

BRADY, Nyle C. Natureza e Propriedades dos Solos, Rio de Janeiro– RJ. 1983. Biblioteca Universitária Freitas Bastos, 647p.

BRASIL. Levantamento exploratório – reconhecimento de solos do Estado do Ceará. Recife, DPP. A. G. 1973 2v (Boletim Técnico nº 28) Série Pedologia 16.

BRASIL. Projeto RADAMBRASIL. Levantamento de Recursos Naturais. 1981. Folhas 21/22.

JACOMINE P.T.K. (Coord.). Levantamento Exploratório - Reconhecimento de Solos do Estado do Ceará. Vol. I, DPP, MA/DNPEA -SUDENE Bol. técnico 28. Recife, 301 p. 1973.

EMENTA

CJ0028 - Geomorfologia Climática

Morfologia estrutural x Morfologia climática: Problemas conceituais e metodológicos.

Mecanismos morfoclimáticos: influências diretas e indiretas do clima sobre a morfogênese x pedogênese: classificação ecodinâmica do ambiente. Princípios da divisão morfoclimática do globo. Domínios morfoclimáticos da zona intertropical. Problemas morfoclimáticos do Nordeste brasileiro e do Ceará.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AB'SABER, Aziz Nacib. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. Geomorfologia, São Paulo, USP, 1969.

ALLEN, R. Geomorphology: Theory and Practice. John Wiley and Sons, 2002

GUERRA, J T; GUERRA, A J T. Dicionário Geomorfológico. Editora Bertrand do Brasil, 1998.

GUERRA, A J.T.; BAPTISTA, S. Geomorfologia e Meio Ambiente. Editora Bertrand do Brasil, RJ, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PROJETO RADAMBRASIL. Levantamento de recursos naturais. Rio de Janeiro, Ministério de Minas e Energia, 1981.

TEIXEIRA et al. Decifrando a Terra. Editora Nova Fronteira/EDUSP, São Paulo, 2000.

GUERRA, A J.T.; BAPTISTA, S. Geomorfologia do Brasil. Editora Bertrand do Brasil, RJ, 1997.

LEINZ, V. Geologia geral. São Paulo, Editora Nacional, 1966.

SUGUIO, K.; BIGARELLA, J.J. Ambientes Fluviais. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

EMENTA

CJ0137 – Planejamento Ambiental

Bases teóricas e metodológicas do planejamento ambiental; o diagnóstico integrado como base para o planejamento ambiental; a análise dos atributos ambientais para fins de avaliação da capacidade produtiva do ambiente e dos recursos naturais;

planejamento ambiental em Unidades de Conservação; o planejamento ambiental e o zoneamento ecológico-econômico. Práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas para apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARAÚJO, G. H. de S. ALMEIDA, J. R. e GUERRA, A. J. T. Gestão Ambiental de Áreas Degradadas. RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2005. 320p.

AGENDA 21. Resumo. Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. RJ: Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil e Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1992.

AYOADE, J. O. Introdução à Climatologia para os Trópicos. 2ª ed. Trad. de Maria Juraci Zani dos Santos. RJ: Ed. Bertrand Brasil.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BANCO DO NORDESTE. Manual de Impactos Ambientais: Orientações Básicas sobre Impactos Ambientais de Atividades Produtivas. Fortaleza: Ed. BNB, 1999. 297p.

ARARIPE, A.; BORGES, C. e LUZON, J. L. Planificação Territorial e Desenvolvimento Regional. Fortaleza: Ed. UECE, 2004.

BOLÓS, M. de. (ed.). Manual de Ciência del Paisaje. Teoría, Métodos y Aplicaciones. Colección de Geografía. Barcelona: Masson S.A., 1992. 273p.

BIGARELLA, J.J. BECKER, R.D. e PASSOS, E. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais. Vol. II. Intemperização Biológica, Pedogênese, Laterização, Bauxitização e Concentração de Bens Minerais. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. 875p. CUNHA, S.B. e GUERRA, A.J.T. (Org.) Avaliação e Perícia Ambiental. 8ª ed. RJ: Ed. Bertrand, 2007.

DAJOZ, R. Princípios de Ecologia. 7ª ed. Porto Alegre: Ed. Artmed. 520p.

DASHEFSKY, H.S. Dicionário de Ciência Ambiental: um guia de A a Z. 3ª ed. SP: Gaia, 2003.

DEL RIO, V. e OLIVEIRA, de L. (Orgs) – Percepção Ambiental. A Experiência Brasileira. 2ª. Ed. Editoras Studio Nobel/UFSCar. São Paulo. 1999. 265.

FRANCO, M. A. R. Desenho Ambiental. Uma introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico. Ed. Annablume/FAPESP. São Paulo. 1997. 224p.

FRANCO, M. A. R. Planejamento Ambiental para cidade sustentável. SP: Ed. Annablume/FAPESP, 2001. 296p.

LIMA, L. C.: SOUSA, M. J. N. de: MORAIS, J. O. – Compartimentação territorial e Gestão Regional do Ceará. Ed. FUNECE. Fortaleza 2000. 268p.

LOMBARDO, M. A. Ilha de Calor nas Metrópolis. O exemplo de São Paulo. Ed. HUCITEC. São Paulo. 1985.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Programa Zoneamento Ecológico-Econômico: Diretrizes Metodológicas para o Zoneamento Ecológico-Econômico do Brasil. 3ª. Ed. Revisada. DF. 2006.

MILLER JR. G.T. Ciência Ambiental. Ed. Thomson. Trad 11ª ed. Norte Americana, 2007. OREA D. G. – Evaluación de Impacto Ambiental. 2 ed. Editorial Agrícola Española, S.A. Madrid. 260p.

RODRIGUES, J. M. M. e SILVA, E. V. da. Geoecologia das paisagens. Uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza. Editora UFC. 2004.

RODRIGUES, J. M. M. In: CAVALCANTI, A. P. B. (org.) – Desenvolvimento Sustentável e Planejamento. Bases teóricas e Conceituais. Imprensa Universitária (UFC). Fortaleza, 1997. 37-49pp.

SINDICATO DAS EMPRESAS DE COMPRA, VENDA, LOCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – A Indústria Imobiliária e a qualidade ambiental: subsídios para o desenvolvimento urbano sustentável. Ed. SECOVI, São Paulo, 2000. 103p. SOUZA, M. J. N. de. (Coord.). Diagnóstico e Macrozoneamento Ambiental do Estado do Ceará. Vol. 3. Relatório Técnico FCPC/SEMACE. Fortaleza: PRODETUR. 179p.

SHYTTNER L. General Systems Theorys. Ed. Word Scientific. Singapore. 2001.

GAISER, T. KROL, M. FRISHCKORN, H ARAÚJO (Edt). Global Change and Regional Impacts. Spring Verlag. Berlin, 2003.

EMENTA

CJ0080 – Planejamento em Geografia

Natureza, sociedade e planejamento. Planejamento no contexto da Geografia. Geografia, Estado e planejamento. Planejamento e organização do espaço: ordenamento territorial, parcelamento do solo urbano, zoneamento urbano e regional. Plano Diretor Urbano. Planejamento e políticas públicas no Brasil. Planejamento e zoneamento ecológico-econômico para a região Nordeste. Práticas de planejamento no Ceará. Fortaleza: planejamento urbano e o estatuto da Cidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Maurício Almeida (Org.). Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

ACSELRAD, Henri (Org.). A Duração das Cidades. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001.

AGENDA 21 brasileira: bases para discussão. Brasília: MMA/PNUD – 2000.

BENJAMIM, César e Araújo, Tânia Bacelar de. Brasil: Reinventar o Futuro. Rio de Janeiro: Sindicato dos Engenheiros do Estado do Rio de Janeiro, 1995.

Cidades Sustentáveis: Subsídios à elaboração da Agenda 21 Brasileira. Brasília: MMA/IBAM-ISER-REDEH-2000; Governo do Estado do Ceará. Proposta de Reestruturação Espacial. Fortaleza, SEPLAN, 2002.

HERCULANO, Selene *et al.* Qualidade de vida e riscos ambientais. Niterói, EdUFF, 2000.

LACAZE, Jean-Paul. Introduction à la Planification Urbaine. Paris: Pess Ponts et Chaussées, 1995.

Ministério do Meio Ambiente. Avaliação da Metodologia de Zoneamento Ecológico-Econômico para a Região Nordeste. Brasília: MMA, 2001.

Plano de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Ceará – 1995-1998. Fortaleza: SEPLAN, 1995.

SILVA, José Borzacchiello da, *et al.* A Cidade e o Urbano. Fortaleza: Edições UFC, 1997.

SILVA, José Borzacchiello da. Pelo Retorno da Região: Desenvolvimento e Movimentos Sociais no Nordeste Contemporâneo. In: Redescobrimdo o Brasil 500 anos depois. CASTRO, Ina E. *et al* (Org.). Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

SILVA, José Borzacchiello da. Os incomodados não se retiram. Fortaleza: Multigraf, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BECKER, Bertha K. *et al.* Geografia e Meio Ambiente no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1995.

HAESBAERT, Rogério (Org.). Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo. Niterói: EdUFF, 1998

RODRIGUES, Arlete Moysés. Produção e Consumo do e no Espaço. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SILVA, José Borzacchiello da. O Estatuto da Cidade e a Reforma Urbana no Brasil. São Paulo: GEOUSP n°. 10, 2001 pp. 9/26.

TOLEDO, Ana Maria P. e CAVALCANTI, Marly (Organizadores). Planejamento Urbano em Debate. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

EMENTA

CJ0082 – Geografia do Turismo

Natureza e cultura dos processos turísticos. Turismo, Lazer e mobilidade espacial. Interações do sistema turístico no desenvolvimento territorial. Levantamento, estudos e projetos relativos ao potencial turístico. Origens do turismo e seu desdobramento no Brasil. Imagens e territórios do turismo. Políticas Públicas de desenvolvimento do turismo no Brasil. Articulações territoriais contemporâneas. Imaginário social nordestino e intervenção do poder público no espaço; Investimentos públicos e privados nas regiões metropolitanas. Casos de planejamento turístico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOYER, MARC. História do Turismo de Massa. Bauru: Editora EDUSC, 2003.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Maritimidade nos Trópicos. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ALVES, Larissa da Silva Ferreira. Nordeste Turístico e Políticas de Ordenamento do Território. Fortaleza: UFC, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURNS, Peter M; BATISTA, Dayse. Turismo e antropologia: uma introdução. Chronos: São Paulo, 2002.

DANTAS, E. W. C.; FERREIRA, A. L.; LIVRAMENTO, M. C. (Orgs.). Turismo e imobiliário nas metrópoles. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

DANTAS, E. W. C. Mar à Vista: estudo da maritimidade em Fortaleza. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. A Urbanização Vai à Praia. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PEREIRA, Alexandre Q; DANTAS, Eustógio W. C. ; GOMES, Iara R. Lazer na praia: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

EMENTA
CJ0090 – Classificação, Manejo e Conservação dos Solos Fatores de formação dos solos e tipos de processos pedogenéticos; importância dos constituintes orgânicos e minerais; coberturas pedológicas e a paisagem-relevo e o solo como expressão da dinâmica ambiental; clima e vegetação; usos sociais do solo; classificação e geografia dos solos; potencialidades e fatores limitantes do uso; manejo e degradação dos solos em áreas críticas; principais levantamentos de solos do nordeste brasileiro: tipos e interpretação. BIBLIOGRAFIA BÁSICA CASANELLAS, J.P; REGUERÍN, M. LOPES-ACEVED Y LABURU, C. R. Edafologia para la agricultura y El medio ambiente. Ed. Mundi-Prensa. Madri, 1994. DUCHAU FOUR, P. Edafologia. 1. Edafigenese y clasificación. Ed. Masson, S. A. Barcelona, 1984. EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. EMBRAPA. Rio de Janeiro, 1999. FERREIRA, P. H. de M. Princípios de manejo e de conservação do solo. 3ªed. Nobel: São Paulo, SP, 1992. GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S. E; BOTELHO, R. J. M. (orgs.). Erosão e conservação dos solos. Conceitos, temas e aplicações. Ed. Bertrand do Brasil. São Paulo, 1999. JACOMINE, P. T. K. (Coord.). Levantamento exploratório – reconhecimento de solos do Estado do Ceará. Vol. 1., DPP, MA/DNPEA-SUDENE. Bol. Técnico 28. Recife, 1973. OLIVEIRA, J. B. de; JACOMINE, P. T. K.; CAMARGO, M. N. Classes de solo do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento. Ed. FUNESP: Jaboticabal, 1992. PRADO, H. do. Solos tropicais: potencialidades, limitações, manejo e capacidade do solo. Piracicaba, 1995. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO SOLO. Manual para levantamento utilitário do meio físico e classificação de terras no sistema de capacidade de uso e aproximação. Campinas: SP, 1991. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR BRADY, N. C. Natureza e propriedades do solo. Biblioteca Universitária Freitas Bastos. Rio de Janeiro, RJ, 1983. KIEHL, E. J. Manual de edafologia: relações solo-planta. Ed. Agronômica, CERES, SP, 1979. PORTA, J. LOPÉZ; ACEVEDO, M. LOPES, W; ROQUERO, C. Edafologia para la agricultura y El medio ambiente. Ed. Mundi-Prensa, Madri, 1994. TRICART, J. Ecodinâmica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recursos Naturais e Meio Ambiente. Rio de Janeiro, 1977. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO SOLO. Solos altamente suscetíveis à erosão. IX Reunião Brasileira de Manejo e Conservação do Solo e da Água. Ed. UNESP/SBCS. Jaboticabal-SP, 1992.
EMENTA
CJ0046 – Prática de Geografia Humana I

A Geografia Humana - problemas conceituais e setorização. Métodos e técnicas de trabalho em Geografia Humana: exemplos de trabalhos já realizados. Elaboração de projeto de pesquisa em Geografia Agrária. Realização de pesquisa em zona rural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Manuel Correia. A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1986
BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Repensando a pesquisa participante. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense.
CHAYANOV, Alexander V. La organización de la unidad económica campesina. Tradução: Rosa Maria Rússovich. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974
DINIZ, J. A. F. Geografia da Agricultura. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986.
GEORGE, Pierre. Geografia Rural. São Paulo: DIFEL, 1982.
GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Paixão da terra: Ensaio crítico de ecologia e Geografia. Rio de Janeiro: Rocco Roci, 1984.
GRAZIANO NETO, F. Questão agrária e ecologia: Crítica da moderna agricultura. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
GUIMARÃES, Alberto Passos. Quatro séculos de latifúndio. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
KAUSTRY, Karl. A questão agrária. 3ª ed. Tradução: C. IPEROIG. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Atlas.
LAMARCHE, Hughes (coord.) A agricultura familiar: Comparação internacional. Tradução de Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
LOPES, José Sérgio Leite. O vapor do diabo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978
RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 1979.
WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia tropical e do Brasil. Rio de Janeiro, 1979.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANJOS, Rita Leolinda C. C; VARGAS, Maria Augusta Mundim. A arte de pesquisar: Orientações metodológicas. Aracaju: NESA/UFS, setembro/2002 (circular técnica).
CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alciano. Metodologia Científica. 4ª ed. São Paulo: Markon Books, 1996.
HUHNE, Leda Miranda (org). Metodologia Científica. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
VIANA, Aurélio; VIEIRA, Maria Antonieta Costa. Terra de trabalho e terra de negócio: Estratégias de reprodução camponesa. Rio de Janeiro: CEDI, 1990.

EMENTA

CJ0086 - Geografia Ambiental

Definições. Fundamentações em geossistema. Conceitos de ambiente e suas diferentes tipologias e questões ambientais de nível global, regional e local. Alternativas de gestão ambiental. Critérios de sustentabilidade ambiental e formas de gestão ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AQUASIS - Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos. A Zona Costeira do Ceará: Diagnóstico para a Gestão Integrada. Coordenadores Alberto Alves Campos... [et al.]. Fortaleza: AQUASIS, 2003. 248p. + 45 lâminas.
 BIGARELLA, J. J., Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais, 1994.
 GUERRA, A.; Cunha, S., Geomorfologia e Meio-ambiente; 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASSETI, V., Ambiente e Apropriação de Relevô. São Paulo: Contexto, 1991.
 REBORATTI, C. Ambiente y sociedad. conceptos y relaciones. Edición 1999, 150p.
 RODRIGUEZ, J. M. M. et al. Geoecologia das Paisagens. Uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Editora UFC, 2004.
 UNESCO, Memórias del simnario sobre el estudio científico e impacto humano en el ecossistema de manglares. Montevideú, ROSTLAC, 1980.
 VICENTE, C.F., Guia metodologica para la evaluacion del impacto ambiental. Edición 1997, 412p.

EMENTA

CJ0047 – Prática de Geografia Humana II

A Geografia Humana - problemas conceituais e setorização. Métodos e técnicas de trabalho em Geografia Humana: exemplos de trabalhos já realizados. Elaboração de projeto de pesquisa em Geografia Urbana e Geografia das Indústrias. Realização de pesquisa em zona urbana.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, Nilson C. A Geografia Humana: uma introdução às suas idéias. Recife: NAEG/DCG/UFPE, 1990.
 CLARK, David. Introdução à Geografia Urbana. São Paulo: Ed. Difel, 1985.
 CORRÊA, R. Lobato. Trajetórias Urbanas Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
 -----, O Espaço Urbano. Série princípios, nº 168, São Paulo: Ed. Ática, 1989.
 -----, A Rede Urbana. Série princípios, nº 168, São Paulo: Ed. Ática, 1989.
 -----, Região e Organização Espacial. Série princípios, nº 53, 2ª edição, São Paulo: Ed. Ática, 1987.
 LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade – Fundamentos de Metodologia Científica. S.Paulo, Editora Atlas, 1990.
 RUDIO, F. Vitor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
 SANTOS, Milton. Natureza e Sociedade. Razão e Emoção. São Paulo:
 SILVA, Bárbara; SILVA, Christine N. & M. de BANDEIRA, Sílvia. Elaboração de Projetos de Pesquisa em Geografia (uma orientação). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARLOS, Ana Fani Alessandri – Espaço-Tempo na metrópole. São Paulo: Contexto, 2001.
 CASTRO, Iná Elias et alli. (Org.) – Geografia: Conceitos e Temas.. RJ: Bertrand Brasil, 1996.

CLAVAL, Paul – A Geografia Cultural, Florianópolis, Editora da UFSC, 1999

----- As abordagens da Geografia Cultural in CASTRO, Iná Elias et alli. (Org.) – *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996

----- Território in Revista de Geografia

COSTA, M. Clélia L. – Cidade 2000: Expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. S.Paulo, USP, Dissertação de Mestrado, 1998.

COSTA, M. Clélia L. – Urbanização da sociedade cearense In: DAMIANI, Amélia et al. (org.) O espaço no fim do século: a nova raridade. São Paulo, Contexto, 1999.

----- Urbanização da Sociedade Cearense in DAMIANI, Amélia et alli. 1999.

GOMES, Paulo César da – Espaço Público

PREFEITURA Municipal de Fortaleza – PDDU-FOR, síntese diagnóstico. Fortaleza: Instituto de Planejamento de Fortaleza, 1991.

SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1979.

----- Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.

----- A urbanização Brasileira. S.Paulo: HUCITEC, 1993

----- Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional. S.Paulo: HUCITEC, 1996

SILVA, José B. da. Os incomodados não se retiram. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1991.

SILVA, J. B. et alli (org.). A cidade e o urbano : temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de – O Desafio Metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

SOUZA, Maria Salete de – Estrutura Urbana de Fortaleza – in 3º Encontro Nacional de Geógrafos, 1978, AGB/SUDEC, 1978

----- Contribuição a Hierarquia Urbana Cearense. Revista Brasileira de Geografia, RJ, IBGE, 1979.

EMENTA

CJ0138 - Geografia e Práticas Pedagógicas para Educação do/no Campo

Geografia e práticas pedagógicas para educação do/no campo. O Ensino de Geografia e a Educação do e no Campo. Políticas Públicas para a educação do campo e no campo. Histórico da educação do campo no Brasil. Currículo, Princípios, Conceitos e práticas. A educação como ferramenta de luta das comunidades camponesas, indígenas e quilombolas. Práticas pedagógicas voltadas para a educação básica do e no campo. Envolve realização de práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALVES, Wellington Galvão; MAGALHÃES, Sandra Maria Fontenele. O Ensino de Geografia nas escolas do campo: reflexões e propostas. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v.10, n.1, p.79-91, 2008.

GOMES, Ana Beatriz Souza; CUNHA JUNIOR, Henrique. Educação e afrodescendência no Brasil. Fortaleza, Edições UFC, 2008.

KOLLING, Edgar Jorge; Ir. Nery; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). Por uma educação básica do campo. Brasília, DF: articulação nacional Por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 1.
MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970 – 1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CALDART, Roseli Salete (org). Caminhos para transformação da escola, V 1: reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo. São Paulo, Expressão Popular, 2010.

_____. Pedagogia do Movimento Sem Terra . São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. Caminhos para transformação da escola, V 2: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas no campo. São Paulo, Expressão Popular, 2015.

_____. Caminhos para transformação da escola, V 3: organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: ensaios sobre complexos de estudo. São Paulo, Expressão Popular, 2015.

_____. Caminhos para transformação da escola, V 4: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo. São Paulo, Expressão Popular, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADELHA, Silvio; PEREIRA, Sonia. Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade. Fortaleza, Edições UFC, 2006

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Brasília, DF: articulação nacional Por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Fábio da Silva. A Construção da Educação Do Campo no Assentamento Lagoa do Mineiro, em Itarema (Ceará):: entre disputas e conquistas. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2017.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

EMENTA

CJ0124 - Geotecnologias, Planejamento e Instrumentos de Ordenamento Territorial

Elementos teóricos e conceituais relativos ao geoprocessamento, planejamento ambiental aplicado ao ordenamento territorial e da abordagem geográfica. Desigualdades espaciais, regulação do território e planejamento. Marcos teórico e legal do planejamento ambiental e ordenamento do território. Metodologias de análises integradas e inferências espaciais para o planejamento urbano e rural. Tecnologias da geoinformação aplicadas à elaboração de diagnósticos, modelagens e prognósticos ambientais. Elaboração de planos, programas, projetos e atividades práticas mediante estudo de caso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GUERRA, Antonio J. T. e CUNHA, Sandra B. da (org.). Impactos Ambientais Urbanos no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

INPE. Introdução à Ciência da Geoinformação, 2001.

FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. Editora da UNESP. Campinas, 2014.

MMA. Ministério do Meio Ambiente – Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável. Programa Zoneamento Ecológico-Econômico: diretrizes metodológicas para o zoneamento ecológico-econômico do Brasil. 3ª ed. Brasília: MMA, 2006.

ROSS, Jurandyr L. S. Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 208p.

SANTOS, Jader de Oliveira. Relações entre Fragilidade ambiental e Vulnerabilidade Social na susceptibilidade aos riscos. Mercator (Fortaleza. Online), v. 14, p. 75-90, 2015.

SILVA, J. Xavier; ZAIDAN, R. T. Geoprocessamento e meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, Marcos J. Nogueira de ; NETO, J. Meneleu ; SANTOS, Jader de O.; GONDIM, M. S. Diagnóstico Geoambiental do Município de Fortaleza: subsídios ao macrozoneamento ambiental e à revisão do plano diretor participativo (PDPFOR). Fortaleza: PMF, 2009. 172p .

YAMOTO, Jorge Kazuo; LANDIM, Paulo M. Barbosa. Geoestatística conceitos e aplicações. São Paulo, Oficina de Textos, 2013

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Manuel Correa de. A questão do território no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 2004.

BURROUGH, P.A. Principles of Geographical Information Systems for Land Resources Assessment. Oxford Press N. York, 1992, 194p.

CASTRIOTA, L. B. (org.). Urbanização Brasileira: redescobertas. Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2003. p. 28-42.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (ORGs.). Questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DUARTE, P.A. Fundamentos de Cartografia. Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2002.

FLORENZANO, T. G. Iniciação em Sensoriamento Remoto. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

JENSEN, J.R. Sensoriamento Remoto do Ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres. Tradução da Segunda Edição por José Carlos Neves Epiphanyo (coord) et al. São José dos Campos: Parêntese, 2009.

LOCH, Ruth E. Nogueira Cartografia. Representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Editora da UFSC, 2006.

MARTINELLI, M. Curso de Cartografia Temática. Ed. Contexto, SP, 1991.

MORAIS, Antonio C. Robert de. Território e História no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2005. 154p.

MULLER-PLANTENBERG, G. e AB'SABER, A. N. (orgs.). Previsão de Impactos: o estudo de impacto ambiental no leste, oeste e sul. Experiências no Brasil, na Rússia e na Alemanha. São Paulo: Edusp, 1994.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Valter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, Jader de Oliveira. Fragilidade e riscos socioambientais em Fortaleza-CE 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. v. 1. 188p

SANTOS, Jader de Oliveira. SOUZA, Marcos J. Nogueira. Abordagem geoambiental aplicada à análise da vulnerabilidade e dos riscos em ambientes urbanos. Boletim Goiano de Geografia (Online), v. 34, p. 215-232, 2014.

SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a. 176p.

SOUZA, M. L. Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e a Gestão Urbana. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 560p.

TAYLOR, D.R. Fraser. Cybercartography: Theory and Practice. Elsevier, 2006.

EMENTA

CJ0143 – Geografia da Paisagem

A evolução do conceito de paisagens a partir dos seus aspectos naturais, socioeconômicos e culturais. Compreensão da categoria paisagem e sua utilização na análise, diagnóstico e zoneamento ambiental. Aplicabilidade de diferentes escalas de pesquisa e a utilização do geoprocessamento e da cartografia em sua representação espacial. Envolve realização de práticas de Extensão em Campo, com atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às Comunidades Locais visitadas e assistidas por Projetos socioambientais do laboratório a que se vincula a equipe docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BÉRINGUIER, Philippe ; DÉRIOZ, Pierre; LAQUES, Anne-Élisabeth. Les paysages français . Paris; Ed Armand Colin, 1999.

CORRÊA, Robert Lobato; ROSENDAHL, Zany. Paisagem, Tempo e Cultura. RJ: Ed. UFRJ, 1998.

RODRIGUEZ, J. M. Mateo; SILVA, E. V. Da.; CAVALCANTI, A. P. B. Geoecologia da Paisagem. CE: Ed. UFC, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERQUE, Augustin. Médiance de Milieux en paysages. Paris; Ed Belin, 2000.

BERQUE, Augustin ; CONAN, Michel; DONADIEU, Pierre; LASSUS, Bernard; ROGER, Alain Cinq Propositions pour une Théorie du paysage. Paris; Ed Champ Vallon, 1994.

CABANEL, Jean. Paysage Paysages. Paris, Ed Jean-Pierre de Monza, 1995.

CAUQUELIN, Anne. L'Invention du paysage. Paris; Quadrige/PUF, 2000.

COLLOT, Michet et al. Les Enjeux du Paysage. Paris; Ed. Ousia, 1997

CLAVAL, Paul. Introdução à Geografia Cultural. RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. SC: Ed. UFSC, 2001.

DONADIEU, Pierre ; PÉRIGORD, Michel. Le Paysage. Paris Ed Armand Colin, 2007

FROVOLA, Marina. "Lê Paysage des géographes Russes: L' evolution de Regard Géographique entre lê XIX et lê XX siècle. Site://193.55.107.3/ehgo/frovola.htm.p.1-18(23/04/2001).

MERCIER, Denis et al. Le commentaire de pysages. En géographie physique. Paris; Ed Armand Colin, 2004.

MICHEL, François. Roches et paysages. Reflets de l'histoire physique. Paris ; Ed Armand Colin, 2005.

ROGER, Alain. Court traité du paysage. Paris; Ed.Gallimard, 1997.

ROSS, Jurandyr L. Sanches. Geomorfologia: Ambiente e Planejamento. SP: Ed. Contexto, AGB, 1990.

ROUGERIE, Gabriel. BEROUTCHACHVILI, Nicolas. Géosystèmes et Paysagens. Paris: Bilan et Méthodes. Armand Colin Éditeur, 1991.

EMENTA

CJ0083 – Geomorfologia Litorânea

Bases conceituais da Geomorfologia litorânea. Origem dos litorais. Evolução geológica dos litorais. Dinâmica litorânea e costeira. Formas de relevo litorâneo e costeiro. Uso e ocupação da zona costeira e problemas ambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BIRD, E. Coastal Geomorphology – an introduction. London: John Willey and Sons, 2000.

CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1978.

CUNHA, S.B.; GUERRA, A.J.T. Geomorfologia do Brasil. RJ: Ed. Bertrand do Brasil, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGUIAR, P.F. de (Org.) ; MEIRELES, A. J. A. (Org.) . Relevo Cearense: perspectivas de análises. 1. ed. Porto Alegre: , 2012. v. 1. 103p .

GILSANZ, Javier de Pedroza. Geomorfologia – Princípios, Métodos y Aplications. Madrid, ed. Ruedan, 1996.

MEIRELES, A. J. A.. Geomorfologia costeira: funções ambientais e sociais. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2014. 489p.

MEIRELES, A. J. A.. Ecossistemas, funções e serviços ambientais.. 1. ed. Fortaleza: Fundação Brasil Cidadão, 2015. v. 1. 45p .

MEIRELES, A. J. A.; SOUZA, WALLASON FARIAS DE ; SILVA, A. L. B. ; LIMA, A. P. S. ; ARIMATEA DA SILVA, JOSÉ . Geomorfologia e os serviços ecológicos como fundamentos para a gestão integrada da planície costeira de Icapuí, Ceará, nordeste do Brasil.. Willian Moris Davis Revista de Geomorfologia, v. 1, p. 210-231, 2020.

Obs.: Todos esses livros, assim como os da lista *Básica*, estão disponíveis na Biblioteca Central do Campus do Pici ou no Laboratório de Geomorfologia do Departamento de Geografia. Bibliografia complementar em Inglês e Francês, também estarão disponíveis aos interessados, no laboratório.

EMENTA

CJ0084 – Climatologia Urbana

Abordagem geográfica do clima. Clima e cidade. Teorias, métodos e técnicas de pesquisa em clima urbano. Os campos termodinâmicos, físico-químico e

hidrometeorológico do sistema clima urbano. Especificidades da cidade tropical. Clima e planejamento urbano. Estudos de pesquisas climáticas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AYOADE, J. O. Introdução à climatologia para os trópicos. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1990.

MENDONÇA, F.; MONTEIRO, C.A.F. (organizadores). Clima Urbano. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, C.A.F. Teoria e Clima Urbano. São Paulo: IGEOG-USP, 1976. (Série Teses e Monografias, v.25).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LANDSBERG, H.E. *Urban climates*. Academic Press: New York, 1981.

LOMBARDO, M.A. Ilha de Calor nas metrópoles: o exemplo de São Paulo. 1ª edição. Cátedra, 1993.

OLÍMPIO, João Luís Sampaio ; ZANELLA, Maria Elisa . Riscos naturais: conceitos, componentes e relações entre natureza e sociedade. RA'E GA (UFPR), v. 40, p. 94-109, 2017.

ROCHA, C. A. ; CAVALCANTE, R. M. ; ZANELLA, M. E. ; SOUZA, O. V. ; SOUZA, F. W. . Environmental Quality Assessment in Areas Used for Physical Activity and Recreation in a City Affected by Intense Urban Expansion (Fortaleza-CE, Brazil): Implications for Public Health Policy. *Exposure and Health*, v. 9, p. 169-182, 2016.

SANT'ANNA NETO, J. L. Variabilidade e mudanças climáticas. Implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá: Eduen, 2000, 259p.

EMENTA

CJ0088 – Geografia do Espaço e Cidadania

O processo de ocupação do espaço das pequenas comunidades. Gênero e modo de vida das comunidades. Movimentos sociais locais. A participação popular na gestão do espaço geográfico. Qualidade de vida, desafios sociais e cidadania.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, Ruy. A Restauração do Capital – um Estudo sobre a Crise Contemporânea – Rio de Janeiro, 1997.

CASTRO, Therezinha de. África – Geo-história, Geopolítica e Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1981.

COSTA, Wanderley Messias de. O Estado e As Políticas Territoriais no Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.

IANNI, Octávio. Capitalismo, Violência e Terrorismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem Tem Medo da Geopolítica? São Paulo: EDUSP-HUCITEC, 1999.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Bases da Formação Territorial do Brasil. São Paulo: HUCITEC, 2000.

SADER, Emir; GENTIL, Pablo. Pós-Neoliberalismo II. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HOBSBAWN, Eric J. Nações e Nacionalismos desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Bases da Formação Territorial do Brasil. São Paulo: HUCITEC, 2000.

SCARLATO, Francisco Cipriano. (Org.). Novo Mapa do Mundo, Globalização e Espaço Latino-Americano. São Paulo: HUCITEC e AMPUR, 1993.

SANTOS, Milton. (Org.). O Novo Mapa do Mundo. Fim de Século e Globalização. São Paulo: HUCITEC e AMPUR, 1993.

SILVA, Hélio. O Poder Militar. Rio Grande do Sul: LPM, 1984.

TEIXEIRA, Francisco J. S. e OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. (Org.). Neoliberalismo e Reestruturação Produtiva. São Paulo/Fortaleza: Cortez Editora/UECE, 1996.

VESENTINI, José William. A Capital da Geopolítica. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

EMENTA

CJ0139 – Geografia Cultural

Introdução à discussão das dimensões da Cultura no Espaço Geográfico. Aspectos fundantes da abordagem cultural. Mitos, símbolos e imaginário socioespacial. Lugares sagrados, religiosidades e festividades. Questões étnicas, migrações, fronteiras e intercâmbios políticos. Marcas internas e renovadas da Cultura no desafio patrimonial contemporâneo. Estudos clássicos de Geografia Cultural, crises e interfaces com o Humanismo. A “virada” cultural pós-moderna. Leituras e visões do Brasil: identidades e rupturas na cultura das mídias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: UFSC, 1999.

DARDEL, E. O homem e a Terra: A natureza da realidade Geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROSENDAHL; CORREA (org). Introdução a Geografia Cultural: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, Maria Geralda de; ARRAIS, Tadeu Alencar. É geografia, é Paul Claval. [et al.]; Org. – Goiânia : FUNAPE, 2013

ANDREOTTI, Giuliana: Paisagens Culturais. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (org.). Visões do Brasil: Estudos culturais em Geografia. Salvador: Edufba; Edções L'Harmattan, 2012.

DOZENA, Alessandro (Org.). Geografia e Música: diálogos. Natal: EDUFRRN, 2016

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. Território, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.

LIPOVETSKY, G. SERROY, J. A Cultura-Mundo: uma resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARANDOLA, E.; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. de. (org). Qual o Espaço do Lugar? São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. HEIDRICH, Álvaro Luiz, COSTA Benhur Pinós da, PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (organizadores). Maneiras de ler: geografia e cultura

[recurso eletrônico] / – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. 364 Kb; PDF. (p.195-205)

OLIVEIRA, C. D. M de *Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: Como educar sem Encenar Geografia?* Fortaleza: Edufc, 2012. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10320> Acesso em 02/08/2015.

OLIVEIRA, C. D. M. de. *Geografia do Turismo na Cultura Carnavalesca...* São Paulo: Paulistana, 2007.

ROSENDAHL; CORREA (org). *Manifestações da Cultura no Espaço*. RJ: Eduerj, 1999

SILVA, Juremir M. *Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

SITES

<http://www.p12.nysed.gov/ciai/socst/grade3/geograph.html>

<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/archive>

<http://www.sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/interativos/geografia-cultural/base.swf>

EMENTA

CJ0068 – Geografia Política

As concepções de direito da cidadania e comunidade; os processos organizacionais; as políticas comunitárias e o planejamento; as relações com o terceiro setor e o Estado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Questão do Território no Brasil*. São Paulo: Ed. HUCITEC e IPESPE, 1995.

BECKER, Bertha K. *Geopolítica da Amazônia: A nova fronteira de recursos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1982.

COSTA, Wanderley Messias de. *Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder*. São Paulo: HUCITEC. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1992. (Geografia, Teoria e Realidade, 17).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACTION CONTRE LA FAIM. *Léopolitique de la faim: quand la faim est une arme*. 2ª ed. Paris: PUF, 1998.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além – depois*. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.

BRAGA, Elza Maria Franco. (Org.). *América Latina: transformações econômicas e políticas*. Fortaleza: Ed. UFC, 2003.

BRITTO, Luiz Navarro de. *Política e Espaço Regional*. SP: Nobel, 1986.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. 10ª ed. RJ: Antares, 1980

CHIAVENATO, Júlio J. *Geopolítica, arma do fascismo*. São Paulo: Global Editora, 1981.

GENTILI, Pablo. *Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.. 1991.

HAESBAERT, Rogínio. *Blocos Internacionais de poder*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando a Geografia).

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton.; SOUZA, Maria Adélia. A. de e SILVEIRA, Maria Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994.

EMENTA

CJ0101 - Educação Ambiental

Bases conceituais da educação ambiental e o processo histórico da tomada de consciência sobre a degradação ambiental; a relação sociedade e natureza dentro da perspectiva da educação ambiental; estudo de experiência em educação ambiental; a política nacional do meio ambiente e o processo de desenvolvimento da cidadania; planejamento estratégico de ações em educação ambiental; o papel da questão ambiental como elemento transformador da ordem internacional; análise crítica de temas ecológicos globais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO, I. C. de M. Educação Ambiental: a Formação do Sujeito Ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

LEFF, E. Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental (Trad. Jorge E. Silva). Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

RODRIGUEZ, J. M.; SILVA, E.V. da. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: problemática, tendências e desafios. 4. ed. Fortaleza: EDUFC, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GALIAZZI, M. do C.; FREITAS, J. V. de. (Org.) Metodologia Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental. 2. ed. Ijuí: EDUnijuí, 2007.

LOUREIRO, C. F. B. *et al.* (Org.). Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

QUINTAS, J. S.. Introdução à Gestão Ambiental Pública. 2ª ed. revista. Brasília: Ibama, 2006.

VASCONCELOS, F. H. L.; RIBEIRO, G. de O. (Org.). Educação Ambiental na Perspectiva de Transformação do Cotidiano: relação sociedade-natureza. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

EMENTA

CJ0147 - Cartografia Colaborativa

Leitura, interpretação e utilização de produtos da cartografia básica e temática e de sensoriamento remoto em atividades de mapeamento colaborativo. Metodologias da cartografia participativa e colaborativa. Princípios e exemplos de aplicação da: Cartografia FOSS (Free and Open Source Software), SIG (Sistema de Informação Geográfica) FOSS e Cartografia Ubíqua. Conceitos de Softwares Livres - SL e Softwares Proprietários - SP e aplicações em ambientes online de mapeamento geocolaborativo universalmente disseminados (Produtos Google Geo, Open Street Map, Waze e outras iniciativas). Consórcio Geoespacial Aberto - OGC e padrões WMS, WFS, WCS. Técnicas e plataformas de mapeamento colaborativo a partir do uso de dispositivos móveis e desktops. Diretórios de dados espaciais ou cartográficos nacionais e internacionais (INDE - Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais, UNSDI - Infraestrutura Espacial das Nações Unidas e outras iniciativas). Princípios

e conceitos sobre banco de dados e big data, com aplicação à cartografia colaborativa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Artigos e livros:

ACSELRAD, H. (Org.) Cartografia Social e Dinâmicas Territoriais: marcos para o debate. Rio de Janeiro: UFRJ, IPPUR, 2010. Disponível em:

http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografias%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf

BORBA, R. L. R.; STRAUCH, J. C. M.; SOUZA, J. M. DE; LIMA FIHO, A. DOS S. DE. Geostream-API: Aplicação Colaborativa para Monitoramento e Consumo de Informação Geográfica de Mídia Social. Revista Brasileira de Cartografia, v. 69, n. 3, 12 mar. 2017. Disponível: http://www.seer.ufu.br/index.php/revista_brasileiracartografia/article/view/44351

CÂMARA, G.; DAVIS.C.; MONTEIRO, A.M.; D'ALGE, J.C. Introdução à Ciência da Geoinformação. São José dos Campos, INPE, 2001. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/introd/>

DAVIS JR., C. A.; MORO, M. M.; MATEVELLI, G. V.; MACHADO, N. G. Contribuições Voluntárias: Impactos Potenciais dos Cidadãos Online e seus Dispositivos Móveis. In: Moura, A. C. M. (Org.). Tecnologias de Geoinformação para Representar e Planejar o Território Urbano. 1ed. Rio de Janeiro (RJ): Editora Interciência, 2016, p. 23-34.

LONGLEY, P. A. et al. Sistemas e ciência da informação geográfica. Porto Alegre: Bookman, 2013.

MENEGUETTE, A. A. C. Cartografia no século 21: revisitando conceitos e definições. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos. v.6, n.1, jan./jun, 2012. 1-13. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/131>

NASCIMENTO, D. T. F. Propostas de mapeamentos colaborativos como estratégias para o ensino de Geografia. Geosaberes, v. 10, n. 22, p. 49 – 61, 2019. doi: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v10i22.812>

NOGUEIRA, R. E. Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis:Ed da UFSC, 2008. 314 p.

SOLIZ F., MALDONADO A. Guia de metodologias comunitárias participativas. Quito: Clínica Ambiental, 2012. Disponível em: <http://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/3997/1/Soliz,%20F-CON008-Guia5.pdf>

SOUZA, P. V. B. Cartografia 2.0: Pensando o Mapeamento Participativo na Internet. C-legenda, n. 25, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36883>

Plataformas e sites:

Redes da Maré

<https://redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>

Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e Saúde no Brasil

<http://www.conflitoambiental.iciet.fiocruz.br/>
Mapa da (In)Justiça Ambiental
<https://ejatlas.org/>
Mapa de Conflitos Fundiários
<https://www.mapadeconflitos.org.br/#/home>
Atlas dos Recursos Hídricos do Ceará
<http://atlas.cogerh.com.br/>
HIDROWEB da Agência Nacional das Águas
<http://www.snirh.gov.br/hidroweb/>
Ceará em Mapas Interativo
http://mapas.ipece.ce.gov.br/i3geo/interface/black_gm.phtml
Visualizador da INDE
<https://visualizador.inde.gov.br/>
GeoSGB / CPRM
<http://geosgb.cprm.gov.br/>
Ferramentas SIG / WEB:
OpenStreetMap
<https://www.openstreetmap.org/>
Humanitarian OpenStreetMap Team (HOT):
https://wiki.openstreetmap.org/wiki/Humanitarian_OSM_Team
QGIS
https://qgis.org/pt_BR/site/
Google Earth Engine
<https://earthengine.google.com/>
Google MyMaps
<https://www.google.com/maps/d/u/0/>
MapBiomias
<http://mapbiomas.org/>
BatchGeo
<http://pt.batchgeo.com>
Mapas Físicos e Ambientais IBGE
<https://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/>
Densidade Populacional
<https://mapasinterativos.ibge.gov.br/densidade/>
TerraBrasilis
<http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Artigos Internacionais:

BUZO SÁNCHEZ, I. Introducción a la cartografía colaborativa en educación secundaria, en Alanís Falantes, L. Almuedo Palma, J. De Olivera Neves, G. Iglesias Pascual, R. y Pedregal Mateos, B. (Coord) Nativos digitales y geografía en el siglo XXI: Educación geográfica y sistemas de aprendizaje. Asociación de Geógrafos Españoles, Grupo de Didáctica de la Geografía, Universidad Pablo de Olavide y Universidad de Alicante: 2016. Disponível em: http://didacticageografia.age-geografia.es//docs/Publicaciones/2016_nativos_digitales_y_geografia.pdf

GORELICK, N.; HANCHER, M.; DIXON, M.; ILYUSHCHENKO, S.; THAU, D.; MOORE, R. Google Earth Engine: Planetary-scale geospatial analysis for everyone. *Remote Sensing of Environment*, 202 (2017), 18 – 27.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.rse.2017.06.031>
 GOODCHILD, M.F. Citizens as sensors: the world of volunteered geography. *GeoJournal*, v. 69, n. 4, p. 211-221, 2007. Disponível em:
<https://link.springer.com/article/10.1007/s10708-007-9111-y>
 SHELESTOV, A.; LAVRENIUK, M.; KUSSUL, N.; NOVIKOV, A.; SKAKUN, S. Exploring Google Earth Engine Platform for Big Data Processing: Classification of Multi-Temporal Satellite Imagery for Crop Mapping. *Frontiers in Earth Science*, 5 (17), February 2017. doi: 10.3389/feart.2017.00017

Periódicos Internacionais:

Participatory Learning and Action
<https://www.iied.org/participatory-learning-action-pla>
 International Society of Participatory Mapping
<http://www.landscapevalues.org/>
<http://landscapevalues.org/ispm/>

EMENTA

CJ0148 - Cartografia Temática

Noções de Comunicação Visual; Conceitos de Semiologia Gráfica; Conceitos de dados e informações; Conceitos de Componentes da Informação; Variáveis Visuais: Tamanho, Cor (matiz; valor; saturação; variações), Granulação, Espaçamento, Orientação, Arranjo, Forma, Altura perspectiva; Escolha das variáveis visuais; Tipos de Mapas Temáticos; Organização e tratamento dos dados; Conceitos de coleção, superposição e síntese de dados cartográficos; Normalização e Síntese; Qualidade da representação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LOCH, R. E. N. Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. UFSC, 2006.
 MARTINELLI, M. Mapas, gráficos e redes: elabore você mesmo. Oficina de Textos, 2014
 SAMPAIO, T. V. M. Cartografia temática. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DUARTE, P. A. Fundamentos de Cartografia. São Paulo. Editora da UFSC, 1997.
 JOLY, F. A Cartografia. 4ª ed. São Paulo. Editora PAPIRUS, 2001.
 MARTINELLI, M. Curso de Cartografia Temática. Rio de Janeiro. Editora CONTEXTO, 1991.
 MARTINELLI, M. Gráficos e Mapas. Rio de Janeiro. Ed. MODERNA, 1999.
 PETERSON, G. N. GIS cartography: a guide to effective map design. CRC Press, 2015.

SAMPAIO, T. V. M.; BRANDALIZE, M. C. B. Cartografia geral, digital e temática. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas, 2018.

EMENTA

CJ0149 - Métodos Quantitativos para Análise Espacial

Métodos de análise exploratória e descritiva de dados e informações; Geoestatística como ferramenta de análise; Variáveis regionalizadas; Teste de hipóteses estatísticas; Métodos de Krigagem; Conceitos probabilísticos; Aplicações de geoestatística.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTILHO, J. R. F. Legislação de aerolevantamento e drones. Ed. Pillares, 2019.
DOUGHERTY, M. J. Drones: guia das aeronaves não tribuladas que estão tomando conta de nossos céus. M. books, 2019.
MARCHETTI, D. A. B; GARCIA, G. J. Princípios de fotogrametria e fotointerpretação. São Paulo: Nobel, 1986.
MENESES, P. R.; ALMEIDA, T. D. Introdução ao processamento de imagens de sensoriamento remoto. Brasília: UnB, 2012.
NOVO, E. M. L. M. (2010). Sensoriamento remoto: princípios e aplicações. 4. ed. São Paulo: Blucher.
RANGEL, C. S. Drones: a tecnologia disruptiva das aeronaves remotamente pilotadas. Chiado Books, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, João Francisco; BARROS, Leonidas Conceição. Geografia, Modelos de Análise Espacial e GIS. PUC-MG. 2021.
DINIZ, Alexandre Magno Alves Novos Olhares Sobre Geografia e Análise Espacial. Editora PUC Minas. 2016
FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. Editora UNESP.
MONTEIRO, José Lemos. Fundamentos de Estatística e Geoestatística. Editora Unisinos, 2004.
SILVA, Ardemiro de Barros. Análise Quantitativa Espacial. Editora Apris, 2018.
SILVA, Barbara-Christine N. Métodos quantitativos aplicados em Geografia: uma introdução. Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. V. 3 n. 6. 33-73
WEBSTER, R.; OLIVER, M. A. Geostatistics for Environmental Scientists. 2nd Edition. John Wiley & Sons Ltda, 2003.
YAMAMOTO, J. K.; LANDIM, P. M. B. Geoestatística: conceitos e aplicações. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

EMENTA

CJ0150 - Modelagem Digital de Relevo

Conceitos e nomenclaturas de modelos digitais de representação do relevo; Aplicações da modelagem digital do relevo; Qualidade e finalidade do uso; Métodos de coleta de dados; Processos de interpolação para geração de modelos; Variáveis

geomorfométricas derivadas de modelos digitais de representação do relevo; Identificação de unidades morfológicas a partir de MDT e de suas variáveis geomorfométricas derivadas; Aplicação de modelagem digital do relevo em estudo socioambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de Sistemas Ambientais. São Paulo: Edgar Bucher Ltda, 1999.

FLORENZANO, T. G. Geomorfologia: Conceitos e Tecnologias Atuais. Rio de Janeiro: Oficina de Textos, 2008.

SOPCHAKI, C. H. Influência do N amostral e das características do relevo na qualidade de modelos digitais do terreno. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. 161 f. Curitiba, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRIOTTI, J. L. S. Fundamentos de estatística e geoestatística. Editora UNISINOS, 2003.

GUERRA, A.J.T.; CUNHA, S.B. (Org.) Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

HENGL, T.; REUTER, H. I. Geomorphometry: concepts, software, applications. Elsevier: Amsterdam, 2009.

PECKHAM, R. J.; JORDAN, G. Digital Terrain Modelling. Development and Applications in a Policy Support Environment. Berlin: Springer, 2007.

ROSS, J. L. S. Geomorfologia: ambiente e planejamento. Editora Contexto, 1990.

WEIBEL, R.; HELLER, M. Digital terrain modelling. Oxford University Press, 1993.

WILSON, J. P.; GALLANT, J. C. (Ed.). Terrain analysis: principles and applications. Wiley, 2000.

EMENTA

CJ0151 - Sensoriamento Remoto II - Utilização de VANTs para Análises Geográficas

Princípios e conceitos da Fotogrametria e de Sensoriamento Remoto; Radiação Eletromagnética e Espectro Eletromagnético; Conceitos de Aerofotogrametria; Classificação das aeronaves remotamente pilotadas; Principais aplicações dos VANT; Legislação e marco regulatório para uso de aeronaves remotamente pilotadas; Segurança de voo com RPA; Acurácia de produtos gerados com VANT: potencialidades e limitações; Planejamento de voo com RPA; Apoio de campo para referencialmento dos produtos gerados; Processamento Digital de Imagens obtidas; Geração de ortomosaicos e modelos digitais; Cálculo de medidas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTILHO, J. R. F. Legislação de aerolevantamento e drones. Ed. Pillares, 2019.

DOUGHERTY, M. J. Drones: guia das aeronaves não tribuladas que estão tomando conta de nossos céus. M. books, 2019.

MARCHETTI, D. A. B; GARCIA, G. J. Princípios de fotogrametria e fotointerpretação. São Paulo: Nobel, 1986.

MENESES, P. R.; ALMEIDA, T. D. Introdução ao processamento de imagens de sensoriamento remoto. Brasília: UnB, 2012.

NOVO, E. M. L. M. (2010). Sensoriamento remoto: princípios e aplicações. 4. ed. São Paulo: Blucher.

RANGEL, C. S. Drones: a tecnologia disruptiva das aeronaves remotamente pilotadas. Chiado Books, 2019.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FLORENZANO, T. G. (2011). Iniciação em sensoriamento remoto. São Paulo. Oficina de textos.

JENSEN, J. R. (2009). Sensoriamento remoto do ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres; tradução José Carlos Neves Epiphany (coordenador)... [et al.]. São José dos Campos, SP. Parêntese.

LORENZZETTI, J. A. Princípios Físicos de Sensoriamento Remoto. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2015.

MENESES, P. R.; ALMEIDA, T.; BAPTISTA, G. M. M. Reflectância dos materiais terrestres. Oficina de Textos, 2019.

MOREIRA, M. A. - Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação. São José dos Campos – SP – INPE. 2001.

SAMPAIO, T. V. M.; BRANDALIZE, M. C. B. Cartografia geral, digital e temática. Curitiba: UFPR, Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas, 2018.

SOPCHAKI, C. H.; PAZ, O. L. S.; GRAÇA, N. L. Z. S., SAMPAIO, T. V. M. Verificação da qualidade de ortomosaicos produzidos a partir de imagens obtidas com aeronave remotamente pilotada sem o uso de pontos de apoio. Raega - O Espaço Geográfico em Análise, 43, p. 200-214, mar. 2018.

ZANOTTA, D. C.; FERREIRA, M. P.; ZORTEA, M. Processamento de imagens de satélite. Oficina de Textos, 2019.

EMENTA

CJ0152 - Tecnologias da Geoinformação II – Bancos de Dados Geográficos

Noções de Banco de Dados e Sistemas de Informações Geográficas (SIG); Infraestruturas de Dados Espaciais (IDEs); Consórcio Geoespacial Aberto (OGC); Conceitos em Modelagem de Dados Geográficos; Modelagem conceitual para Banco de Dados Geográficos (BDG); Relacionamentos espaciais e topológicos; Metadados e padronização de dados geográficos; Conversão de Dados; Índices, Consultas e Análises Espaciais; Arquiteturas e linguagens de consulta para banco de dados geográficos; Linguagens e metodologias de criação, implementação e representação de Banco de Dados Geográficos; WEBSIG: tipos de dados, padronização e serviços de mapas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASANOVA, M. A.; CÂMARA, G.; DAVIS, C.; VINHAS, L. QUEIROZ, G. R. Banco de dados geográficos. Curitiba: MundoGEO, 2005.

LONGLEY, P. A.; GOODCHILD, M. F.; MAGUIRE, D. J.; RHIND, D. W. Sistemas e ciência da informação geográfica. Bookman Editora, 2009.

LIGHTSTONE, S. S.; TEOREY, T. J.; NADEAU, T.; JAGADISH, H. V. . Projeto e Modelagem de Banco de Dados. Editora Elsevier, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CÂMARA, G; CASANOVA, M. A.; MAGALHÃES, G. C. Anatomia de sistemas de informação geográfica. INPE, 1996.

CONCAR - Comissão Nacional de Cartografia. Perfil de Metadados Geoespaciais do Brasil. Brasília: Ministério do Planejamento, 2009.

CONCAR – Comissão Nacional de Cartografia. Plano de Ação para Implantação da INDE: Infraestrutura de Dados Espaciais. Brasília: Ministério do Planejamento, 2010.

DSG- DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRÁFICO. Especificação Técnica para a Estruturação de Dados Geoespaciais Vetoriais de Defesa da Força Terrestre (ET-EDGV). Brasília, 2015.

FGDC. National Standard for Spatial Data Accuracy. Federal Geographic Data Committee, 1998. Disponível em:

<http://www.fgdc.gov/standards/projects/FGDC-standards/projects/metadata/basemetadata/v2_0698.pdf>

LI, S.; DRAGICEVIC, S.; VEENENDAAL, B. (Ed.). Advances in web-based GIS, mapping services and applications. CRC Press, 2011.

MITCHELL, T. Web Mapping Illustrated: Using Open Source GIS. Toolkits, O'Reilly Media, Inc, 2005.

OGC - OPEN GEOSPATIAL CONSORTIUM. OGC standards and supporting documents. OGC, 2010.

RUAS, A. Advances in cartography and GIScience. Vol. 1. Paris: Springer, 2001.

EMENTA

CJ0153 - Tecnologias da Geoinformação III – Desenvolvimento de Aplicações em Python

Algoritmos: conceitos, estrutura e otimização; Introdução à Lógica de Programação; Noções sobre plug-ins e extensões para softwares de Sistemas de Informação Geográfica (SIG); Linguagem de programação Python: noções da linguagem, variáveis, estruturas (seleção, sequência e repetição), funções básicas, operadores e manipulação de arquivos; Interfaces de Programação de Aplicação (API); Bibliotecas de programação em Python para ambiente de SIG; Desenvolvimento de solução em Python para ambientes de SIG.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DOWNEY, A. Pense em Python: pense como um cientista da computação. São Paulo: Novatec, 2016.

FORBELLONE, A. L. V.; EBERSPÄCHER, H. F. Lógica de programação: a construção de algoritmos e estruturas de dados. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

MENEZES, N. N. C. Introdução a programação com Python. São Paulo: Novatec, 2010.

PERKOVIC, L. Introdução à computação usando Python: um foco no desenvolvimento de aplicações. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORGES, L. E. Python para Desenvolvedores. São Paulo: Novatec, 2014.
 LEAL, G. C. L. Linguagem, programação e banco de dados: guia prático de aprendizagem. Curitiba: InterSaberes, 2015.
 LUTZ, M. ASCHER, D. Aprendendo Python. Bookman, 2007.
 MANZANO, J. A. N. G.; OLIVEIRA, J. F. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores. 28. ed. São Paulo: Érica, 2016.
 MEDINA, M; FERTING, C. Algoritmos e programação: teoria e prática. Novatec Editora, 2006.
 QGIS. PyQGIS developer cookbook. Disponível em: <https://docs.qgis.org/testing/en/docs/pyqgis_developer_cookbook/>.
 ZANDBERGEN, P. A. Python scripting for ArcGIS. Esri press, 2015.

EMENTA

CJ0144 – Geografia da Alimentação

Geografia e alimento. A alimentação na formação das sociedades. A produção do espaço social alimentar no desenvolvimento capitalista. Desigualdade e diversidade nos circuitos espaciais do excedente alimentar. Problemas e desafios da alimentação contemporânea. A alimentação e a fome no Brasil e no mundo. Segurança Alimentar e Nutricional. Soberania Alimentar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANGELIS, Rebeca Carlota de. Fome oculta: impacto para a população do Brasil. São Paulo, Atheneu, 1999.
 CÂMARA CASCUDO, Luis da; História da Alimentação no Brasil.. 4ª. Ed. 2011. São Paulo: Ed.Global. 1967.
 CASTRO, Josué de. Geografia da Fome (O dilema brasileiro: pão ou aço). São Paulo, ed. Brasiliense, 10a ed, 1967.
 HEISER Jr., CHARLES B. Sementes para a civilização. A história da alimentação humana. Trad. De Sylvio Uliana. São Paulo, ed. da USP, 1977.
 MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Relatório Nacional Brasileiro para a Cúpula Mundial da Alimentação: 5 anos depois. Brasília, 2002.
 MALUF, Renato S. Ações públicas locais de abastecimento alimentar. São Paulo, Pólis - Assessoria, Formação e Estudos em Políticas Sociais, paper 5, 1995.
 MONTANARI, M. Comida como cultura. São Paulo: Senac São Paulo,. 2008, 207 p.
 ORNELLAS, Lieselotte Hoeschl. A alimentação através dos tempos. Florianópolis, ed. da UFSC, 2000.
 POLAIN, Jean Pierre. Sociologias da alimentação. Os comedores e o espaço social alimentar. Trad. De Rossana Pacheco, Carmen Rial e Jaimir Conte. Florianópolis, Editora da UFSC, 2004.
 PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 2006.
 Revista RACA. Revista de alimentação e Cultura das américas. 2019/2020.
 SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.
 _____. O retorno do território. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, María Laura (org) Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Anpur/Hucitec, 1994, p. 15-20.

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (org.). A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. In: Revista Território, ano IV, n. 6, jan/jun. p. 05-20. 1999.

WILKINSON, John. O futuro do sistema alimentar. Trad. do autor. São Paulo, ed. Hucitec, 1989.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASTRO, Josué de. Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. São Paulo, Brasiliense, 8a ed., 1968.

CROSBY, Alfred W. Imperialismo ecológico. A expansão biológica da Europa 900-1900. Trad. de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

DANIEL, Jungla Maria Pimentel, CRAVO, Veraluz Zicarelli. "O valor social e cultural da alimentação", In: Boletim de Antropologia. Curitiba, v.2, n. 4, p. 69-83, UFPR, abril de 1989.

DAVIS, Mike; Holocaustos Coloniais. Clima, Fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo. 2001, edição brasileira 2002. Ed. Record, RJ.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. História da alimentação. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 1998.

GOODMAN, David, SORJ, Bernardo, WILKINSON, John. Da lavoura às biotecnologias. Trad. De Carlos Eduardo Baesse e Carlos Schiottfeldt. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

MALUF, Renato S. e MENEZES, Francisco. Caderno de Segurança Alimentar. Rio de Janeiro, 2000.

MOONEY, Pat Roy. O escândalo das sementes. O domínio na produção de alimentos. Trad. de Adilson D. Paschoal. São Paulo, Nobel, 1987.

OLIVEIRA, José Eduardo Dutra, CUNHA, Selma Freire de Carvalho e MARCHINI, J. Sérgio. A desnutrição dos pobres e dos ricos. Dados sobre a alimentação no Brasil. São Paulo, SARVIER, 1996.

EMENTA

EE0115 – Introdução à Economia

Fundamentos de Ciência Econômica. Noções de Microeconomia. Noções de Macroeconomia, Noções de Economia Monetária, Inflação e Política Econômica. Noções de Comércio Exterior, Balanço de Pagamentos e Organismos Internacionais. Noções de crescimento e desenvolvimento econômico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PINHO, D.B.(ET ALLI.) Manual de Economia- Equipe de Professores da USP. 5. Ed. São paulo: Saraiva, 2006.

MANKIW, N. Gregoy. Introdução à Economia, princípios de Micro e Macroeconomia, Rio Janeiro. Editora Campus, 1.ed. 1999.

VASCONCELOS; M. A. S. Fundamentos de Economia. São Paulo: Saraiva, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ROSSETI, José P. Introdução à Economia. São Paulo. Editora Atlas, 35.ed.1999.
 SINGER, Paul. Aprender Economia, São Paulo. Editora Brasiliense, 12. Ed. 1993.
 CARDOSO, Eliana. Economia Brasileira ao Alcance de Todos, São Paulo. Editora Brasiliense, 7.ed. 1998.
 SARAIVA, P. J. Crise econômica e as políticas monetárias convencionais e não convencionais: um breve survey da literatura. Revista de Economia, v. 41, n. 76, 2020.
 SOUZA, Nali de Jesus (Coord.).Introdução à Economia, São Paulo. Editora Atlas, 1.ed. 1996.

EMENTA

CC0267 – Estatística para Geografia

Introdução geral. Elementos de estatística descritiva. Elementos do cálculo de probabilidade. Introdução à amostragem e estimação. Seleção de amostragens: aleatória, sistemática, estratificada; Escalas: intervalos (média aritmética), nominal (moda), ordinal (mediana), razão (coeficiente de variação, desvio padrão, regressão e correlação linear). Aplicação: distribuição de frequência, representação gráfica, (diagrama de dispersão, histogramas, dendograma, polígonos de frequência, matrizes geográficas). Análise geográfica dos dados quantitativos e qualitativos na linguagem cartográfica. Métodos de mensuração de dados em diversas linguagens.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUSSAB, Wilton O. ; MORETTIN, Pedro A. *Estatística Básica*. Atual Editora. Edição renovada, 2002.
 STEVENSON. William J. *Estatística aplicada à administração*. São Paulo: Editora Harbra, 2001.
 TOLEDO, G. L.; OVALLE, I. I. *Estatística básica*, 3ª Edição. São Paulo: Editora Atlas 1991.
 BARBETA, Pedro Alberto. *Estatística Aplicada às Ciências Sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOPES, Paulo Afonso. - *Probabilidade & Estatística (Conceitos, Modelos, Aplicações em Excel)* - Reichmann & Affonso Editores, 1999.
 TRIOLA, Mário F. - *Introdução à Estatística* - Editora LTC, 2005.
 MONTGOMERY, Douglas C. & RUNGER, George C. – *Estatística Aplicada e Probabilidade para Engenheiros*. LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., segunda edição, Rio de Janeiro, 2003.

EMENTA

TC0703 – Topografia

Introdução, definições, divisões e Normas; Forma e Dimensão da Terra, Sistemas de Coordenadas, Projeção cartográfica UTM; Desenho Topográfico; Introdução à teoria dos erros; Grandezas Angulares e Lineares, Áreas e Volumes; Levantamentos Planimétricos; Levantamentos Altimétricos; Levantamento planialtimétrico; Introdução à Locação de Obras

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABNT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (1994). *NBR 13133- Execução de*

Levantamento Topográfico-procedimento. Rio de Janeiro;
 DA SILVA, C.A.U. (2011) *Notas de aula Topografia para Engenharia Civil, Apostila digital UFC;*
 ERBA, D. A. et al. (2003). *Topografia Para Estudantes de Arquitetura, Engenharia e Geologia.*
 IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Geociências Disponível em:* http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#geociencias. 01/08/2011
 VEIGA, L. A. K et al (2007), *Fundamentos de Topografia. Apostila UFPR;*

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORGES, A.C. (1992) *Exercícios de Topografia – Ed. Edgard Blucher, São Paulo.*
 BORGES, A.C. (1992) *Topografia, Vol. 1 e 2 – Ed. Edgard Blucher, São Paulo.*
 CARDÃO, C. (1980) *Topografia, 2ª Edição.*
 COMASTRI, J.A. (1992). *Topografia – Planimetria. UFV, Imprensa Universitária, Viçosa , Minas Gerais*
 DOMINGUES, F. A.A. (1979). *Topografia e Astronomia de Posição para Engenheiros e Arquitetos. Editora Mc Graw-Hill do Brasil, São Paulo.*
 ESPARTEL, L. (1985) *Curso de Topografia 7ª Edição.*
 GARCIA, G. J.; PIEDADE, G. C. R. (1984). *Topografia Aplicada as Ciências Agrárias, Editora Nobel, São Paulo.*
 LOCH, C.; CORDINI, J. (1995) *Topografia Contemporânea. Editora da UFSC, Santa Catarina.*

EMENTA

CJ0089 – Tópicos Especiais

Possibilita a discussão geográfica de diferentes temas em Geografia. Passível de ser oferecida por docente interessado em ministrar conteúdos não abordados por outras disciplinas presentes na matriz.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1995.*
 SILVA, J. B. da; DANTAS, E. W. C.; Zanella, M. E.; MEIRELES, A. J. de A. (orgs.). *Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.*
 AB'SABER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo, Ateliê Editorial, 2005.*

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HAESBAERT, R. *Regional-global: dilemas da região e da globalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2010.*

MENDONCA, F. A. Geografia Física: Ciência Humana? 4ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DANTAS, E. W. C. Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral. 2ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

ROSS, J. L. S. Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de textos, 2006.

SERPA, A. (org). Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

EMENTA

AE0330 – Introdução à Oceanografia.

Definição, histórico e perspectiva da oceanografia. Origem dos oceanos, topografia e aspectos da geomorfologia do assoalho oceânico. A origem da água e as propriedades químicas e físico-químicas da água do mar. Os gases dissolvidos na água. Constituintes principais e nutrientes dissolvidos na água. Produção primária. Interação entre a atmosfera e oceano. O Balanço térmico, transporte de calor e a termoclima. As correntes de superfície e profundas. As ondas de superfície e as internas. As marés. O ambiente litorâneo e a Dinâmica das praias. Estuário e manguezais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAPURRO, L. R. A. , 1970. **Oceanography for Practicing Engineers**. Barnes & Noble, New York.

DAVIS, R. A. Jr. , 1972. **Principles of Oceanography**. Addison-Wesley Publishing Company, 434 p. Massachusetts.

HULL, M. N., 1982. **The Sea**. Robert E. Krieger publishing Company, 3 v., Flórida.

MCLELIAN, H. J., 1965. **Elemnts of Physical Oceanografia**. EDUSP & Nova Stella Editorial, 35 p., São Paulo.

PANZARINI, R. N., 1967. **Compêndio de Oceanografia Física**. Instituto de Publicaciones Navaties, 343 p., Buenos Aires.

PICKARD, G. L., 1979 **Descriptive Physical Oceanography**. Pergamon Press 266 p., Oxford.

ROSS, A., 1970. **Introduction to Oceanography**. Meredith Coporation, 384 p., New York.

STOWE, K., 1987 **Essentials of Ocean Science**. Jonh Wiley & Sons, 353 p., New York.

SVERDRUP, H. V. et alli., 1967 **The Oceans**. Prentice - Hall. 1087 p.

THOMAS, M. L. H., 1976 **Introducing the Sea**. The Huntsman Marine Laboratory, 112p., St. Andrews.

WEYL, P. K., 1971 **Oceanography an Introduction to the Marine Environment**. Jonh Wiley el Sons, Inc., 535 p., New York

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

INGMANSOM, D. E. & WALLACE, W. - 1995. **Oceonography: an introduction**. Wadsworth Pub. 445 p. 5ª Ed. ISBN 0534242588.

WELLO, N. 1997. **The atmophere and Ocean: A Physical introduction**. John Wiley 404 p. 2ª Ed. ISBN 0471962163.

PILSON, M. E. Q.- 1998. **Introduction to Chemistry of the Sea**. Prentice Hall, 431pp. ISBN 0132589710.

THURMAN, H.V. & TRUFILLO, A .P.- 1998. **Essentials & oceanography**. Prentice Hall, 527 p. 6ª Ed. ISBN 01372734487.

EMENTA

CB0685 – Matemática para Geografia.

Conceito de esfera e elipsoide; Interpolação Linear (Inserção de valores entre dois pontos extremos). Sistemas de Coordenadas Cartesianas – bi e tridimensionais. Trigonometria – Relação no triângulo-retângulo. Cálculo de área de figuras geométricas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SILVA, Sebastiao Medeiros da; SILVA, Elio Medeiros da; SILVA, Ermes Medeiros da. Matemática básica para cursos superiores. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

BARBOSA, Celso A. S – Cálculo diferencial e integral. Vol.1. Fortaleza: Ed. Realce, 2007.

BARROSO, Leônidas et ali – Cálculo numérico. Ed. Harbra

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALENCAR FILHO, Edgard de. Iniciação a lógica matemática. 21. ed. São Paulo: Nobel, 1990. 203 p. ISBN 9788521304036.

MENEZES, Paulo Blauth; TOSCANI, Laira V.; GARCÍA LÓPEZ, Javier. Aprendendo matemática discreta com exercícios. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009. 356p. ((Livros didáticos informática ufrgs ; v. 19)). ISBN 9788577804719 (broch.).

MENEZES, Paulo Blauth; UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Matemática discreta para computação e informática. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010. 350 p (Livros didáticos. 16).

ROSEN, Kenneth H. Matemática discreta e suas aplicações. 6. ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill, 2009. xxi, 982 p. ISBN 9788577260362 (broch.).

SCHEINERMAN, Edward R. Matemática discreta: uma introdução. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 573 p. ISBN 9788522107964 (broch.).

EMENTA

AB0068 – Sociologia do Desenvolvimento Rural.

Estudo, discussão e aprofundamento das tendências atuais na área do desenvolvimento rural no mundo, América latina e Brasil. Pressupostos teóricos norteadores dos vários programas de desenvolvimento rural no mundo e Brasil. Contato e discussão de experiências em desenvolvimento rural já implementados no Brasil, destacando o caso do Nordeste brasileiro. Os assuntos tratados serão: elementos conceituais; o desenvolvimento nos países “pobres”; as questões político-sociais do desenvolvimento rural (Mundo, Brasil e Nordeste) e as Novas tendências no desenvolvimento rural.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAMOVAY, R. O futuro das regiões rurais. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. Reconstruindo a agricultura: ideias e ideias na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 3 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.3, p.70-85, jul./set. 2002.

CONTERATO, M. A.; FILIPI, E. E. Teorias do desenvolvimento. Série EAD. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FAVARETO, A. Paradigmas do desenvolvimento rural em questão. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2007.

FROELICH, V. D.; DIESEL, V. Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos. 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

MOREIRA, R. J. Críticas ambientalistas à Revolução Verde. Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro, 2000.

MULLER, G. Complexo agroindustrial e modernização agrária. São Paulo: Hucitec, 1989.

NIEDERLE, P. A.; RADOMSKY, G. F. W. (Org.). Introdução às teorias do desenvolvimento. SEAD. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

SACHS, I. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. Estudos Avançados. v.9, n.25. São Paulo: Edusp, 1995.

SACHS, W. (Ed.). Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Org.). Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SEVILLA GUZMÁN, E. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.2, n.1, jan./mar. 2001.

SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SILVA, J. G. da. Modernização dolorosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VEIGA, J. E. da. Desenvolvimento sustentável: O desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, J. (Org.). A modernização da agricultura. Série EAD. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CARDOSO, F. H. As ideias e seu lugar: ensaio sobre as teorias do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1993.

DIEGUES, A. C. S. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.6, n.1-2, jan./jun. 1992.

GOODMAN, D.; SORJ, B.; WILKINSON, J. Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional. 2 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

JOLLIVET, M. A “vocação atual” da Sociologia Rural. Estudos Sociedade e Agricultura. n.11. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, Nov. 1998.

KAGEYAMA, A. Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MARTINS, J. S. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. Estudos Sociedade e Agricultura. n.15. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, Out. 2000.

MOREIRA, R. J. Agricultura familiar: processos sociais e competitividade. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ORTEGA, A. C.; ALMEIDA FILHO, N (Org.). Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

SACHS, I. Desenvolvimento: Incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SEN, A. O desenvolvimento como expansão de capacidades. Lua Nova. São Paulo, n. 28-29, pp. 313-334, Abril, 1993.

SCHNEIDER, S. Da crise da Sociologia Rural à emergência da Sociologia da Agricultura: reflexões a partir da experiência norte-americana. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília, v. 14, p. 225-256, 1997.

SILVA, J. G. da; DEL GROSSI, M.; CAMPANHOLA, C. O que há de realmente novo no rural brasileiro. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.19; n.1 p. 37-67. jan./abr. 2002.

SORJ, B. Estado e classes sociais na agricultura brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

WILKINSON, J. O Estado, a agroindústria e a pequena produção. São Paulo: Hucitec, 1986.

EMENTA

AB0076 – Estatística básica.

Estatística descritiva: Distribuições de probabilidade. Amostragem. Distribuições amostrais. Inferência: estimação em testes de hipóteses. Correlação e regressão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, D. F.; OGLIARI, P. J. Estatística para as ciências agrárias e biológicas: com noções de experimentação. Editora da UFSC. Florianópolis. 1ª edição, 2007. 432p

SARTORIS, Alexandre. Estatística e introdução à econometria. São Paulo, SP: Saraiva, 2003. 426p.

MARTINS, Gilberto de Andrade; DOMINGUES, Osmar. Estatística geral e aplicada. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2014. 399 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. Estatística básica. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1985. 459 p.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. Curso de Estatística. Editora Atlas. São Paulo. 6ª edição, 1996, 320 p.

STEVENSON, W. J. Estatística Aplicada a Administração. Harbra. 2001.

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008. 696 p.

BUSSAB, W.O. e MORETTIN, P.A. (2010). Estatística Básica, 6a edição. Saraiva: São Paulo.

EMENTA

TG0455 – Planejamento Urbano e Regional I.

Objetiva oferecer um alicerce teórico de planejamento urbano, através de conceitos básicos e de estudo metodológico, orientado em função do trabalho prático a ser desenvolvido durante o semestre letivo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMPOS FILHO, Cândido Malta - Cidades brasileiras: seu controle ou caos. Editora Nobel, Coleção Cidade Aberta, São Paulo, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri - A Cidade. Editora Contexto, Coleção Repensando a Geografia, São Paulo, 1992.

FERRARI, Célson - Curso de planejamento municipal integrado. Livraria Pioneira Editora, Coleção Mackenzie, São Paulo, 1977.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA - Lei Orgânica do Município de Fortaleza. Fortaleza, 1990.

CARTAXO FILHO, Joaquim e outros - A Carta de Fortaleza. Edição IAB/CE e ADUFC, Fortaleza, 1992.

CONGRESSO NACIONAL - Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1998.

COVRE, Maria de Lourdes Manizini - O que é cidadania. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, Nº 250, São Paulo, 1991.

GRAEFF, Edgar Albuquerque - Ciência do espaço habitado e políticas. In: Revista da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Nº 01, Brasília, janeiro de 1988. - Cultura e Arquitetura. In: Revista da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Nº 01, Brasília, 1988.

LEMOS, Carlos - O que é arquitetura. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, São Paulo, 1980.

PINHEIRO, Ângela e outros - Fortaleza - Cidade fragmentada. Edição ADUFC, AGB/FORTALEZA, IAB/CE, IMOPEC, Fortaleza, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA - Lei Nº 7.987 que trata do uso e ocupação do solo de Fortaleza. Fortaleza, 1986. Lei Nº 7.061 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza, PDDU/FOR. Fortaleza, 1992. Plano Plurianual. Fortaleza, 1997. Síntese Diagnóstica do PDDU/FOR. Fortaleza, 1991.

RODRIGUES, Ferdinando Moura - Desenho urbano: cabeça, campo e prancheta. Projetos Editores, São Paulo, 1986.

ROLINIK, Raquel - O que é cidade. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, Nº 203, São Paulo, 1998.

SERRA, Geraldo - O Espaço natural e a forma urbana. Editora Nobel, São Paulo, 1987.

COSTA Lúcio - Considerações sobre o ensino da arquitetura. In: Sobre Arquitetura, CEUA, Porto Alegre, 1962.

FERREIRA, Whitaker Francisco - Planejamento sim e não. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

GONZALES, Suely Franco - Considerações em torno do planejamento urbano. In: Revista Brasileira de Planejamento Nº 1 Instituto Brasileiro de Planejamento, Porto Alegre, 1976.

MERA, Adina - Planejamento e urbanismo. Palestra proferida aos estudantes da Faculdade Nacional de Arquitetura. Abril de 1961.

EMENTA

DB0103 – Direito Ambiental.

Direito ambiental na constituição Federal. Sistema Nacional do Meio ambiente. Zoneamento Ambiental. Dano ecológico: responsabilidade, reparação e meios processuais para defesa ambiental. Aspectos jurídicos da poluição, das áreas de preservação permanente da flora, da fauna e da proteção da zona costeira. Dano nuclear: prevenção e responsabilidade. Tombamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Paulo de Bessa. Direito ambiental. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.

_____. Manual de Direito Ambiental: (Discussão de Casos para Cursos Universitários com Provas de Concursos). 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2011.

BELCHIOR, Germana Parente Neiva. *Hermenêutica Jurídica Ambiental*. São Paulo: Saraiva, 2011.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes e LEITE, José Rubens Morato (organizadores). *Direito Constitucional Ambiental Brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2007.

FIORILLO, Celso Antonio. *Curso de direito ambiental brasileiro*. 10.ed. São Paulo: Saraiva 2009.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. *Direito ambiental brasileiro*. 17. ed. São Paulo. Malheiros 2009.

MILARÉ, Édis. *Direito do ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário*. 6.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

SILVA, José Afonso. *Direito ambiental constitucional*. 7.ed. São Paulo: Malheiros, 2009.

SÉGUIN, Elida. *O Direito Ambiental: nossa casa planetária*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. *Manual de Direito Ambiental*. 7. ed. São Paulo. Saraiva, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AHMED, Flávio e COUTINHO, Ronaldo (coordenadores). *Cidades Sustentáveis no Brasil e sua Tutela Jurídica*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2009.

ÁVILA, EDNA LEITE e ALMEIDA, F. MONTEIRO. *O Estudo do impacto ambiental. Licenciamento, Responsabilidade Criminal*. Revista do Ministério Público. Porto Alegre-RS.

AZEVEDO, ÁLVARO VILLAÇA. *Proposta de Classificação da Responsabilidade Objetiva: Pura e Impura*. São Paulo: Revista dos Tribunais.

BENJAMIN, Antonio Hermam. *Estudo do impacto ambiental e Ministério Público*. 7o Congresso Nacional do Ministério Público, Belo Horizonte. AAMP/CONAMP.

_____. *Os princípios do estudo do impacto ambiental como limites da discricionariedade administrativa*. Rio de Janeiro: Revista Forense.

CAPPELLI, Silvia. *O Estudo do Impacto Ambiental na realidade brasileira*. Rio Grande do Sul. Revista do Ministério Público no 27.

BONAVIDES, Paulo. *Curso de Direito Constitucional*. 7. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1997.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes. *Direito Constitucional*. 4. ed. Coimbra: Almedina, 1989.

COUTINHO, Ronaldo e ROCCO, Rogério (organizadores). *O Direito Ambiental das Cidades*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2009.

CRUZ, Paulo Márcio; BODNAR, Zenildo. *Pensar Globalmente y actuar localmente: El Estado Transnacional Ambiental de Ulrich Beck*. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2008.

CUNHA, Sandra Baptista da e GUERRA, Antonio José Teixeira (organizadores). *Avaliação e Perícia Ambiental*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2010.

DANTAS, Marcelo Buzaglo; SÉGUIN, Élida; e AHMED, Flávio (coordenadores). *O Direito Ambiental na Atualidade: Estudos em Homenagem a Guilherme Purvin de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris: 2010.

FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de. *A Propriedade no Direito Ambiental*. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

GORDILHO, Heron José de Santana. Direito Ambiental Pós-moderno. Curitiba: Juruá, 2009.

GUERRA FILHO, Willis Santiago. Introdução ao Direito Processual Constitucional. Porto Alegre: Síntese, 1999.

MILARÉ, Édis. A gestão ambiental em foco. 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

MORAES, Alexandre de. Direito Constitucional. 24. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MAZZILLIA, Hugo Nigro. Defesa dos interesses difusos em juízo: meio ambiente, consumidor, patrimônio cultural e outros interesses. 18. ed. rev. ampl. atual. São Paulo: Saraiva, 2005.

OLIVEIRA, Claudia Alves de. Meio Ambiente Cotidiano: A Qualidade de Vida na Cidade. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora: 2008.

OLIVEIRA, Fabiano Melo Gonçalves de. Difusos e Coletivos: Direito Ambiental. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

PROCOPIO, Argemiro. Subdesenvolvimento Sustentável. 4. Ed. Curitiba: Juruá Editora: 2009.

SARNO, Daniela Campos Libório Di; DALLARI, Adilson de Abreu. Direito urbanístico e ambiental. São Paulo: Fórum, 2007.

SILVA, José Afonso da. Direito Ambiental Constitucional. 6. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2007.

_____. Curso de Direito Constitucional Positivo. 24. ed. São Paulo: Malheiros, 2005.

SOARES, Virgínia Prado Soares. Meio Ambiente e orçamento público in Desafios do Direito Ambiental no século XXI: estudos em homenagem a Paulo Affonso Leme Machado. São Paulo: Malheiros Editores, 2005.

TEIXEIRA, Maiana Maia; RIGOTTO, Rachel Maria. O Estado e a acumulação de capital: a expansão do agronegócio e de seus impactos socioambientais - sobre os ombros de gigantes benefícios estatais. Fortaleza: UFC, 2010.

TEIXEIRA, Maiana Maia; RIGOTTO, Rachel Maria; CARNEIRO, Fernando Ferreira. A mão que afaga é a mesma que apedreja: incentivos do Estado à expansão do agronegócio no campo e aos impactos na saúde, ambiente e trabalho. Fortaleza: UFC, 2010.

KISHI, Sandra Akemi Shimada ; SILVA, Solange Teles da ; e SOARES, Inês Virgínia Prado (organizadoras). Desafios do Direito Ambiental no século XXI: estudos em homenagem a Paulo Affonso Leme Machado. São Paulo: Malheiros Editores, 2005.

EMENTA

HD0754 - Introdução à Antropologia.

Natureza e objeto da Antropologia. a Paleontologia humana e a teoria da evolução. Antropologia biológica e Antropologia cultural. Sociedade e cultura. Fundamentos de organização social. Entendimento e etnocentrismo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Paulo de Bessa. Direito ambiental. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.

_____. Manual de Direito Ambiental: (Discussão de Casos para Cursos Universitários com Provas de Concursos). 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2011.

BELCHIOR, Germana Parente Neiva. *Hermenêutica Jurídica Ambiental*. São Paulo: Saraiva, 2011.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes e LEITE, José Rubens Morato (organizadores). *Direito Constitucional Ambiental Brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2007.

FIORILLO, Celso Antonio. *Curso de direito ambiental brasileiro*. 10.ed. São Paulo: Saraiva 2009.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. *Direito ambiental brasileiro*. 17. ed. São Paulo. Malheiros 2009.

MILARÉ, Édis. *Direito do ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário*. 6.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

SILVA, José Afonso. *Direito ambiental constitucional*. 7.ed. São Paulo: Malheiros, 2009.

SÉGUIN, Elida. *O Direito Ambiental: nossa casa planetária*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. *Manual de Direito Ambiental*. 7. ed. São Paulo. Saraiva, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Aszcona, Jesús. *Antropologia I e II*. Petrópolis, Vozes, 1992.

Blikstein, Izidoro. *Kaspar hauser ou a fabricação da realidade*. Rio de Janeiro, Cultrix, 1985.

Cardoso, Ruth. *A aventura antropológica*. São Paulo, Paz e terra, 1988.

Da Matta, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, Vozes, 1981.

Durhan, Eunice. *A caminho da cidade*. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1973.

Enciclopédia Conhecer Enciclopédia Delta Larousse

Hoebel, Adamson e Frost. *Antropologia cultural e social*. São Paulo, Cultrix, 1981.

Laplantine, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo, brasiliense, 3a edição, 1a edição 1988.

Mello, Luiz Gonzaga. *Antropologia Cultural*. Petrópolis, Vozes, 1987.

Mercier, Paul. *História da antropologia*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

Montagu, Ashley. *Introdução à antropologia*. São Paulo, editora Cultrix, 2a edição, 1a edição 1969.

Oliven, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1985.

Rodrigues, Rosicler Martins. *O homem na pré-história*. São Paulo, Moderna, 1997.

UNESCO. *As origens do homem*. Rio de Janeiro, FGV, 1975.

Zaluar,Alba. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1980.

EMENTA

HD0754 – Introdução à Antropologia.

Natureza e objeto da Antropologia. a Paleontologia humana e a teoria da evolução. Antropologia biológica e Antropologia cultural. Sociedade e cultura. Fundamentos de organização social. Entendimento e etnocentrismo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Paulo de Bessa. Direito ambiental. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.

_____. Manual de Direito Ambiental: (Discussão de Casos para Cursos Universitários com Provas de Concursos). 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2011.

BELCHIOR, Germana Parente Neiva. Hermenêutica Jurídica Ambiental. São Paulo: Saraiva, 2011.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes e LEITE, José Rubens Morato (organizadores). Direito Constitucional Ambiental Brasileiro. São Paulo: Saraiva, 2007.

FIORILLO, Celso Antonio. Curso de direito ambiental brasileiro. 10.ed. São Paulo: Saraiva 2009.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. Direito ambiental brasileiro. 17. ed. São Paulo. Malheiros 2009.

MILARÉ, Édis. Direito do ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário. 6.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

SILVA, José Afonso. Direito ambiental constitucional. 7.ed. São Paulo: Malheiros, 2009.

SÉGUIN, Elida. O Direito Ambiental: nossa casa planetária. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. Manual de Direito Ambiental. 7. ed. São Paulo. Saraiva, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Aszcona, Jesús. Antropologia I e II. Petrópolis, Vozes, 1992.

Blikstein, Izidoro. Kaspar hauser ou a fabricação da realidade. Rio de Janeiro, Cultrix, 1985.

Cardoso, Ruth. A aventura antropológica. São Paulo, Paz e terra, 1988.

Da Matta, Roberto. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis, Vozes, 1981.

Durhan, Eunice. A caminho da cidade. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1973.

Enciclopédia Conhecer Enciclopédia Delta Larousse

Hoebel, Adamson e Frost. Antropologia cultural e social. São Paulo, Cultrix, 1981.

Laplantine, François. Aprender Antropologia. São Paulo, brasiliense, 3a edição, 1a edição 1988.

Mello, Luiz Gonzaga. Antropologia Cultural. Petrópolis, Vozes, 1987.

Mercier, Paul. História da antropologia. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

Montagu, Ashley. Introdução à antropologia. São Paulo, editora Cultrix, 2a edição, 1a edição 1969.

Oliven, Ruben George. A antropologia de grupos urbanos. Petrópolis, Vozes, 1985.

Rodrigues, Rosicler Martins. O homem na pré-história. São Paulo, Moderna, 1997.

UNESCO. As origens do homem. Rio de Janeiro, FGV, 1975.

Zaluar, Alba. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1980.

EMENTA

HD0789 – Cultura Brasileira.

A perspectiva antropológica e o conceito de cultura. Formação, estrutura e organização sociais no Brasil. Fundamentos da cultura e da sociedade brasileiras. Influências de outras culturas na construção do "ethos" brasileiro. Vida social e manifestações da cultura brasileira.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987, p. 7-15. GOMES, Mércio.

Os índios e o Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988, p. 37-63.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 55-94.

RIBEIRO, Darcy, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 19-26.

SCHWARCZ, Lilia M. e REIS, Letícia (org.). *Negras imagens*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 11-29. SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 19-46.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar editor / Editora da UFRJ, 1995, p. 109-144.

BATALHA, Cláudio e outros (org.). *Culturas de classe*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 121-163.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 213-230.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AYALA, M. Ignez. *No arranco do grito (aspectos da cantoria nordestina)*. SP: Ática, 1988.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*, 9ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CARVALHO, Gilmar. *Artes da tradição: mestres do povo*. Fortaleza: Edições UFC, 2005. CASCUDO, L. da C. *Antologia da alimentação*.

CUCHE, D. *A noção de cultura em ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DA MATTA, R. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & senzala*, 52ª edição. São Paulo: Global, 2013.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio Janeiro: DP & A, 2000.

LOPES, A. Herculano (org.). *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Fund. Casa de Rui Barbosa, 2000, p. 99-109.

LOPES, Régis. *Padre Cícero*. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 2000.

MAGNANI, José G. Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: HUCITEC/Editora da UNESP, 1998.

MARTINS, J. de S. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

OLIVEN, Ruben G. "Cultura e classe em cidades brasileiras", in: *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

OLIVEN, Ruben G. *A parte e o todo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992, p. 31-45.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PORDEUS JÚNIOR, I. *Umbanda: Ceará em transe*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

RIBEIRO, Darcy, *Os brasileiros: 1. teoria do Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

RIBEIRO, Darcy, *Sobre o óbvio*. Rio de Janeiro: editora Guanabara, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VELLOSO, Mônica. *Que cara tem o Brasil?: culturas e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

EMENTA

IUV0001 – Tecnodocência.

Abordagens científicas contemporâneas. Teoria de Fluxo. Planejamento e Plano de Aula. Aprendizagem Significativa. Abordagens metodológicas vinculadas às tecnologias e TDIC. Prática docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARCHÉ INTERDISCIPLINAR. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Candido Mendes, 1992-. . ISSN 0104-0928

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Didática e interdisciplinaridade. 11.ed. Campinas: Papirus, 2006. 192p. (Praxis) ISBN 853080502X (broch.).

MOREIRA, Marco Antonio. A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: UnB, 2006. 185p. ISBN 8523008268 (broch.)

PAPERT, Seymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artmed, 2008. 220p. (Biblioteca Artmed) ISBN 9788536310589 (broch.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO, Juan Miguel (Org.). Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente. Rio de Janeiro, RJ: Walk, 2010. 258 p. ISBN 9788578540883 (broch.).

MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana, 2008. 302 p. ISBN 9788588262171 (broch.).

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 343 p. ISBN 9788532627919 (broch.).

MASINI, Elcie F. Salzano (Elcie Fortes Salzano). Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa. São Paulo: Unimarco: c1994. Loyola, 183p. ISBN 8515010062

VALENTE, José Armando. Formação de professores para o uso da informática na escola. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2003. 203 p.: ISBN 8588833034 (broch.)

EMENTA

IUV0002 – Tecnodocência EAD.

Abordagens científicas contemporâneas. Teoria de Fluxo. Planejamento e Plano de Aula. Aprendizagem Significativa. Abordagens metodológicas vinculadas às tecnologias e TDIC. Prática docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARCHÉ INTERDISCIPLINAR. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Candido Mendes, 1992-. . ISSN 0104-0928

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Didática e interdisciplinaridade. 11.ed. Campinas: Papyrus, 2006. 192p. (Praxis) ISBN 853080502X (broch.).

MOREIRA, Marco Antonio. A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: UnB, 2006. 185p. ISBN 8523008268 (broch.)

PAPERT, Seymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artmed, 2008. 220p. (Biblioteca Artmed) ISBN 9788536310589 (broch.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO, Juan Miguel (Org.). Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente. Rio de Janeiro, RJ: Walk, 2010. 258 p. ISBN 9788578540883 (broch.).

MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana, 2008. 302 p. ISBN 9788588262171 (broch.).

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 343 p. ISBN 9788532627919 (broch.).

MASINI, Elcie F. Salzano (Elcie Fortes Salzano). Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa. São Paulo: Unimarco: c1994. Loyola, 183p. ISBN 8515010062

VALENTE, José Armando. Formação de professores para o uso da informática na escola. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2003. 203 p.: ISBN 8588833034 (broch.)

EMENTA**PC0208 – Didática I.**

Educação e didática na realidade contemporânea: o professor, o estudante e o conhecimento. A natureza do trabalho docente. Concepções de ensino. A sala de aula e seus eventos. Planejamento e gestão do processo de ensino-aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL – MEC , Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1998.

BRASIL – MEC , Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1999

LIBANELO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

LIBANELO, José Carlos. Profissão Professor ou Adeus Professor, Adeus Professora? Exigências educacionais contemporâneas e novas atitudes docentes. In: LIBANELO, José Carlos. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LOPES, Antônia O. O Planejamento numa Perspectiva Crítica de Educação. In: VEIGA, Ilma P. A. Repensando a Didática. Campinas, SP: Papirus, 1991.

LUCKESI, Cipriano C. Verificação ou Avaliação o que Pratica a Escola? In: LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez, 1995.

MORETTO, Vasco Pedro. Construtivismo – A produção do conhecimento em aula. Rio de Janeiro: DpeA, 1999.

PASSOS, Carmensita. Didática: Breve Incursão Histórica em Busca da Identidade. Texto Digitado, 1999.

PASSOS, Carmensita. Trabalho Docente: características e especificidades. Texto Digitado, Fortaleza, 2000.

FAZENDA, Ivani. (org.) Práticas Interdisciplinares na Escola. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio da Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SACRISTÁN, Gimeno J. e PÉREZ GOMES, A. I. Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VEIGA, Ilma P. A. Didática uma Retrospectiva Histórica. In: VEIGA, Ilma P. A. Repensando a Didática. Campinas, SP: Papirus, 1991

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa Como Ensinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESTEBAN, Maria Tereza (org.) Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DPeA, 1999.

GENTILI, Pablo. O Consenso de Washington e a crise da educação na América Latina. In: GENTILI, Pablo. A Falsificação do Consenso. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GARCIA, Regina Leite. A Educação Escolar na Virada do Século. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.) Escola Básica na Virada do Século. São Paulo: Cortez, 2000.

KUENZER, Acácia. Globalização e Educação. In: Anais do IX ENDIPE. Águas de Lindóia, SP, 1998.

KUENZER, Acácia Zeneida. Educação, Linguagens e Tecnologias: mudanças no mundo do trabalho e as relações entre conhecimento e método. In: Anais do X ENDIPE, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

OLIVEIRA, Maria Rita N. S.; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. A Prática do Ensino de Didática no Brasil: introduzindo a temática. In: OLIVEIRA, Maria Rita N. S.; ANDRÉ, Marli Eliza D. A.. Alternativas do Ensino de Didática. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SACRISTÁN, Gimeno J. e PÉREZ GOMES, A. I. Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
VASCONCELLOS, Celso dos S. A Construção do Conhecimento em Sala de Aula. São Paulo: Cadernos Libertad, 1995.

EMENTA

PC0353 – Educação em Direitos Humanos.

Direitos Humanos, democratização da sociedade, cultura de paz e cidadanias. O nascituro, a criança e o adolescente como sujeitos de direito: perspectiva histórica e legal. O ECA e a rede de proteção integral. Educação em direitos humanos na escola: princípios orientadores e metodologias. O direito à educação como direito humano potencializador de outros direitos. Movimentos, instituições e redes em defesa do direito à educação. Igualdade e diversidade: direito à livre orientação sexual, direitos das pessoas com deficiência, direito à opção religiosa e direitos ligados à diversidade étnicorracial. Os direitos humanos de crianças e de adolescentes nos meios de comunicação, nos livros didáticos e nas mídias digitais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/90)**. Brasília, 2008.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96)**. Brasília, 1996.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

FERREIRA, Lúcia de Fátima G.; ZENAIDE, Maria de N. T. E DIAS, Adelaide Alves (Orgs). **Direitos humanos na educação superior: subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia**. João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2010.

JARES, Xesus R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MOTA, Maria Dolores de Brito et al. **A Escola diz não à violência**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Educação em Direitos Humanos**. Material Instrucional do Curso de Pedagogia Semipresencial da UFC. Fortaleza, 2012.

PEREIRA, Lucia. Ludicidade: algumas reflexões. IN Porto, B. **Ludicidade: o que é mesmo isso?** Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, PPGE, GEPEL, 2002.

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: MEC/MJ/UNESCO, 2009. Projeto de Lei nº 478/2007. Dispõe sobre o Estatuto do Nascituro e dá outras providências. Comissão de Seguridade Social e Família. Brasília, 2010.

RAYO, José Tuvilla. **Educação em direitos humanos: rumo a uma perspectiva global**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

EMENTA

HLL0077 – Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Fundamentos histórico culturais da Libras e suas relações com a educação dos surdos. Parâmetros e traços linguísticos da Libras. Cultura e identidades surdas. Alfabeto datilológico. Expressões não-manuais. Uso do espaço. Classificadores. Vocabulário da Libras em contextos diversos. Diálogos em língua de sinais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAPOVILLA, Fernando. C; RAPHAEL, Walkyria. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais. 3ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2008

FELIPE, Tânia Amara. Libras em Contexto: curso básico. Brasília: MEC/SEESP, 2007

LABORIT, Emmanuelle. O Vôo da Gaivota. Best Seller, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

FERREIRA-BRITO, L. Por uma gramática da língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BOTELHO, P. Segredos e silêncios na educação dos surdos. Belo Horizonte: Atlântica, 1998.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

EMENTA

PD0074 – História dos Afrodescendentes no Brasil.

Conceitos de africanidades, afrodescendência e negritude. As origens africanas. As nações africanas representadas na sociedade escravista brasileira. O sistema

escravista no Brasil e no Ceará. Inscrições civilizatórias e aportes tecnológicos dos africanos à formação social e cultural do Brasil e do Ceará. Quilombos, rebeliões de africanos e afrodescendentes e lutas pela Abolição. A situação da população negra no pós-abolição, no Brasil e no Ceará. Os movimentos sociais negros hoje e as reivindicações educacionais da população afrodescendente. Personalidades africanas, afrodescendentes e da diáspora negra que se destacaram em diferentes áreas do conhecimento. Legados dos afrodescendentes no Brasil e no Ceará.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. (2006). Uma história do negro no Brasil / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320p. ISBN: 85-88070-022.
- ALTUNA, Raul Luiz. Cultura tradicional Banta. São Paulo: Edições Paulinas. 2006.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. Folhas Sagradas: as Plantas Litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros. Recife: Editora da UFPE, 1997.
- DEBRUN, Michel. (1990). A identidade nacional brasileira. Estud. av. vol.4, no. 8 São Paulo Jan./Apr. 1990.
- CAMARGO, Maria Thereza L. de Arruda. Plantas medicinais e rituais afro-brasileiros II: Estudo etnofarmacobotânico. São Paulo: Ícone editora. 1998.
- CUNHA JUNIOR, H.. Nós, afro-descendentes: História africana e afrodescendente na cultura brasileira.. In: SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - MEC. (Org.). História da Educação do negro e outras histórias. 1ed.Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO, 2005, v. 1, p. 249-273.
- CUNHA JUNIOR, H.. Afrodescendência e Africanidades: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. Interfaces de Saberes (FAFICA. Online), v. 1, p. 14-24, 2013..
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologia africana na formação histórica do Brasil. 2010.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Crítica ao pensamento das senzalas e da casa grande. Revista Espaço Acadêmico. Número 150. Novembro de 2013. Pp. 84-100.
- CUNHA JUNIOR, H.. NTU. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 9, p. 81-91, 2010.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Afroetnomatemática: da filosofia africana ao ensino de matemática pela arte. Revista ABPN, v. 22, p. 170-122, 2017.
- CUNHA JUNIOR, H.. Olhando pela janela e vendo às árvores africanas: As relações Brasil - África. Continuidades e permanências da África no Mundo Atlântico. In: Sandra Haydee Petit; Geranilde Costa e Silva. (Org.). Memórias de Baobá. 1ed.Fortaleza: Editora da UFC, 2012, v. 1, p. 119-130.
- MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória. Editora Perspectiva. 1995.
- GOMES, Flávio dos Santos (1995). Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional. 1995.
- MOURA, Clovis. (1959 primeira edição) (2014 – quinta edição). Rebeliões na Senzala. Editora Anita Garibaldi, em parceria com a Fundação Mauricio Grabois. 2014.
- MUNANGA, Kabengele. (2005-2006) Algumas considerações sobre raça, ações afirmativa e identidade negra no Brasil: Fundamentos antropológicos. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

SANTOS FILHO, Gabriel dos (2012). O catolicismo brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade: um olhar socioantropológico sobre a Pastoral. Afro-Brasileira. Salvador-BA: EDUFBA. 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CALACA, M. C. F. ; CUNHA JUNIOR, H. . Embu das Artes: Cidade de Urbanização Pela Arte Afrodescendente. In: Henrique Cunha Junior; Estanislau Bie. (Org.). Bairros Negros Cidades Negras. 1ed.Fortaleza: Via Dourada, 2019, v. 1, p. 45-78.

CUNHA JUNIOR, H.. Bairros Negros : A Forma Urbana das Populações Negras no Brasil. Revista ABPN, v. 11, p. 65-86, 2019.

CUNHA JUNIOR, H.. Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras. Política Democrática (Brasília), v. VII, p. 118-127, 2008.

CUNHA JUNIOR, H.. Abolição Inacabada e a Educação dos Afrodescendentes. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. VIII, p. 1-8, 2008.

CUNHA JUNIOR, H.; MENEZES, Marizilda dos Santos . Geometria Fractal: O encontro entre o tradicional e o novo na cultura africana e afrodescendente. In: International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design, 2003, Santa Cruz do Sul. Graphica 2003, 2003.30.

CUNHA JUNIOR, H.; GOMES, A. B. S. . A educação dos afrodescendentes na visão dos movimentos negros. In: EPN N-Encontro de pós-graduação em Educação do Norte e Nordeste, 2003, São Cristóvão. Encontro de Pós-graduação do Norte e Nordeste. São Cristóvão: UFSE, 2003.

DE JESUS, T. S. ; CUNHA JUNIOR, H. . Bairros Negros: Patrimônio Cultural Negro em Fortaleza-CE. ID ON LINE. REVISTA DE PSICOLOGIA, v. 14, p. 1045-1059, 2020.

QUERINO, Manuel Raimundo. "O colono preto como fator da civilização brasileira", Afro-Ásia, n. 13, pp. 143-158.1980.

LOPES, Vera Neusa. Mankala - Jogo de Tabuleiro de origem africana explora valores e habilidades". Porto Alegre: Revista do Professor", edição outubro a dezembro de 2008.

Mbembe, Achille. 2001. As Formas Africanas de Auto-Inscrição. Estudos Afro-Asiáticos 23 (1):172-209.

SANTOS, M. P. dos ; CUNHA JUNIOR, H. . A Farmácia em Casa: Ancestralidade e Conhecimentos em Botânica em Horizonte. In: Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior.. (Org.). Afro Patrimônio Cultural. 1ed.Fortaleza: Via Dourada, 2019, v. 1, p. 142-156.

SANTOS, M. P. dos (Org.) ; CUNHA JUNIOR, H. (Org.) . Afro Patrimônio Cultural. 1. ed. Fortaleza: Editora Via Dourada, 2019. v. 1. 1p .

SANTOS, Joel Rufino dos. (1979). História do Brasil. Editora: Marco Editorial. 1979.

SANTOS, Joel Rufino dos. (2014). A história do negro no teatro brasileiro. 2014.

EMENTA

PD0103 – Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos.

Histórico da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. Fundamentos teóricos, concepções e práticas. Políticas públicas da Educação de Jovens e Adultos:

legislação e programas. Espaços de atuação na sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e outros. Perspectivas e desafios atuais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
HADDAD, S.; PIERRO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. Revista Brasileira de Educação. n.14, 2000.
PALUDO, C. Educação popular na América Latina. UNESCO, MEC, CEAAL, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, E. A. Educação popular: experiências participativas e formação de consciência crítica e espaços públicos no município do Eusébio (CE). Fortaleza: Premium, 2015.
BRANDÃO, C. Educação popular antes e agora. Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE, v., 5, n. 1, 2013.
CARRILO, A. A educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. Petrópolis: Vozes, 2013.
UNESCO. VI Conferência Internacional de Jovens e Adultos. Marco de Ação de Belém. Resumo Executivo. UNESCO, MEC, 2010.
GADOTTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. Mar 2017.

EMENTA

PD0028 – Educação Brasileira Contemporânea.

A educação e o desenvolvimento brasileiro a partir de 1930; industrialização, demanda social da educação e expansão do ensino; o contexto sócio-político e a organização do ensino; a Revolução de 30; a Reforma Francisco Campos e o Manifesto dos Pioneiros; o autoritarismo do Estado Novo; Leis Orgânicas do Ensino; Reforma Capanema; ensino profissional; a redemocratização de 1946 e a LDB; o retrocesso de 1964 e as reformas do ensino de 1º e 2º graus; o pensamento educacional na abertura política e na redemocratização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ROMANELLI, O. História da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
PAIVA, V. Educação popular e educação de adultos. Loyola, 1974.
CASTRO, M. H. G. Avaliação do sistema educacional brasileiro, fundamentos e perspectivas. Brasília: INEP, 1978.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CURY, C. R. L. Sociologia e educação. São Paulo: Cortez, 1980.
GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo. Ática, 1987.
----- **Uma só escola para todos: caminhos da autonomia escolar**. Petrópolis, Vozes, 1990.

GARCIA, Walter Esteves (org.). **Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento**. São Paulo, McGraw-Hill, 1980, 3ª ed.
----- (org.) **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. Campinas, Autores Associados, 1995.

EMENTA

PD0050 – Novas Tecnologias e Educação à Distância.

As novas tecnologias e os processos de ensino-aprendizagem na escola. Educação à Distância: histórico e estado da arte. Usos Educacionais da Internet. Projetos educativos com recursos da Internet. Novas Tecnologias e Educação Especial.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BELLONI, M. L. Educação a distância. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, SP: Papirus, 2003.
MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PALLOF, R.; PRATT, K. O aluno virtual. Porto Alegre: Artmed, 2004.
LYNN, A. Educação a distância. São Paulo: Futura, 2003.
COSTA, Marisa Vorraber. (org.) Escola Básica na Virada do Século. São Paulo: Cortez, 2000.
KUENZER, Acácia. Globalização e Educação. In: Anais do IX ENDIPE. Águas de Lindóia, SP, 1998.
LIBANELO, José Carlos. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente. São Paulo: Cortez, 1998.

EMENTA

HI0131 – História do Ceará I.

Sociedades autóctones. O avanço da fronteira da pecuária e o conflito com os povos nativos a partir do século XVII; aldeamento e a questão indígena; terra, família e poder; Independências e autonomias locais; Algodão e comércio exterior; Pensamento social e abolicionismo; História, literatura e a invenção do Ceará.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PINHEIRO, Francisco José. Mundos em Confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUSA, Simone (org.). Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p.17 a 55.
HOORNAERT, Eduardo. Catequese e Aldeamento. SOUSA, Simone (org.). História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 45 a 62.
SILVA, Rafael Ricarte da. A formação da primeira elite colonial dos Sertões de Mombaça: terra, família e poder (1706-1782). Documentos. Revista do Arquivo Público do Estado do Ceará. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Número 06, 2009.

POMPEU SOBRINHO, Thomas. *Pré-História Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1955.

MARTIN, Gabriela et alli. Arqueologia de salvamento na praia de Sabiaguaba. Fortaleza – CE, Revista Clio Arqueológica (UFPE), n. 16, vol. I, 2003.

BARROS, Paulo Sérgio. *Confrontos invisíveis: colonialismo e resistência indígena no Ceará*. São Paulo: Anna Blume, 2002, p. 65 a 94.

SILVA, Isabelle Brás Peixoto da. *Vilas de Índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino*. São Paulo: Pontes, 2006.

GIRÃO, Valdelice. Da Conquista a implantação dos primeiros núcleos urbanos na capitania do Siará Grande, IN: SOUZA, Simone (Org.) – *História do Ceará*, Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1989, p. 25 a 43.

OLIVEIRA, Almir Leal de. O comércio das carnes secas do Ceará na segunda metade do século XVIII: as dinâmicas do mercado colonial. (texto não publicado).

VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano. *Entre o futuro e o passado. Aspectos Urbanos de Fortaleza (1799-1850)*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BEZERRA, Antônio – *Algumas Origens do Ceará*, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1918.

- STUDART, Guilherme – *Notas da História do Ceará na segunda metade do século XVIII*, Lisboa: Tipografia Recreio, 1892.

- OLIVEIRA, Almir Leal de – *O Instituto do Ceará – memória, representações e pensamento social*, São Paulo, PUC/Tese de Doutorado em História, 2001.

- RODRIGUES, José Honório – *Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

DEAN, Warren – *A Ferro e a Fogo: A História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira*, São Paulo: Cia.das Letras, 1996.

- MARTIN, Gabriela – *Pré-história do Nordeste do Brasil*, Recife: Editora da UFPE, 1997. Segunda Edição.

- POMPEU SOBRINHO, Thomas – *Pré-história Cearense*, Fortaleza: Instituto do Ceará, 1955.

- GASPAR, Madu – *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

- MARTIN, Gabriela et alli – Arqueologia de salvamento na praia de Sabiaguaba – Fortaleza – CE IN: *Clio Arqueológica*, n. 16, vol. I, 2003.

- ABREU, João Capistrano de – *O Descobrimento do Brasil*, São Paulo: Martins Fontes, 1999. (1883)

- POMPEU SOBRINHO, Thomas – *Protohistória Cearense*, Fortaleza: Instituto do Ceará, 1946.

- BRÍGIDO, João – *Ceará (Homens e Fatos)*, Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001 (1919).

- MORENO, Martin Soares - Relação do Ceará IN: STUDART, Guilherme – *Martin Soares Moreno – Documentos para sua História*, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903.

- MEDEIROS, Ricardo Pinto – Povos indígenas do sertão nordestino no período colonial: descobrimentos, alianças, resistências e encobrimento. IN: *FUMDHAMENTOS* – Publicação da Fundação do Museu do Homem Americano, São Raimundo Nonato: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, 2002, ps. 07-52.

- STUDART, Guilherme – *Dactas e Factos para a História do Ceará*, Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.
- GIRAO, Raimundo – *O Ceará Pré-Histórico*, Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.
- STUDART FILHO, Carlos - *História do Ceará Holandês*, Fortaleza: Imprensa Oficial, 1956.
- GALINDO, Marcos (Org.) – *Viver e Morrer no Brasil Holandês*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 2007.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de – *Tempo dos Flamengos*, Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. 1ª Edição 1947.
- MELO, Evaldo Cabral de – *A ferida de Narciso – ensaio de história regional*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- PUNTONI, Pedro – *Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão do Nordeste do Brasil, 1760-1720*, São Paulo; HUCITEC, 2002.

EMENTA

CG0411 – Mineralogia Geral.

Relação da mineralogia com as demais áreas do conhecimento, definições e conceitos de mineral. Cristalografia. Cristalografia do Raios-X. Cristaloquímica, propriedades físicas dos minerais. Gênese e ambientes de formação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DANA, James Dwight. Manual de mineralogia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, c1969. 2 v. ISBN (broch.).

KLEIN, Cornelis; HURLBUT, Cornelius S.; DANA, James Dwight. Manual de mineralogia. 4. ed. Barcelona, Espanha: Editorial Reverté, 2011. 2 v. ISBN 978842914606

DEER, W. A.; HOWIE, R. A.; ZUSSMAN, J. Minerais constituintes das rochas: uma introdução. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. 727 p. (Manuais universitários). ISBN 9723108461.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KLEIN, Cornelis; DUTROW, Barbara. Manual de ciência dos minerais. 23. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. xiv, 706, [9] p. ISBN 9788577809639 (broch.).

FLINT, E. E. Essentials of crystallography. Moscou: Peace, [1964]. 225 p. ISBN (enc.).

FONT-ALTABA, M. Atlas de mineralogia. 4. ed. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1975. 62 p. ISBN 8470931725 (broch.).

HENNING, Th. (Ed.). Astromineralogy. Heidelberg: New York: Springer, c2010. ix, 329 p. (Lecture Notes in Physics; 815.). ISBN 9783642132599.

CLAYS AND CLAY MINERALS. New York, NY: Clay Minerals Society, 1952-. Bimestral. ISSN 0009-8604.

4. GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO

4.1 Coordenação

O Coordenador de Curso é um gestor pedagógico que deve ter o compromisso com a melhoria da qualidade do curso, atuando nas dimensões didáticas, pedagógicas, administrativas e políticas, por meio do exercício da liderança democrática, desenvolvendo ações propositivas e proativas.

Cabem ao coordenador, tomando como base, em especial, o Art. 28 do Regimento Geral da Universidade Federal do Ceará, as seguintes atribuições, além de outras funções decorrentes dessa condição:

- a) Convocar e presidir as reuniões da Coordenação de Curso;
- b) Administrar e representar a Coordenação de Curso;
- c) Submeter à Coordenação de Curso, na época devida, o plano das atividades didáticas a serem desenvolvidas em cada período letivo, incluindo a proposta da lista de ofertas e o plano de ensino das disciplinas;
- d) Indicar, para designação pelo Chefe de Departamento, professores-orientadores para os alunos do Curso;
- e) Autorizar (na forma do art. 101 do Regimento Geral da UFC), trancamento de matrícula nas disciplinas do Curso;
- f) Manter-se em entendimento permanente com o Supervisor do Setor de Controle Acadêmico do Centro ou Faculdade, para as providências de ordem administrativa necessárias às atividades de integração do ensino;
- g) Velar pela disciplina e o pleno funcionamento das atividades letivas e administrativas no âmbito da Coordenação, adotando as medidas necessárias e representando ao Diretor do Centro ou Faculdade, quando se imponha aplicação disciplinar, e ao Chefe do Departamento, nos demais casos;
- h) Apresentar ao Diretor do Centro ou Faculdade, no fim de cada período letivo, o relatório das atividades da Coordenação, sugerindo as providências cabíveis para maior eficiência do ensino;

- i) Cumprir e fazer cumprir as disposições do Regimento do Centro ou Faculdade, deste Regimento Geral e do Estatuto, assim como as deliberações da Coordenação e dos órgãos da administração escolar e superior da Universidade;
- j) Adotar, em casos de urgência, medidas que se imponham em matéria da competência da Coordenação do Curso, submetendo seu ato à ratificação desta, na primeira reunião subsequente.
- k) Recepcionar os calouros, dispondo informações sobre o curso, sua matriz curricular, seu corpo docente, o regimento do profissional, etc.
- l) Apoiar ações que auxiliem a realização da Semana da Geografia, que se realiza anualmente;
- m) Apoiar ações que contribuam para realização do Seminário de Ensino de Geografia que ocorre anualmente.

Para o Curso é fundamental que se busque a construção de um perfil profissional que contemple a perfectibilidade, em permanente processo de projeção para o futuro; em permanente processo de autoconstrução; totalmente conectado com as questões de seu tempo; que se reconheça como um ser capaz de recriar a sociedade, a ciência e a cultura, transformando-se ao mesmo tempo; um ser responsável, digno, sensível aos seus direitos e responsabilidade; participativo. Será através desse perfil que o curso contribuirá para dar enquanto agência de discussão de uma sociedade, a capacidade de solucionar seus problemas.

4.2 Colegiado

O Colegiado do Curso, como instância deliberativa do curso sobre assuntos pedagógicos, para realizar sua tarefa, adota as Normas específicas aprovadas pelo Regimento Geral da Universidade Federal do Ceará. O Colegiado do Curso de Geografia Bacharelado foi formado conforme o Art. 42 do Estatuto da UFC e tem a seguinte composição: docentes representantes das unidades nucleares à formação profissional do discente e representante estudantil na proporção de 1/5 do total de docentes.

As reuniões do colegiado ocorrem, em sua maioria, em caráter ordinário, ou seja, ele é convocado quando surge uma necessidade.

As diferentes unidades nucleares do Curso de Bacharelado em Geografia contarão com membros titulares e suplentes:

- Geografia e Sociedade – Dirceu Rogério Cadena de Melo Filho (titular) e Tiago Vieira Cavalcante (suplente);
- Geografia e Natureza – Marta Celina Linhares Sales (titular) e Flávio Rodrigues do Nascimento (suplente).
- Geografia e Metodologias – Jader de Oliveira Santos (titular) e Adryane Gorayeb Nogueira Caetano (suplente).

O Colegiado de Curso traz consigo desafios a serem perseguidos em suas ações, tais como: integração/interdisciplinaridade em suas diferentes dimensões, contextualização curricular permanente, multidimensionalidade do processo de formação de professores, promoção da pesquisa no ensino, reforço e apoio a práticas coletivas a formação continuada dos professores, ênfase no trabalho cooperativo, busca de um curso de excelência.

4.3 Núcleo Docente Estruturante

O Núcleo Docente Estruturante é uma instância consultiva do curso sobre assuntos pedagógicos e um apoio à Coordenação sobre os assuntos referentes ao PPC. “O NDE de um curso de graduação é constituído por um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do PPC”. (CONAES, 2010). Considera-se a Resolução nº 10/CEPE, de 1 de novembro de 2012, que institui o NDE e orienta sobre as normas de funcionamento. Conforme o Art . 3 da referida Resolução são atribuições do Núcleo Docente Estruturante (NDE):

I – avaliar, periodicamente, pelo menos a cada três anos no período do ciclo avaliativo dos SINAES e, sempre que necessário, elaborar propostas de atualização para o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e encaminhá-las para apreciação e aprovação do colegiado do curso:

- II – fazer o acompanhamento curricular do curso, tendo em vista o cumprimento da missão e dos objetivos definidos em seu Projeto Pedagógico;
- III – zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- IV – contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- V – indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mundo do trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- VI – zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação;
- VII – sugerir e fomentar ações voltadas para a formação e o desenvolvimento dos docentes vinculados ao curso.

Membros do NDE do Curso de Bacharelado em Geografia:

Nome do Docente / Titulação

- Alexandre Queiroz Pereira / Doutor
- Carlos Henrique Sopchaki / Doutor
- Dirceu Rogério Cadena de Melo Filho / Doutor
- Jader de Oliveira Santos / Doutor
- Marta Celina Linhares Sales / Doutora
- Tiago Vieira Cavalcante / Doutor

O Regimento Interno do Núcleo Docente Estruturante do curso de Bacharelado em Geografia encontra-se no Anexo V.

4.4 Apoio ao discente

O Apoio aos discentes do Curso de Bacharelado em Geografia da UFC caminha em conjunto com a proposta da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) que é a unidade gestora de políticas para a promoção e apoio ao estudante de graduação desta universidade, consolidando o amplo objetivo de construção da cidadania nos

diversos segmentos acadêmicos que compõem a comunidade universitária. A natureza do seu trabalho busca incentivar, acompanhar e promover o desenvolvimento do estudante em toda sua trajetória acadêmica, através de ações efetivas nas mais diversas áreas (social, técnico-científica, cultural, política etc.).

Nossas metas também convergem com aquelas propostas por esta Pró-reitoria, quais sejam:

- Ampliar as condições de permanência dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, na UFC;
- Viabilizar a igualdade de oportunidades entre os estudantes;
- Contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico individual;
- Agir, preventivamente, nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

Os estudantes do Curso de Geografia deverão ser encaminhados para esta Pró-Reitoria em casos necessários, no entanto, devem-se apresentar palestras desde a recepção dos calouros apresentando o conjunto de ações oferecidas por ela e pela UFC de maneira geral, e que devem ser consideradas para a permanência desses alunos no curso.

A atividade de Recepção e acolhida aos calouros trata-se de uma Semana de apresentações e envolvimento de todos os Laboratórios, Programas e Centro Acadêmico, no intuito de proporcionar ao ingressante uma integração à instituição, por meio de diversas atividades.

Essa ação envolve a recepção dos alunos pela Coordenação da Graduação, Coordenação da Pós-Graduação em Geografia, Coordenadores e bolsistas dos Laboratórios de pesquisa e demais professores do curso, todos com objetivo de prestar informações sobre o funcionamento institucional e seus diversos setores, tour e apresentação da estrutura da universidade.

Consideramos que as primeiras experiências proporcionadas pelas universidades aos calouros, são atividades fundamentais para auxiliar em sua permanência no curso, para a nova fase em sua vida e para o seu sucesso acadêmico enquanto discente e como indivíduo.

Embora não haja programas específicos, a Coordenação é contemplada com a melhoria das instalações físicas do prédio, por meio de aquisição de equipamentos, mobiliário e material de consumo, através dos projetos contemplados em diversos editais de pesquisa, mostrando disposição institucional em estimular os discentes a participarem das pesquisas, bem como dos Centros Acadêmicos e, sobretudo reforçando a relação entre Pós-Graduação e Graduação.

Quanto ao Acompanhamento de Estágios, este é realizado em conformidade com a Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008 da Presidência da República, que dispõe sobre o estágio de estudantes e altera a redação do artigo 428 da Consolidação das Leis do Trabalho CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis no 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Também em conformidade com a Resolução No32/CEPE, de 30 de outubro de 2009. Assim sendo, indicamos o professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário. Este professor exige do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades.

Também se considera como apoio ao discente o Programa de Iniciação à Docência (PID), vinculado à Coordenadoria de Acompanhamento Discente (CAD) da UFC, que é um sistema de monitoria de disciplinas que visa estimular o interesse dos estudantes de graduação pela vida acadêmica e pela carreira docente.

O programa visa contribuir para o processo de formação do estudante, através da participação nas atividades docentes, juntamente com o professor-orientador, além de proporcionar ao bolsista uma visão globalizada da disciplina da qual é monitor e envolvê-lo em um trabalho de ensino associado à pesquisa. O PID oferece bolsas para estudantes de graduação, que estimula e favorece a permanência dos discentes no curso.

Sobre o apoio psicológico, a Coordenação iniciou, junto ao Programa de Acompanhamento Psicopedagógico, Psicológico e Psicossocial da PRAE, uma escuta

aos docentes e estudantes do curso de Geografia, no ano de 2018, para que um projeto ampliado de atendimento individual e em grupo seja efetivado.

Prevemos a criação do Serviço de Apoio Discente (SAD), que buscará ampliar as ações de acolhimento aos estudantes ingressantes; elaborar um perfil dos estudantes com vulnerabilidade socioeconômica; divulgar amplamente os editais da UFC referentes às bolsas de auxílio; o acompanhamento do desempenho acadêmico dos discentes contemplados nos programas da PRAE; incrementar as ações de apoio psicológico, o serviço orientará, acompanhará e encaminhará, quando necessário, os estudantes que demonstrem distúrbios ou transtornos que afetam seu desempenho; apoiará as iniciativas discentes de assistência social sugerindo que seja gerido pelos próprios estudantes, buscando auxílio imediato aos discentes mais carentes do curso de Geografia UFC.

Cabe também destacar serviços prestados pela Secretaria de Acessibilidade da UFC (UFC-INCLUI), que atende os estudantes público-alvo da educação especial, bem como estimula uma cultura de inclusão da pessoa com deficiência na Universidade Federal do Ceará. A UFC-INCLUI busca garantir a permanência e plena formação dos estudantes com deficiência, ofertando serviços como a produção e edição de materiais acessíveis, apoio pedagógico e tradução/interpretação de Libras.

4.5 Gestão do curso e os processos de avaliação interna e externa

As notas obtidas nas avaliações nas quais o curso é submetido, como o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), aplicado pelo Ministério da Educação, por exemplo, são consideradas como bons indicadores para o planejamento estratégico de melhoria do curso. Citamos ainda a Comissão de Avaliação Própria da UFC cujo objetivo acompanha a avaliação das Instituições de Educação Superior (IES) que tem caráter reflexivo e formativo, visando conhecer e aperfeiçoar as atividades internas da IES, bem como a ação dos seus principais agentes: egressos, discentes, docentes, servidores técnico-administrativos. Cabe mencionar que na UFC, o processo de avaliação institucional vem sendo implementado e aprimorado em consonância com o Plano de Desenvolvimento

Institucional (PDI) 2018-2022, que estabelece um Eixo de Ensino e Aprendizagem, dividido em dois programas:

1. Melhoria da qualidade do ensino: avaliação, metodologias de ensino e aprendizagem, formação para a docência no ensino superior, protagonismo estudantil, assistência estudantil e melhoria do ensino no âmbito dos hospitais;
2. Expansão da oferta de ensino: expansão dos campi e unidades existentes e criação de novos campi e novas unidades.

A ideia central das avaliações é que quando recebamos as notas/os conceitos, sejam realizadas reuniões e feitas reflexões e discussões com alunos e professores com o objetivo de avaliar onde e como se pode melhorar.

Além disso, a Coordenação do Curso de Graduação deverá realizar o acompanhamento periódico e a divulgação dos índices de aprovação/reprovação por turma, de evasão e de abandono, para subsidiar as análises das áreas (Instrumental, Geografia e Ensino, Geografia Humana, Geografia Física) na avaliação do currículo e dos problemas que, conforme o caso, possam acontecer. A Coordenação do Curso de Graduação deverá, ainda, subsidiar os professores na compreensão das normas da UFC quanto à avaliação, bem como oferecer apoio para a adoção de instrumentos avaliativos que privilegiem o processo de construção dos conhecimentos por parte dos alunos e não apenas a mensuração momentânea da aquisição de conteúdos. Consideram-se como processo de construção do conhecimento as atividades cognitivas do aluno, sobre as quais o professor exerce dimensão central a esse processo. Ao professor caberá o acompanhamento do processo de aprendizagem utilizando instrumentos de avaliação capazes de, ao longo do semestre, diagnosticar as fragilidades dos discentes e agir sobre as mesmas, possibilitando a apreensão dos conteúdos/conceitos centrais da disciplina.

5. INFRAESTRUTURA DO CURSO

Os Cursos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado) funcionam no prédio localizado no Centro de Ciências, Bloco 911 do Campus do Pici, Fortaleza, Ceará, CEP 60440-900. Dispõe de recursos humanos e materiais que viabilizam os trabalhos pedagógicos e administrativos.

5.1 Recursos Humanos

No corpo docente são contabilizados 21 professores efetivos (Quadro 16).

Quadro 16 - Docentes do Departamento de Geografia/UFC (2022)

DOCENTES DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA (2022)	
Titulação	Nome
Doutora	Adryane Gorayeb Nogueira Caetano
Doutora	Alexandra Maria de Oliveira
Doutor	Alexandre Queiroz Pereira
Doutora	Alexsandra Maria Vieira Muniz
Doutor	Antonio Jeovah Andrade Meireles
Doutor	Carlos Henrique Sopchaki
Doutor	Christian Dennys Monteiro de Oliveira
Doutor	Dirceu Rogério Cadena de Melo Filho
Doutor	Edson Vicente da Silva
Doutor	Eustógio Wanderley Correia Dantas
Doutor	Flávio Rodrigues do Nascimento
Doutor	Francisco Amaro Gomes de Alencar
Doutora	Iara Rafaela Gomes
Doutor	Jader de Oliveira Santos
Doutora	Maria Clélia Lustosa Costa
Doutora	Maria Edivani Silva Barbosa
Doutora	Maria Elisa Zanella
Doutora	Marta Celina Linhares Sales
Doutor	Rubson Pinheiro Maia
Doutor	Tiago Vieira Cavalcante
Doutora	Vlândia Pinto Vidal de Oliveira

O Curso conta com uma equipe de três servidoras responsáveis pelo trabalho técnico-administrativo (Quadro 17). Para além dos trabalhos burocráticos, são também guardiões da estrutura física, do patrimônio e do acervo documental do Departamento, contribuindo para preservar a história do curso de Geografia. As servidoras estão distribuídas entre a Coordenação do Curso de Geografia e a Secretaria do Departamento de Geografia.

Quadro 17 – Servidoras técnica-administrativas

Função	Local de atuação	Nomes
Assistente em administração	Coordenação do Curso	Débora da Silva Moraes
Secretária	Secretaria do Departamento	Távila da Silva Rabelo
Assistente em administração	Secretaria do Departamento	Nádia Adiodato de Menezes

5.2 Recursos Materiais e Infraestrutura

Destaca-se a efetiva instalação de salas e laboratórios para o exercício das atividades indispensáveis ao cumprimento do PPC, permitindo o desenvolvimento das atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão. O prédio possui salas especiais para projeção, auditório acústico e climatizado, salas de aula climatizadas.

Relaciona-se a seguir os espaços e os recursos disponíveis:

LABORATÓRIO DE ESTUDOS GEOEDUCACIONAIS E ESPAÇOS SIMBÓLICOS (LEGES)

Estrutura: Sala específica dotada de um aparelho condicionador de ar, três armários de madeiras, uma mesa de reunião, oito cadeiras, cinco globos terrestres, três computadores Pentium IV, com acesso a internet e 2 impressoras. O acervo documental é composto de livros didáticos do Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, além de livros paradidáticos e de estudos mais amplos vinculados às áreas de meio ambiente, cultura e comunicação. Os relatórios de Estágio, das turmas formadas nos últimos 10 anos são arquivados e disponibilizados para consulta. Ainda, para apoio ao trabalho experimental das práticas de ensino como componente curricular, há matérias de consumo, gráfico, vídeos-documentários e maquetes cartográficas.

LABORATÓRIO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA E RECURSOS HÍDRICOS (LCGRH)

Estrutura: Sala dotada de dois aparelhos condicionadores de ar (ELGIN 18.000 e CONSUL 14.000); mobiliário (um flanelógrafo, quatro mapotecas de aço, duas mesas tamanho grande, dez pranchetas de madeira, treze banquetas de madeira para prancheta, duas estantes de madeira, um arquivo de aço, uma mesa escolar, um globo terrestre, dez pranchetas para confecção de mapas e dezesseis cadeiras); e equipamentos (dois estereoscópios de espelho, catorze estereoscópios de bolso e duas lupas elétricas para mapas grandes, computadores). Em termos de acervo aerofotográfico, existem: a) fotos que recobrem parte do litoral e continente cearense, ano de 1975, na escala 1:30.000; b) fotos aéreas cobrindo parte da cidade de Fortaleza, na escala de 1:8.000 de 1995; c) imagens de satélite LANDSAT, escala 1:100.000, cobrindo parte do litoral e área central do Ceará; d) imagens de satélite LANDSAT, escala 1:50.000, da Região Metropolitana de Fortaleza, ambas de 1994; e) cartas topográficas 1:100.000 cobrindo o Ceará; f) mapas temáticos (geológicos, geomorfológicos, pedológicos) do Brasil e do Ceará; g) mapas do Projeto RADAM, na escala de 1:250.000, correspondente ao Ceará; h) mosaicos fotográficos, cobrindo o litoral e alguns municípios continentais, escala 1:5.000, ano 2000; i) imagem de satélite LANDSAT, em meio digital, lançada pela EMBRAPA, ano 2002.

LABORATÓRIO DE PEDOLOGIA E ANÁLISE AMBIENTAL E DESERTIFICAÇÃO (LAPED)

Estrutura: Sala dotada de sistema hidráulico (bancadas com pia), de dois aparelhos de condicionadores de ar (SPRINGER 18.000) e de mobiliário (uma mesa de madeira para reuniões, cinco birôs de madeira, duas mapotecas, oito estantes de aço, dez cadeiras de palhinha, uma prancheta de madeira, quatro banquetas de madeira e um cavalete de madeira). Em termos de equipamentos, dispõe-se de microcomputadores, uma Estufa de Secagem e esterilização modelo 315-SE, um Ph-Metro-Micronal B374, uma Lupa-Micronal Olympus-SD30, um dissecador, um jogo de peneiras (2,00cm - 0,250mm - 0,053cm) Gramutest, uma balança simples e um conjunto de vidrarias (provetas, beques, funis, bastões). Quanto ao acervo bibliográfico e pedológico, conta com mapoteca (com imagens de satélite, cartas imagens, cartas topográficas, mapas temáticos), livros, trabalhos/relatórios científicos, manuais para consulta e mostruário de perfis representativos de solos do Ceará e do Nordeste, além de amostras de rochas e formações superficiais das áreas em questão.

LABORATÓRIO DE GEOMORFOLOGIA COSTEIRA (LAGECO)

Estrutura: Espaço dotado de um antigo aparelho de condicionador de ar (CONSUL 7.500), com mobiliário (uma mesa grande, uma prancheta de madeira, uma banqueta de madeira, uma estante de madeira, um birô de madeira, uma mesa para computador, uma mesa para impressora, um arquivo de aço, seis cadeiras. Em termos de equipamentos, dispõe-se de computadores, drones, estação total, um altímetro de precisão, uma lupa de mão funcional, uma bússola de precisão, um binóculo Olympus de precisão e dois estereoscópios funcionais. Quanto ao acervo bibliográfico e Cartográfico, o citado laboratório conta com: a) coletânea de obras com mais de seiscentos títulos, b) mapas temáticos (topográficos, geológicos, de vegetação, de solos, de relevo e de meio ambiente) em escalas e datas diversas, c) fotografias ortogonais e painel de fotogeografia de toda a costa e de diversos setores continentais do Estado do Ceará, d) imagens Landsat (digital e analógico) e de Radar, de diferentes datas, de toda a zona costeira e de diversos setores continentais do Ceará, e) mais de quatro mil slides de relevos e domínios geomorfológicos da Europa, EUA, Ásia e Brasil, em especial do Ceará.

LABORATÓRIO DE GEOPROCESSAMENTO E CARTOGRAFIA SOCIAL (LABOCART)

Estrutura: Laboratório estruturado para dar suporte à pesquisa e a atividades didáticas realizadas em articulação com outros laboratórios do Centro de Ciências. Dispõe de ambiente refrigerado, com aparelho de condicionador de ar SPRINGER 18.000, mobiliário. E equipamentos (um receptor GARMINIZ/GPS, três altímetros de precisão, um teodolito, computadores, impressora).

LABORATÓRIO DE ESTUDOS AGRÁRIOS, TERRITORIAIS E EDUCACIONAIS (LEATE)

Estrutura: Espaço dotado de um aparelho condicionador de ar (SPRINGER 12.500), com mobiliário razoável (uma mesa grande para reunião, uma prancheta de madeira, um arquivo de aço, 11 cadeiras de madeira, uma banqueta de madeira para prancheta, uma mesa para microcomputador, uma mesa para impressora, um birô de madeira, duas estantes de madeira). Em termos de equipamentos, dispõe-se de um computador Pentium III 1.000 Mhz, com gravador de cd e um estabilizador.

LABORATÓRIO DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (LAPUR)

Estrutura: Laboratório de grande porte, dotado de dois aparelhos condicionadores de ar (CONSUL 21.000 e SPRINGER 7.500), mobiliário razoável (duas mesas para computador, uma mesa para impressora, uma prancheta de madeira, dois cavaletes de madeira, três estantes de madeira, duas banquetas de madeira, quatro armários de aço, um birô de aço, uma mapoteca de aço, três birôs de madeira, uma mesa de madeira grande para reuniões, catorze cadeiras, três mini fichários de aço e uma banqueta de ferro para prancheta). Em termos de equipamentos, dispõe-se de dois computadores (um Pentium 200 Mhz e um Pentium III 1.000 mhz), um gravador de cd, um scanner A4 HP, uma impressora HP 680 e dois estabilizadores. Quanto ao acervo bibliográfico e Cartográfico, o citado laboratório conta com: a) coletânea de obras com mais de quinhentos títulos, entre livros e trabalhos de conclusão, b) mapoteca, c) hemeroteca.

LABORATÓRIO DE GEOECOLOGIA DA PAISAGEM E PLANEJAMENTO AMBIENTAL (LAGEPLAN)

Estrutura: Espaço amplo, dotado de um aparelho condicionador de ar (CONSUL 21.000), com mobiliário razoável (um painel de madeira, um balcão/estante de madeira, duas pranchetas de madeira, quatro estantes de madeira, uma mesa de madeira para reunião (pequena), uma estante de aço, uma mesa para computador, três mapotecas de aço, duas mesas escolares, quatro banquetas de madeira para prancheta, cinco cadeiras e uma banqueta de aço para prancheta). Em termos de equipamentos, dispõe-se de dois anemômetros, dois termômetros de bulbo seco, um computador Pentium III 1.000 Mhz com leitor de cd e um estabilizador. Em termos de acervo bibliográfico e didático, mais de setecentas obras são disponibilizadas, entre livros e trabalhos científicos (Monografia, dissertações, etc) com organização de pequeno museu representativo do ecossistema litorâneo cearense e com fins didáticos.

GEOMAPS CONSULTORIA – EMPRESA JÚNIOR DO CURSO DE GEOGRAFIA

Estrutura - A Geomaps Consultoria Ambiental é uma empresa especializada no planejamento, coordenação e execução de projetos que envolvam a utilização de geotecnologias em análises ambientais e urbanas. Fundada em 2012, atua na concepção e desenvolvimento de projetos na área de Meio ambiente, Sistema de Informação geográfica, Geoprocessamento e Sensoriamento remoto. Também atua na capacitação técnica de profissionais e gestores, das mais diversas áreas do conhecimento, em esfera pública ou privada, visando o aprimoramento de competências e habilidades na área de geotecnologias contando com equipe técnica qualificada. A sala é composta por 6 mesas, 10 cadeiras, 4 computadores, 01 aparelho de ar condicionado, 05 estabilizadores, 01 telefone fixo. Local: Anexo do Centro de Ciências.

SALA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

Estrutura: o subprojeto Geografia tem como suporte para o desenvolvimento de suas ações uma sala composta por 25 cadeiras (08 de madeira e 17 acolchoadas), 02 mesas para reuniões (01 pequena e 01 grande), 01 birô com gavetas, 04 mesas para computadores, 05 computadores (05 monitores e 05 CPUs, 01 impressora Samsung – ML 3750ND, 02 roteadores, 02 armários de madeira, 02 estantes de madeira, 01 estante de metal, 01 armário com 2 portas de metal, 02 armários de aço com 15 divisórias cada, 01 flanelógrafo, 01 GPS eTrex 10 Garmin, 01 câmera fotográfica Kodak Play – Touch, 01 HD externo, 02 lousas (01 branca e 01 verde), mapas, maquetes, jogos pedagógicos, coleções de livros didáticos, paradidáticos, livros acadêmicos, livros de literatura, acervo de filmes e documentários que tratam sobre a temática educação, 01 ar condicionado split Rheem 12.000 BTUs.

SALA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET)

Estrutura: Na sala do PET-Geografia dispomos dos seguintes equipamentos: Seis Monitores de computador sendo 2 PHILIPS de 16 polegadas, 3 DELL de 14 polegadas e 2 AOC de 18 polegadas; 5 CPU's Multilaser; 3 Módulos estabilizadores Microsol MIE G3; 1 Ar condicionado Consul classe A 18000; 18 Cadeiras de madeira; 1 Mesa de madeira; 1 Banco de madeira; 1 Lousa; 4 Armários; 1 Roteador de wifi; 4 Mouses; 1 Caixa de som; 1 Datashow; 1 Notebook SIM 14 polegadas; 1 Netbook ASUS; 1 Câmera CANON 16.0 Mp; 1 Organizador; 210 Livros Catalogados; 1 Impressora EPSON L365. Todos esses equipamentos compõem a sala do PET auxiliando os bolsistas nas atividades que o programa propõe.

SALA DE ESTUDOS

A sala de estudos é um ambiente amplo e equipado para estudos individuais e em grupos. Está equipado com cadeiras (30 un.), aparelho de ar condicionado, mapotecas, mesas (7 un.), bancos giratórios (4 un.), computadores (5 un.), estabilizadores (3 un.), armários (8 un.), estantes (2 un.) e escrivaninhas para computadores.

6. ANEXOS

ANEXO I - MANUAL DE ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO

MANUAL DE ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO

BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC

Este manual apresenta um conjunto geral de normas que visam orientar o(a) estudante do Curso Bacharelado em Geografia no tocante à realização, registro e aproveitamento do componente curricular de Extensão. Os fundamentos legais aqui adotados baseiam-se na RESOLUÇÃO Nº 28/CEPE, DE 01 DE DEZEMBRO DE 2017, no Regimento Geral, no Estatuto da Universidade Federal do Ceará e Projeto Pedagógico Curricular do curso de Bacharelado em Geografia. A integralização da carga horária prevista no Projeto Pedagógico do Curso referente à atividades de extensão é condição obrigatória para que o(a) estudante esteja apto(a) a colar grau e possa, por consequência, obter o título de Bacharel(a) em Geografia.

A curricularização da extensão está prevista no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), estratégia 7, Meta 12, e regulamentada na UFC mediante a Resolução nº 28/CEPE, 01/12/2017. Segundo essa Resolução (Título II, Art. 4º) as ações de extensão universitária são compreendidas como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promovem a interação entre a Universidade e a sociedade.

OBJETIVOS

Objetivos Gerais

- Apresentar ao estudante do Curso de Bacharelado em Geografia da UFC, desde os semestres iniciais, as diretrizes gerais que normatizam o desenvolvimento e a integralização do componente curricular Atividades de Extensão Universitária.

Objetivos Específicos

- Complementar a formação profissional do estudante do Curso de Bacharelado em Geografia.
- Contribuir para que a formação do futuro egresso seja generalista, humanista e crítica.
- Estimular o espírito empreendedor do corpo discente.
- Incentivar a inserção dos estudantes em atividades de Iniciação Científica e Iniciação à Docência e Extensão.
- Possibilitar uma melhor integração entre universidade e sociedade.
- Auxiliar o aluno na identificação e resolução de problemas encontrados fora do ambiente de sala de aula.
- Promover a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

A curricularização da extensão prevista no curso de Bacharelado em Geografia tem a carga horária total de 328h. Visando uma maior flexibilização curricular, permitindo que o estudante tenha mais liberdade em articular suas escolhas, a extensão do Curso de Bacharelado em Geografia consiste na combinação das duas modalidades definidas na Resolução N° 28/CEPE UFC: Modalidade I, em que devem ser cumpridas 208h em ações de extensão na Unidade Curricular Especial de Extensão (UCEE); e Modalidade II, em que devem ser cumpridas 120h de extensão distribuídas em componentes curriculares do Grupo de Componentes Específicos de Extensão. As duas modalidades estão inseridas na Unidade Curricular de Extensão do curso.

Modalidade I - Unidade Curricular Especial de Extensão (UCEE)

As ações extensionistas estão vinculadas às áreas temáticas definidas pela Pró-Reitoria de Extensão (PREX): Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Trabalho, Tecnologia e Produção, Educação, Meio Ambiente e Comunicação. Os estudantes de

Geografia/Bacharelado deverão se engajar em ações de extensão vinculadas a essas temáticas. A seguir as definições da PREX para cada uma dessas sete áreas temáticas:

1. Cultura

Desenvolvimento de cultura; cultura, memória e patrimônio; cultura e memória social; cultura e sociedade; folclore, artesanato e tradições culturais; gastronomia; produção cultural e artística na área de artes plásticas, artes gráficas, fotografia, cinema e vídeo, música e dança; produção teatral e circense; capacitação de gestores de políticas públicas do setor cultural; mídia digital, tecnocultura e jogos; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; acessibilidade.

2. Direitos Humanos e Justiça

Assistência jurídica; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de direitos humanos; direitos de grupos sociais; organizações populares; questão agrária; cidadania; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; acessibilidade.

3. Trabalho

Reforma agrária e trabalho rural; trabalho e inclusão social; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas do trabalho; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; educação profissional; organizações populares para o trabalho; cooperativas populares; questão agrária; saúde e segurança no trabalho; trabalho infantil; turismo e oportunidades de trabalho; trabalho e cibercultura; acessibilidade.

4. Tecnologia e Produção

Transferência de tecnologias apropriadas; empreendedorismo; empresas juniores; inovação tecnológica; polos tecnológicos; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de ciência e tecnologia; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; direitos de propriedade e patentes; acessibilidade.

5. Educação

Educação básica; educação e cidadania; educação a distância; educação continuada; educação de jovens e adultos, especial e infantil; ensino fundamental, médio, técnico e profissional; incentivo à leitura; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de educação; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; tecnologia digital e educação; tecnocultura e educação; formação de docentes; acessibilidade.

6. Meio Ambiente

Preservação e sustentabilidade do meio ambiente; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; desenvolvimento regional sustentável; aspectos do meio ambiente e sustentabilidade do desenvolvimento urbano; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de meio ambiente; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área;

educação ambiental, gestão de recursos naturais, sistemas integrados para bacias regionais; acessibilidade;

7. Comunicação

Comunicação social, mídia comunitária, comunicação escrita e eletrônica; multimídia e Internet; produção e difusão de material educacional; televisão universitária; rádio universitária; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de comunicação social; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; acessibilidade.

Essas são as ações ativas e devidamente cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão. O(a) aluno(a) poderá solicitar o aproveitamento da carga horária das ações de extensão certificadas/declaradas por outras instituições de ensino superior no Brasil ou no Exterior.

Neste sentido, cabe destacar que o(a) aluno(a) poderá participar de ações extensionistas ofertadas por qualquer unidade acadêmica da UFC. As ações podem ser consultadas no sítio eletrônico da PREX.

Conforme Resolução nº 28/CEPE, o(a) aluno(a) deverá participar das ações de extensão enquanto membro efetivo da equipe, a partir de um papel protagonista/extensionista, e não como beneficiário da ação, enquanto comunidade.

De acordo com as disposições Gerais da Resolução nº 28/CEPE, 01/12/2107, o(a) aluno(a) deverá acumular horas certificadas/declaradas até completar a carga horária definida no PPC (208h) para as ações da Unidade Curricular Especial de Extensão. A carga horária a ser contabilizada como extensão, nessa modalidade, será aquela em que o aluno comprovar, por meio de certificado/declaração e conforme as regras estabelecidas pela Pró-Reitoria de Extensão.

Modalidade II - Curricularização em Componentes Curriculares

A curricularização da extensão também está regulamentada em componentes curriculares, contabilizando 120h/a. No Quadro 1 estão relacionados dez componentes da matriz curricular que em sua carga horária integram a extensão. Nos planos de ensino estão discriminadas as ações de extensão planejadas pelos docentes responsáveis pelo componente.

Quadro 1 - Componentes curriculares com carga horária de extensão

Nome do Componente Curricular	Semestre	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	Carga Horária Extensão	Carga Horária Total
Geografia Agrária	3º	32	16	16	64
Topografia	3º	32	24	8	64
Pedologia	4º	32	16	16	64
Geografia do Brasil	5º	32	16	16	64
Bases Naturais da Geografia do Brasil	5º	32	16	16	64
Métodos e técnicas de Pesquisa em Geografia Física	6º	32	16	16	64
Planejamento Ambiental	6º	32	16	16	64
Geografia Regional	7º	32	16	16	64
Geografia da Paisagem	Optativa	48	8	8	64
Oficina Geográfica III	Optativa	32	16	16	64
Geografia e Práticas Pedagógicas para educação do/no Campo	Optativa	32	16	16	64
CARGA HORÁRIA TOTAL (EXTENSÃO):				120h*	

* A carga horária de 120h de extensão diz respeito às disciplinas obrigatórias para o bacharelado. Serão 160h caso o(a) estudante curse também as optativas mencionadas.

As ações de extensão propostas nesses componentes são atividades orientadas ao apoio técnico-educacional às comunidades locais visitadas e assistidas por projetos socioterritoriais e socioambientais dos laboratórios a que se vinculam as equipes docentes.

Cabe destacar que são 120h em componentes obrigatórios e há a possibilidade de somar mais 40h em componentes optativos, oferecidos pelo departamento de geografia.

A carga horária de extensão cumprida nessa modalidade (em componentes curriculares) será contabilizada no histórico do aluno(a) de forma automática, à medida que o(a) mesmo(a) for aprovado(a) nessas disciplinas.

ATRIBUIÇÕES

Atribuições do(a) Aluno(a)

- Cumprir a carga horária total de 328 h de Atividades de Extensão prevista no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Geografia, sendo 208h em ações de extensão na Unidade Curricular Especial de Extensão e 120h distribuídas em componentes curriculares (disciplinas) do Grupo de Componentes Específicos de Extensão.
- Procurar a coordenação para dirimir eventuais dúvidas relacionadas a esse tema.
- Providenciar a documentação que comprove a realização dessas atividades.

Atribuições da Coordenação

- Supervisionar o desenvolvimento das atividades de extensão.
- Analisar e validar as documentações apresentadas pelos estudantes.
- Avaliar e pontuar as atividades que foram previamente validadas.
- Comunicar os estudantes quanto à carga horária validada.
- Realizar o registro da integralização do componente curricular no SIGAA.

CONTABILIZAÇÃO E REGISTRO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A contabilização e registro do componente curricular de Extensão acontecerá preferencialmente no decorrer do último ano letivo do discente no curso. O(a) estudante deverá enviar para a Coordenação do Curso, Ficha para Emissão do Parecer do Memorial de Atividades de Extensão preenchida, acompanhada das respectivas documentações comprobatórias. Entende-se por documentações comprobatórias: declarações, atestados, certificados, históricos, diplomas, bem como outros

documentos que a Coordenação possa constatar a autenticidade dos mesmos. Caberá à coordenação do curso verificar se o discente encontra-se na situação de aluno concludente, deferir a solicitação de matrícula e efetuar o registro dessa matrícula no SIGAA.

CASOS ESPECÍFICOS E OMISSOS

Os casos específicos e omissos serão resolvidos pelo Colegiado da Coordenação do Curso de Bacharelado em Geografia.

ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO

UNIDADE CURRICULAR ESPECIAL DE EXTENSÃO

FICHA PARA EMISSÃO DO PARECER DO MEMORIAL DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Eu, _____ aluno (a) do _____ semestre do Curso de Bacharelado, matrícula de número _____ venho, por meio deste formulário, requerer o parecer do Memorial de Comprovantes de Atividades Curriculares de Extensão, na modalidade de Unidade Curricular Especial de Extensão.

Para tanto, envio a seguir o Quadro de Atividades preenchido, juntamente com os comprovantes, na mesma ordem das atividades preenchidas no quadro.

Nome da Ação de Extensão	Nome do(a) Coordenador(a)	IES* responsável pela Ação	Total de horas (preenchimento obrigatório)	Certificação (não preencher – preenchido pela coordenação)
TOTAL GERAL DE HORAS:				

* Nome da Instituição de Ensino Superior (IES) brasileira responsável pela Ação.

Data ____/____/____

Assinatura do(a) Aluno(a) _____

Parecer emitido em ____/____/____ Docente Responsável

Homologação do Colegiado do Curso, emitida em ____/____/____ Presidente do Colegiado

Instruções: preencha este formulário e assine. Em seguida crie um arquivo tipo pdf único com esta página no início, seguidas pelos comprovantes das Atividades Curriculares de Extensão, de acordo com a ordem preenchida no quadro. Por fim, envie para coordenação da geografia, através do e-mail: coordgeo@ufc.br

ANEXO II - MANUAL DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

MANUAL DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC

Este Manual do Estágio Profissional do curso de Bacharelado em Geografia, composto a partir do texto do Projeto Pedagógico do Curso 2023, visa trazer orientações, de forma geral e coordenada, para os(as) alunos(as) do Curso de Bacharelado em Geografia, desde os primeiros semestres.

Sua consulta deve, contudo, estar articulada aos demais documentos, normas e legislações que tratam do assunto, bem como às informações constantes no sítio eletrônico da Agência de Estágios da UFC (<https://estagios.ufc.br/pt/>).

Os fundamentos legais aqui adotados baseiam-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 82) – Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Geografia da UFC; no Regimento Geral da UFC; no Estatuto da UFC; na Resolução Nº 12/CEPE, de 19 de junho de 2008, que Dispõe sobre procedimentos a serem adotados em casos de “Reprovação por Frequência” na UFC; na Resolução Nº 32/CEPE, de 30 de outubro de 2009, que Disciplina o Programa de Estágio Curricular Supervisionado para os estudantes dos Cursos Regulares da UFC; na Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre estágio de estudantes; na Resolução CNE/CES Nº 02, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial;

A integralização do Estágio Profissional é condição obrigatória para que o(a) estudante esteja apto(a) a colar grau e possa, por consequência, obter o título de Bacharel(a) em Geografia.

O Estágio Profissional Supervisionado previsto no Projeto Pedagógico do Curso é uma atividade obrigatória individual, a qual o(a) discente deverá cumprir para a obtenção do grau de Bacharel(a) em Geografia. O estágio está em consonância com a Lei Nº 11.788/2008 nos seus artigos 1º, 3º, 5º e 6º, e com a Resolução do CEPE Nº 32/2009.

Os critérios para efetivação da matrícula de discente em atividade de estágio são:

- I – Realização da solicitação de matrícula na atividade curricular de estágio durante o período de matrícula;
- II – Apresentação de termo de compromisso de estágio homologado pela Agência de Estágios da UFC.

Os estágios em empresas e órgãos conveniados serão realizados mediante a celebração de um Termo de Convênio entre a UFC e a Instituição/Empresa interessada, com assinatura do Termo de Compromisso de Estágio, e do Plano de Trabalho, de acordo com a Resolução Nº 32/CEPE, de 30 de outubro de 2009.

Ressalta-se que a partir do presente Projeto Político Pedagógico será considerada, se devidamente comprovada e com carga horária equivalendo 208 horas, a experiência profissional junto à Empresa Júnior da Geografia (Geomaps Consultoria Ambiental), tendo em vista as áreas em que atua a referida empresa júnior, envolvendo conhecimentos caros à formação do Bacharel em Geografia.

Os Estágios Profissionais Supervisionados somente poderão ser iniciados após a aprovação pela Agência de Estágios da UFC, conforme legislação vigente, o que se atesta pela assinatura do Termo de Compromisso de Estágio.

O(a) aluno(a) que tiver Estágio regularizado pela Agência de Estágios deverá encaminhar à Coordenação do Curso uma cópia do Termo de Compromisso de Estágio devidamente assinado. Em caso de necessidade de prorrogação do período de estágio dentro do período letivo, o estudante deverá providenciar o seguinte documento: Termo de Compromisso de Estágio disponível em <http://www.estagios.ufc.br/pt/formularios/termo-de-compromisso> e preenchido em 3 vias, com carimbo e assinatura do representante da Empresa e do estudante. É preciso, também, anexar comprovantes de matrícula e histórico escolar, ambos atualizados. O termo de Compromisso de Estágio deverá ser entregue na Agência de Estágios da UFC.

Caso, por algum motivo, o(a) aluno(a) opte pela desistência do estágio durante o período vigente é necessário a rescisão do Termo de Compromisso de Estágio que poderá ser feita mediante o preenchimento do Termo de Rescisão do Compromisso de Estágio e encaminhamento do documento à Agência de Estágios da UFC e à coordenação do curso.

O estágio deverá ser acompanhado por um(a) professor(a) orientador(a) vinculado ao departamento de Geografia da UFC e por um(a) supervisor(a) na empresa ou órgão contratante. O(a) supervisor(a) deverá ter formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário. Quando se tratar de estágio na Empresa Júnior da Geografia (Geomaps Consultoria Ambiental), o acompanhamento das atividades será realizado pelo professor(a) tutor(a) da Geomaps, que poderá acumular as funções e responsabilidades do(a) professor(a) orientador(a).

A atividade de Estágio Profissional Supervisionado terá carga horária de 208 horas, e período mínimo de 2 (dois) meses de atividade. A jornada de atividades do estágio deve ser compatível com o horário escolar do(a) discente, não ultrapassando 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, nos termos do Artigo 10 da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Como estratégia para gestão da integração entre ensino e mundo do trabalho os alunos do curso são orientados a consultar o sítio da Agência de Estágios da UFC (<https://estagios.ufc.br/>) e o módulo de estágios do SIGAA que pode ser utilizado por estudantes, docentes e coordenadores de cursos de graduação e de pós-graduação da UFC. No sítio da Agência são disponibilizados para o(a) estudante, dentre outros tópicos, as seguintes informações: Dúvidas mais frequentes sobre estágios, Relação dos convênios firmados com a UFC e os locais de estágio, Divulgação de estágios, Relação de Documentos necessários para realização do estágio e a Legislação vigente. Em relação aos convênios firmados, são mais de 1.700 instituições cadastradas no sítio da Agência de Estágios. No módulo de estágios do SIGAA, os membros das comunidades interna e externa da UFC, como repartições públicas, empresas e organizações não governamentais, tem como anunciar a abertura de inscrições para processos seletivos de estagiários. Além de se informar sobre ofertas de estágio, quando clicam na aba "Estágios" do menu discente do SIGAA, os(as) estudantes podem fazer a consulta de documentos como termos de compromisso, aditivos, rescisões e relatórios de atividades de estágio.

Cabe ao estudante consultar as instituições com convênios firmados que oferecem vaga na sua área de atuação. Caso o(a) estudante tenha interesse em realizar estágio em alguma instituição que não tenha firmado previamente convênio com a UFC, este convênio pode ser firmado, desde que a instituição em questão

atenda às exigências legais. Maiores informações e formulários podem ser obtidos no sítio da Agência de Estágios da UFC (<https://estagios.ufc.br/>). Em relação à legislação, a Agência de Estágios disponibiliza fácil acesso à Lei No. 11.788 (Lei do Estágio), à Resolução No. 32/ CEPE e à Portaria No. 123.

O(a) estudante poderá solicitar o aproveitamento de estágio não-obrigatório como equivalente ao Estágio Profissional Supervisionado (obrigatório). Neste caso o(a) estudante deverá buscar um(a) professor(a) orientador(a) e enviar o Termo de Compromisso do Estágio, juntamente com o Plano de Trabalho e o Relatório Final. O aproveitamento somente poderá ser solicitado num prazo máximo de 6 (seis) meses após a finalização do estágio não-obrigatório. O(a) professor(a) orientador(a) analisará os documentos emitindo um parecer acerca do possível aproveitamento, de acordo com a carga horária e atividades desenvolvidas, bem como atribuindo nota e frequência. Em seguida deverá enviar esses dados para a coordenação do curso de Bacharelado em Geografia, através do email coordgeo@ufc.br.

A prática do estágio deve ser entendida em estreita interação com a teoria no movimento dialético da produção do conhecimento, neste sentido, uma não pode ser abordada desarticulada da outra. Conforme tal concepção, a relação teoria/prática deve marcar toda a formação do bacharel, superando o caráter fragmentado que reduz as práticas a apêndices do final dos cursos. Para além de uma compreensão mecanicista, a dimensão prática tem por objetivo oferecer ao futuro profissional, oportunidades de reflexão e inserção na realidade social e técnica, contribuindo para a formação de sua identidade profissional.

Essa compreensão amplia permite perceber sua integralização curricular de diversas formas e com a flexibilidade necessária ao atendimento das especificidades de cada curso e das peculiaridades dos diferentes tempos e espaços. De acordo com as orientações do documento legal que normatiza sobre o tema (Resolução 32/ CEPE, de 30 de outubro de 2009), a dimensão prática deve ser trabalhada nos diferentes desenhos curriculares.

A finalização do estágio conta com a realização de um trabalho final que pode ser Relatório de Estágio ou Portfólio. Ambos seguirão em conforme ao encaminhamento do professor orientador e, a culminância ocorre pela socialização das experiências vivenciadas durante o estágio.

A avaliação da atividade de Estágio Profissional Supervisionado será feita pelo Professor(a) Orientador(a), que enviará para a coordenação, via email (coordgeo@ufc.br), a nota e a frequência do(a) estudante, juntamente com o relatório final.

Será considerado apto(a) na atividade de Estágio Profissional o(a) estudante que obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete vírgula zero) e frequência igual ou superior a 90% (noventa por cento), conforme Regimento Geral da UFC (art. 116, § 2º), Resolução CEPE 32/2009 e Resolução CEPE 12/2008 (art. 1º, § 1º). A coordenação fará o registro da nota e frequência no SIGAA, lançando no histórico escolar do(a) estudante.

Os documentos e formulários citados neste Manual como Termo de Convênio, Termo de Compromisso, Termo Aditivo de Estágio, Termo de Rescisão, Relatório de Atividades, entre outros, assim como diversas informações relevantes inerentes ao tema, estão disponíveis do sítio eletrônico da Agência de Estágios da UFC (<https://estagios.ufc.br/pt/>), onde são frequentemente revisados e atualizados.

CASOS ESPECÍFICOS E OMISSOS

Outros casos específicos e omissos serão resolvidos pelo Colegiado da Coordenação do Curso de Bacharelado em Geografia.

ANEXO III – MANUAL DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

MANUAL DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES DA GRADUAÇÃO (ACG) BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC

Este manual apresenta um conjunto geral de normas que visam orientar o(a) estudante do Curso de Bacharelado em Geografia no tocante à realização, registro e aproveitamento do componente curricular Atividades Complementares. Os fundamentos legais aqui adotados baseiam-se na RESOLUÇÃO Nº 07/CEPE, de 17 DE JUNHO DE 2005, no Regimento Geral, no Estatuto da Universidade Federal do Ceará e Projeto Pedagógico Curricular do curso de Bacharelado em Geografia. A integralização das Atividades Complementares é condição obrigatória para que o(a) estudante esteja apto(a) a colar grau e possa, por consequência, obter o título de Licenciado(a) em Geografia.

Tais atividades configuram-se em um complemento às atividades didático-pedagógicas desenvolvidas ao longo do curso e previstas nos demais componentes curriculares presentes na estrutura curricular, possibilitando assim uma ampliação da formação do estudante nos aspectos acadêmico, profissional, social, esportivo e cultural. Essa formação complementar será obtida a partir do engajamento do(a) discente nas mais diversas atividades extracurriculares oferecidas pelo Departamento de Geografia, pela Universidade Federal do Ceará, por outras Instituições de Ensino Superior ou até mesmo por atividades desenvolvidas fora do ambiente acadêmico.

OBJETIVOS

Objetivos Gerais

- Apresentar ao estudante do Curso de Bacharelado em Geografia da UFC, desde os semestres iniciais, as diretrizes gerais que normatizam o desenvolvimento e a integralização do componente curricular Atividades Complementares.

Objetivos Específicos

- Complementar a formação profissional do estudante do Curso de Bacharelado em Geografia.
- Contribuir para que a formação do futuro egresso seja generalista, humanista e crítica.
- Estimular o espírito empreendedor do corpo discente.
- Incentivar a inserção dos estudantes em atividades de Iniciação Científica e Iniciação à Docência e Extensão.
- Possibilitar uma melhor integração entre universidade e sociedade.
- Auxiliar o(a) estudante na identificação e resolução de problemas encontrados fora do ambiente de sala de aula.
- Promover a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

O(a) estudante do curso de Bacharelado em Geografia deverá cumprir, no mínimo 96 horas de atividades complementares, as quais estão discriminadas a seguir:

- Atividades de Iniciação à Pesquisa - Serão instrumentos que aproximarão o corpo discente da iniciação científica, estimulando o contato com a pesquisa e as áreas de ensino. Poderão ser realizados sob a supervisão de docente do Curso nos diversos laboratórios de ensino e de pesquisa da Universidade.
- Atividades de Extensão - Práticas de Extensão - Compreende as atividades desenvolvidas pelo estudante, sob a orientação docente, caracterizada como de extensão ou de prestação de serviços à comunidade, ligadas a área de atuação do Bacharel. Tais práticas devem contemplar, para fim de cômputo das Atividades Complementares, as horas excedentes de ações extensionistas, para que não ocorra sobreposição entre as Atividades Complementares e a Unidade Curricular Especial de Extensão.
- Atividades artístico-culturais e esportivas – Compreende a participação do estudante em grupos artísticos-culturais, bem como participação em atividades esportivas, ambas sendo praticadas no âmbito da UFC.

- Atividades de participação e/ou organização de eventos - A participação do estudante em eventos de caráter científico-cultural deverá ser incluída no currículo do aluno como hora/atividade complementar, com ou sem apresentação de trabalho.
- Experiências ligadas à formação profissional e/ou correlatas - Serão instrumentos de iniciação profissional, voltados para o ensino-aprendizagem, que colocarão os alunos diretamente em contato com a realidade dos escritórios de planejamento.
- Produção técnica e/ou científica - Produção de artigos, resumos, publicação de textos em livros, entre outras produções equivalentes.
- Outras atividades, estabelecidas de acordo com o Art. 3o. da Res. 07/2005 (CEPE/UFC) - São atividades que podem ser definidas pelo Colegiado do Curso de Geografia, por não estarem contempladas neste documento.
- Trabalhos de Campo e Visitas Técnicas - Serão considerados para o cômputo das atividades complementares os trabalhos de campo e visitas técnicas desenvolvidos fora daquelas atividades previstas e/ou desenvolvidas nas disciplinas dos núcleos obrigatórios e de opções livres, ou seja, quando não representarem ações realizadas como parte da integralização de disciplinas (obrigatórias ou optativas); isto é, sejam campos ou visitas excedentes.
- Participação em bancas de apresentação de monografias e dissertações, bem como em defesas de teses de doutorado – A participação como ouvinte do discente em bancas deve ser incluída no seu currículo como hora/atividade complementar.

Para efeito de homologação das atividades complementares realizadas ao longo do Curso, discentes e docentes deverão considerar o limite de horas aceitas em cada atividade/modalidade, tendo em vista o Quadro de Validação das Atividades Complementares apresentado mais adiante. É de responsabilidade da Coordenação do Curso, indicar os Professores em condições de emitir o parecer para homologação das atividades realizadas pelo discente, preferencialmente no semestre previsto para a conclusão do curso.

ATRIBUIÇÕES

Atribuições do(a) Aluno(a)

- Cumprir a carga horária total de 96 h (06 créditos) de Atividades Complementares prevista no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Geografia.
- Procurar a coordenação para dirimir eventuais dúvidas relacionadas a esse tema.
- Providenciar a documentação que comprove a realização dessas atividades.

Atribuições da Coordenação

- Supervisionar o desenvolvimento das atividades complementares.
- Analisar e validar as documentações apresentadas pelos estudantes.
- Avaliar e pontuar as atividades que foram previamente validadas.
- Comunicar os estudantes quanto à carga horária validada.
- Realizar o registro da integralização do componente curricular no SIGAA.

CONTABILIZAÇÃO E REGISTRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

A contabilização e registro do componente curricular Atividades Complementares acontecerá preferencialmente no decorrer do último ano letivo do discente no curso. O estudante deverá enviar para a Coordenação do Curso, a Ficha Para Emissão do Parecer do Memorial – ACG preenchida, bem como o Quadro de Validação das Atividades Complementares preenchido, acompanhados das respectivas documentações comprobatórias. Entende-se por documentações comprobatórias: declarações, atestados, certificados, históricos, diplomas, bem como outros documentos que a Coordenação possa constatar a autenticidade dos mesmos. Caberá à coordenação do curso verificar se o discente encontra-se na situação de aluno concludente, deferir a solicitação de matrícula e efetuar o registro dessa matrícula no SIGAA.

CASOS ESPECÍFICOS E OMISSOS

Os casos específicos e omissos serão resolvidos pelo Colegiado da Coordenação do Curso de Bacharelado em Geografia.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES DA GRADUAÇÃO (ACG)

BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC

FICHA PARA EMISSÃO DO PARECER DO MEMORIAL – ACG

Eu, _____ aluno (a) do _____ semestre do Curso de Bacharelado, matrícula de número _____ venho, por meio deste formulário, requerer o parecer do Memorial de Comprovantes das minhas 96 horas de Atividades Complementares de Graduação.

Para tanto, envio a seguir o Quadro de Atividades preenchido, juntamente com os comprovantes, na mesma ordem das atividades preenchidas no quadro.

Data ____/____/____

Assinatura do(a) Aluno(a) _____

Parecer emitido em ____/____/____ _____ Docente Responsável

Homologação do Colegiado do Curso, emitida em ____/____/____ Presidente do Colegiado
--

Instruções: preencha este formulário e assine. Preencha também o quadro da página a seguir. Em seguida crie um arquivo tipo pdf único com estas duas páginas no início, seguidas pelos comprovantes das Atividades Complementares de Graduação, de acordo com a ordem preenchida no quadro da página seguinte. Por fim, envie para coordenação da geografia, através do e-mail: coordgeo@ufc.br

BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC Quadro de Atividades e Validações nas Atividades Complementares de Graduação Formulário conforme a RES. 07/2005 do CEPE/UFC			
ATIVIDADE E MODALIDADE	CARGA HORÁRIA MÁXIMA	Total de horas na atividade (preenchimento obrigatório)	Certificação (não preencher – preenchido pela coordenação)
1. Atividades de Iniciação dedicadas à docência, pesquisa e/ou extensão	96 horas		
1.1 Docência (monitoria)	32 horas		
1.2 Pesquisa (bolsista)	32 horas		
1.3 Extensão*	32 horas		
1.4 Grupo de Estudo	24 horas		
1.5 Outras atividades equivalentes	12 horas		
Total de horas na modalidade 1:			
2. Produção Técnica e/ou Científica	96 horas		
2.1 Publicação de artigo científico	32 horas		
2.2 Trabalho técnico	18 horas		
2.3 Publicação de texto em livro	12 horas		
2.4 Publicação de resumo	8 horas		
2.5 Outras atividades equivalentes	12 horas		
Total de horas na modalidade 2:			
3. Atividades artístico-culturais e esportivas	80 horas		
3.1 Atividade Artística-cultural	40 horas		
3.2 Atividade Esportiva	40 horas		
3.3 Outras atividades equivalentes	12 horas		
Total de horas na modalidade 3:			
4. Experiências ligadas à formação profissional e/ou correlatas	64 horas		
4.1 Associação civil	24 horas		
4.2 Empresa ou órgão público	24 horas		
4.3 Campanha específica	12 horas		
4.4 Curso de Capacitação	12 horas		
4.5 Minicurso	04 horas		
4.6 Outras atividades equivalentes	Min. 04 h		
Total de horas na modalidade 4:			
5. Atividades de participação e/ou organização de eventos	32 horas		
5.1 Comissão Organizadora	24 horas		
5.2 Exposição de trabalhos	12 horas		
5.3 Participação	8 horas		

Total de horas na modalidade 5:			
6. Vivências de gestão	48 horas		
6.1 Cargos na Empresa Júnior da Geografia	24 horas		
6.2 Cargos no Centro Acadêmico	24 horas		
6.3 Outras atividade equivalente	12 horas		
Total de horas na modalidade 6:			
7. Outras atividades, estabelecidas de acordo com o Art. 3o. da Res. 07/2005 (CEPE/UFC)	48 horas		
7.1 Trabalhos de campo e visitas técnicas**	24 horas		
7.2 Participação como ouvinte em bancas	12 horas		
7.3 Outras atividades equivalentes	12 horas		
Total de horas na modalidade 7:			
TOTAL GERAL DE HORAS (modalidades 1+ 2+ 3+ 4+ 5+ 6+ 7):			

** Item '1.3 – extensão': serão computadas somente horas excedentes, não utilizadas no cômputo das horas de atividades curriculares de extensão. Destaca-se que neste item o aluno precisa ter participado de uma ação de extensão como protagonista/extensionista, atuando diretamente junto à equipe extensionista e não como beneficiário da ação, enquanto comunidade.*

*** Item '7.1 – Trabalhos de campo e visitas técnicas': Serão considerados para o cômputo das atividades complementares os trabalhos de campo e visitas técnicas desenvolvidos fora daquelas atividades previstas e/ou desenvolvidas nas disciplinas dos núcleos obrigatórios e de opções livres, ou seja, quando não representarem ações realizadas como parte da integralização de disciplinas (obrigatórias ou optativas); isto é, sejam campos ou visitas excedentes.*

ANEXO IV – MANUAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MANUAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC

Este manual apresenta um conjunto geral de normas que visam orientar o(a) estudante do Curso de Bacharelado em Geografia no tocante à realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Os fundamentos legais aqui adotados baseiam-se no Regimento Geral da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Estatuto da UFC, no Projeto Pedagógico Curricular do curso de Bacharelado em Geografia, na Resolução Nº 12/CEPE (19/06/2008), na Resolução Nº 23/CEPE (03/10/2014) e no Ofício Circular Nº 04/2014/BU. A realização do TCC é condição obrigatória para que o estudante esteja apto a colar grau e possa, por consequência, obter o título de Bacharel(a) em Geografia.

A elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com carga horária de 64h, tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisa referente a temas específicos da formação profissional de Geografia que estão em sintonia com as experiências e vivências do bacharelado nas atividades de pesquisa, ensino e extensão.

O TCC representa atividade obrigatória, já que para a obtenção do título de Bacharel em Geografia será exigida a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, com orientação de um(a) dos(as) docentes do Curso.

Considerado como atividade curricular adequada ao final do curso, o TCC pode ser iniciado em qualquer etapa do Bacharelado. Porém, é preferencialmente cadastrado no 7º semestre do curso. A exposição e avaliação pública do TCC é condição básica para a diplomação (colação de grau) de todo(a) e qualquer aluno(a) do Bacharelado.

Cada aluno(a), individualmente ou em dupla, deve procurar os(as) professores(as) do curso para sistematizar possíveis projetos de TCC, antes do cadastramento da atividade, o qual é feito a partir da entrega do Termo de Aceite preenchido e assinado pelo(a) aluno(a) e pelo(a) professor(a) orientador(a), junto

à Secretaria da Coordenação. O período deste cadastramento será informado pela Coordenação semestralmente.

Fica sob a responsabilidade do professor orientador em parceria com a coordenação, inscrever o(a) candidato(a) e a comissão de avaliação composta por ele e mais dois examinadores, como confirmação de que o trabalho pode ser apresentado.

Deve ser requerido no ato da formalização da orientação do TCC, conforme assinatura do Termo de Aceite da orientação, que o(a) aluno(a) em qualquer das modalidades a seguir expostas o apresente seguindo as normas presentes do Guia de normalização da UFC para projetos acadêmicos.

Fica a critério do professor orientador, em comum acordo com o orientando, definir a modalidade de TCC que representará seu estudo de conclusão da graduação (bacharelado) em Geografia, sendo que a escolha da modalidade deve ser formalizada junto à coordenação.

O TCC será expresso na elaboração de um estudo acadêmico, cuja forma de concepção e desenvolvimento pode corresponder a uma dessas três modalidades.

1. **MEMORIAL:** é uma autobiografia (geral ou temática) que descreve, analisa e critica acontecimentos sobre a trajetória acadêmica, profissional e intelectual do candidato, refletindo aspectos de sua experiência acumulada na academia. Recomenda-se que o memorial inclua em sua estrutura seções que destaquem as informações mais significativas, como a formação, as atividades técnico-científicas e artístico-culturais, as atividades docentes, as atividades de administração, a produção científica, entre outras.
2. **MONOGRAFIA:** é um texto acadêmico acerca de um tema específico, resultante de investigação científica. Possui, portanto uma organização convencional, incluindo tema, problemática, objetivos, metodologia, revisão de literatura, acompanhada de análise crítica, síntese ou categorização realizada pelo autor. O material bibliográfico levantado deve ser organizado de modo a dar uma visão integradora do tema relacionado à educação geográfica.
3. **ARTIGO CIENTÍFICO:** é um trabalho mais condensado (com menos de 30 páginas) cuja finalidade é a de registrar investigação realizada e divulgar

resultados obtidos à comunidade científica. Seus parâmetros de organização devem seguir recomendações feitas a autores, conforme instruções dadas por revistas e periódicos qualificados pela CAPES. Sua estrutura básica é: introdução, metodologia, resultados, conclusão e referências.

Sobre o encaminhamento do TCC à Comissão Avaliadora, ressalta-se que a versão digital a ser entregue com cópia à Coordenação, deve ocorrer com antecedência mínima de 10 (dez) dias corridos da seção pública. A versão final do TCC deve seguir a Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UFC. A revisão do texto deve passar por profissional competente, antes da disponibilização no repositório de publicações da UFC.

A não submissão do TCC para a Comissão Avaliadora no prazo, já denota a falta de condições de sua defesa e apreciação pela Comissão; neste caso prorroga-se a diplomação do candidato, respeitando-se o prazo limite para conclusão do curso de cada aluno(a).

Fica a critério da Coordenação, atualizar semestralmente os prazos e encaminhamentos para a realização da Seção Pública. Os professores orientadores ficam responsáveis pelo planejamento e realização da Seção pública, providenciando os encaminhamentos para sua organização, em parceria com a Coordenação do curso. É de responsabilidade da Coordenação a elaboração da Ata e das declarações dos professores examinadores e professor(a) orientador(a).

A responsabilidade pela avaliação do TCC é do(a) professor(a) orientador(a), que junto com o(a) orientando(a), indica à Secretaria da Coordenação dois examinadores (no mínimo) graduados em Geografia (ou áreas afins) para formar a Comissão Avaliadora e apresentar pareceres do TCC em Seção Pública.

A mensuração do TCC será feita com base nos seguintes critérios:

1. Qualidade, originalidade e consistência do estudo proposto, conforme a modalidade indicada.
2. Consistência teórico metodológica no campo da Educação geográfica;
3. Cumprimento das normalizações estabelecidas;

4. Elementos que demonstram o comprometimento do candidato com o estudo proposto.

5. Conjunto do trabalho

A Comissão Avaliadora – Orientador(a) e Examinadores(as) - atribuirá uma avaliação final por médias individuais ou consenso na atribuição de uma nota coletiva. Será considerado aprovado o aluno (ou equipe de alunos) que obtiver, no mínimo, a nota igual ou superior a 7,0 (sete) na escala de 0,0 (zero) a 10,0 (dez).

Da inscrição do TCC ao momento da Seção Pública, o Orientador tem o direito de solicitar a suspensão da apresentação, por qualquer motivo justificável, seja relacionado ao trabalho ou ocorrências extraordinárias. No caso de Seção suspensa, é facultativo ao Orientador solicitar uma nova data ou prazo para essa exposição, cabendo a Coordenação deliberar sobre o pedido.

Realizada a Seção, a nota final, estabelecida só será registrada no sistema acadêmico, pelo coordenador e/ou orientador mediante a apresentação e devolução à Coordenação da Ata da Seção Pública preenchida e assinada pelos examinadores.

A apresentação do TCC poderá ocorrer ao longo do período semestral não coincidindo com as avaliações finais, sem qualquer necessidade de justificativa prévia por parte do professor orientador.

Ressalta-se que a divulgação de manuais atualizados de apoio à produção dos trabalhos será realizada pela Coordenação do curso de forma permanente, por meio digital, utilizando para tanto a plataforma do SIGAA. Ademais, a disponibilização dos TCC se dará na biblioteca universitária, via repositório institucional da Universidade Federal do Ceará, acessíveis pela internet.

O não cumprimento das normas aqui expostas implicará na realização de nova matrícula na atividade TCC, respeitando-se o prazo limite para conclusão do curso de cada aluno(a).

Os casos não previstos por esta normativa serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Bacharelado Geografia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
(TERMO DE ACEITE)

Eu, _____, declaro estar ciente de que o(s)_
discente(s) _____
_____, número(s) de matrícula _____
_____, pretendem desenvolver o TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO sob
minha orientação, no semestre ____/____.

Nestes termos, solicito que a Coordenação do Curso efetue a matrícula na
referida atividade.

Fortaleza, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) Discente

Assinatura do(a) Orientador(a)

Instruções: Este formulário, depois de preenchido e assinado, deve ser enviado para a coordenação da geografia, através do e-mail: coordgeo@ufc.br.

ANEXO V – REGIMENTO INTERNO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE REGIMENTO INTERNO BACHARELADO EM GEOGRAFIA – UFC

CAPÍTULO I

DAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º. O presente Regulamento disciplina as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Ceará, em conformidade com a Resolução CONAES nº 01/2010 e com a Resolução nº 10/CEPE, de 1º de novembro de 2012 da Universidade Federal do Ceará, que dispõem sobre a estrutura e funcionamento do NDE no âmbito dos cursos de graduação.

Art. 2º. O NDE é o órgão consultivo responsável pela formulação, implementação e desenvolvimento do Projeto Pedagógico do curso. Além da função consultiva, o mesmo possui função avaliativa, propositiva e de assessoramento no que diz respeito às matérias de natureza eminentemente acadêmica do referido curso, servindo como órgão de apoio ao Colegiado do Curso, sendo essencial o alinhamento estratégico desses dois órgãos, tendo em vista o desenvolvimento de planos de ações conjuntas.

Parágrafo Único: É vedado ao NDE do Curso de Bacharelado em Geografia da UFC apreciar matéria que não se relacione EXCLUSIVAMENTE com os interesses acadêmicos do curso.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 3º. São atribuições do NDE:

- i. Revisar e atualizar trienalmente, ou sempre que necessário, o projeto pedagógico do curso (PPC) de Bacharelado em Geografia e encaminhar propostas de reestruturação curricular ao Colegiado do Curso para apreciação/aprovação;
- ii. Zelar pelo cumprimento das diretrizes gerais dos planos de ensino das disciplinas do Curso e de suas respectivas ementas, recomendando ao

Coordenador do Curso, modificações dos planos de ensino para fins de compatibilização;

iii. Buscar integrar as diferentes atividades de ensino constantes do currículo através do uso de abordagens inter- e transdisciplinares;

iv. Contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso e dos objetivos do curso estabelecidos no PPC;

v. Sugerir ações voltadas para a formação (capacitação) docente;

vi. Incentivar o desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

vii. Recomendar a aquisição de lista de títulos bibliográficos e outros materiais necessários ao Curso;

viii. Elaborar, em parceria com a Coordenação de curso, planos de melhoria com base nos resultados de avaliação institucional e também em processos avaliativos do Ministério da Educação/ INEP.

CAPÍTULO III

DA COMPOSIÇÃO DO NDE

Art. 4º. O NDE será constituído nos seguintes termos:

- i. Pelo(a) Coordenador(a) do curso em exercício, como membro nato;
- ii. Por, no mínimo, 5 (cinco) professores pertencentes ao corpo docente do curso.

§ 1º - Os docentes e membros do NDE devem possuir o título de doutor ou equivalente, com regime de trabalho de tempo integral, dedicação exclusiva e, pelo menos 03 anos de experiência no ensino superior.

§ 2º - 40% dos membros do NDE devem atuar ininterruptamente no curso, desde o último ato regulatório.

Art. 5º. A indicação dos representantes do NDE será feita em reunião do Colegiado do Curso Bacharelado em Geografia.

Art. 6º. O mandato dos representantes docentes no NDE será de 3 (três) anos, podendo haver uma recondução por mais 3 (três) anos, com aprovação do Colegiado do Curso.

§ 1º - O prazo do mandato poderá ser abreviado a qualquer tempo, desde que o(s) membro(s) manifeste(m) desejo de interrupção, por decisão pessoal ou desligamento da UFC.

§ 2º - O coordenador do curso poderá pedir o desligamento de membro do NDE, a qualquer tempo, levando em consideração a atuação do docente. O desligamento de membro do NDE deve ser aprovado pelo Colegiado do Curso.

§ 3º - São razões que podem motivar o desligamento do docente do NDE:

- (a) falta não justificada em mais de três reuniões;
- (b) não cumprimento repetido das atribuições feitas para o docente no âmbito do NDE;
- (c) conduta incompatível com o Código de Ética do Serviço Público.

§ 4º - O Colegiado do Curso deverá assegurar a estratégia de renovação parcial dos membros do NDE, de modo a garantir a continuidade no processo de acompanhamento do curso, caso seja necessário.

CAPÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DOS MEMBROS

Art. 7º. Compete aos membros do NDE:

- i. Eleger o presidente através de votação em escrutínio secreto, com ganho por maioria simples dos votos.
- ii. Convocar as reuniões, quando em maioria simples de seus membros;
- iii. Participar das reuniões convocadas e justificar as ausências para o presidente;
- iv. Atuar como secretário ad hoc, quando na ausência da Assistente em Administração da Coordenação dos cursos de Geografia;
- v. Representar o NDE junto aos órgãos da instituição, na impossibilidade do presidente;
- vi. Atuar como relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo NDE;
- vii. Propor alterações do Regimento Interno do NDE.

Art. 8º. Compete ao Presidente do NDE:

- i. Organizar a pauta, convocar e presidir as reuniões do NDE;
- ii. Exercer o voto de qualidade, quando ocorrer empate nas votações;
- iii. Coordenar e supervisionar os trabalhos do NDE;
- iv. Representar o NDE junto aos órgãos da instituição;
- v. Encaminhar as deliberações do NDE aos órgãos competentes;
- vi. Designar secretário *ad hoc*, relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo NDE;
- vii. Coordenar a integração do NDE com os demais órgãos Colegiados e setores da instituição;
- viii. Propor alterações do Regimento Interno do NDE.
- ix. Promover a integração com os demais Núcleos Docentes da Instituição, visando a troca de práticas e experiências.
- x. Emitir, quando necessário, declaração de comprovação de participação dos membros nas atividades do NDE.

CAPÍTULO V

DAS REUNIÕES

Art. 9º. O NDE reunir-se-á, ordinariamente, por convocação de iniciativa do Coordenador do curso, pelo menos, 1 (uma) vez por semestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros.

§ 1º - A convocação dos seus membros para reunião deve ser feita com antecedência mínima de 02 (dois) dias úteis antes da hora marcada para o início da sessão, via ofício contendo a pauta da reunião.

§ 2º - Somente em casos de extrema urgência poderá ser reduzido o prazo de que trata o caput deste artigo, desde que todos os membros do NDE do Curso tenham conhecimento da convocação e ciência das causas determinantes de urgência dos assuntos a serem tratados.

§ 3º - O NDE poderá requisitar junto à Coordenação, o pessoal técnico necessário para auxiliar nas suas atividades.

Art. 10º. O quorum exigido para legitimidade das reuniões do NDE é de 50% mais um dos membros.

Art. 11º. As decisões do NDE serão tomadas também por maioria simples de votos, com base no número de presentes.

Art. 12º. Observar-se-ão nas votações os seguintes procedimentos:

- i. Em todos os casos a votação é em aberto;
- ii. Qualquer membro do NDE pode fazer constar em ata expressamente o seu voto;
- iii. Nenhum membro do NDE deve votar ou deliberar em assuntos que lhe interessem pessoalmente;
- iv. Não são admitidos votos por procuração.

Art. 13º. A ata das reuniões do NDE será lavrada e depois de lida e aprovada, deverá ser assinada pelos membros presentes na reunião subsequente.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 14º. Os casos omissos serão discutidos em reunião do NDE e encaminhados ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Geografia.

ANEXO VI - LISTA DE DOCUMENTOS DE ORIENTAÇÃO

[Apresentação – Prática como componente curricular](#)

[Estrutura curricular e seus elementos](#)

[Instrumento de avaliação INEP/MEC 2016](#)

[Manual de Estágio da UFC](#)

[Orientações básicas para criação de componente curricular Orientações sobre Regimento Interno NDE Plano Nacional de Graduação FORGRAD 1999](#)

[Referenciais de Acessibilidade INEP/MEC 2013](#)

[Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Atividades Complementares Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Estágio Supervisionado Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Trabalho de Conclusão de Curso](#)

LEGISLAÇÃO

[Acessibilidade a deficientes – Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004](#)

[Atividades complementares – Resolução nº 07 – CEPE, de 17 de junho de 2005](#)

[Atividades complementares de cursos de tecnologia – Parecer nº 239 – CNE Avaliação presencial para EaD – Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005](#)

[Bibliografia Básica e Complementar – Resolução nº 10 – CEPE, de 23 de setembro de 2013](#)

[Carga Horária Docente – Resolução nº 23 – CEPE, de 03 de outubro de 2014](#)

[Carga Horária Mínima e Integralização – Resolução nº 02 – CNE, de 18 de junho 2007](#)

[Carga Horária Mínima e Procedimentos para Integralização cursos da área de saúde – Resolução nº 04 – CNE, de 06 de abril 2009](#)

[Carga horária mínima para cursos superiores de tecnologia – Portaria nº 10 – MEC, de 28 de julho de 2006](#)

[Conceito de hora-aula – Resolução nº 03 – CNE, de 02 de julho de 2007 Curricularização da Extensão. Resolução CEPE n 28, de 1 de dezembro de 2017](#)

[Curricularização de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003](#)

[Curricularização de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008](#)

[Destinação de Carga Horária EaD – Portaria nº 4.059 – MEC, de 10 de dezembro de 2004 Diretrizes Curriculares – Cursos de Graduação](#)

[Diretrizes Curriculares – Cursos de Graduação na modalidade a distância – Resolução nº 01 – CNE, de 11 de março de 2016](#)

[Diretrizes Curriculares – Educação Básica – Resolução nº 04- CNE, de 13 de julho de 2010](#)

[Diretrizes Curriculares – Formação de Professores Indígenas – Resolução nº 01 – CNE, de 7 de janeiro de 2015](#)

[Educação Ambiental – Lei nº 9.795, de 27 de abril 1999](#)

[Educação Ambiental – Decreto nº 4.281, de 25 de junho 2002](#)

[Educação Ambiental – Resolução nº 02 – CNE, de 15 de junho de 2012](#)

[Educação das Relações Etnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Resolução nº 01 – CNE, de 17 de junho de 2004](#)

[Educação em Direitos Humanos – Resolução nº 01 – CNE, de 30 de maio de 2012](#)

[Eixos temáticos – Relações Etnico-Raciais e Africanidades, Educação Ambiental e](#)

[Educação em Direitos Humanos, de 03 de junho de 2013 – Portaria nº 21 –](#)

[PROGRAD/UFC, de 03 de junho de 2013](#)

[Estágio – Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008](#)

[Estágio Curricular Supervisionado – Resolução nº 32 – CEPE, de 30 de outubro 2009
Formação de tecnólogos – Parecer nº 436 – CNE LIBRAS – Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005](#)

[LIBRAS – Portaria nº 19 – PROGRAD/UFC, de 26 de novembro de 2009](#)

[Núcleo Docente Estruturante – Resolução nº 01 – MEC/CONAES, de 17 de junho de 2010](#)

[Núcleo Docente Estruturante – Resolução nº 10 – CEPE, de 01 de novembro de 2012](#)

[Portaria nº 2.167, publicada no D.O.U. de 20/12/2019, Seção 1, Pág. 142](#)

[Prazos de processos – Ofício circular nº 16 – PROGRAD/UFC, de 4 de outubro de 2011](#)

[Reprovação por Frequência – Resolução nº 12 – CEPE, de 19 de junho de 2008](#)

[RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019](#)

[Atividades complementares - Resolução nº 7/CEPE, de 17 de junho de 2005](#)

[Tempo Máximo para Conclusão de Cursos – Resolução nº 14 – CEPE, de 03 de dezembro de 2007](#)

[Trâmite de processos – Ofício circular nº 15 – PROGRAD/UFC, de 12 de novembro de 2013](#)

[Unidades Curriculares – Resolução nº 07 – CEPE, de 08 de abril 1994](#)